



Vera Lucia Marques da Silva

Sob a égide do chicote:

Uma leitura acerca do amor na contemporaneidade

Tese de doutorado

Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais da PUC-Rio como requisito parcial para obtenção do grau de Doutora em Ciências Sociais.

Orientadora: Profa. Sonia Maria Giacomini

Rio de Janeiro
Agosto de 2015



Vera Lucia Marques da Silva

Sob a égide do chicote: uma leitura do amor na contemporaneidade

Tese apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Doutor pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais do Departamento de Ciências Sociais do Centro de Ciências Sociais da PUC-Rio. Aprovada pela Comissão Examinadora abaixo assinada.

Profa. Sônia Maria Giacomini

Orientadora
Departamento de Ciências Sociais/PUC-Rio

Prof. Jorge Leite Júnior

UFSCAR

Prof. Maria Elvira Diaz Benitez

UNICAMP

Profa. Maria Isabel Mendes de Almeida

Departamento de Ciências Sociais/PUC-Rio

Prof. Valter Sinder

Departamento de Ciências Sociais/PUC-Rio

Profa. Mônica Herz

Coordenadora Setorial do Centro
de Ciências Sociais – PUC-Rio

Rio de Janeiro, 10 de agosto de 2015

Todos os direitos reservados. É proibida a reprodução total ou parcial do trabalho sem autorização do autor, do orientador e da universidade.

Vera Lucia Marques da Silva

Graduou-se em Comunicação Social na UERJ (Universidade do Estado do Rio de Janeiro) em 1992. Cursou Comunicação e Espaço Urbano na UERJ em 1996 e Sociologia Política e Cultura no CCE/PUC-Rio em 2005. Após ocupar cargos de chefia em grandes multinacionais, tornou-se servidora pública concursada na Fiocruz (Fundação Oswaldo Cruz), atuando como pesquisadora e docente. Atualmente, seu foco de pesquisa refere-se às imbricações entre gênero e sexualidade, tendo por perspectiva a emancipação do gênero feminino.

Ficha Catalográfica

Silva, Vera Lucia Marques da

Sob a égide do chicote: Uma leitura acerca do amor na contemporaneidade / Vera Lucia Marques da Silva; orientadora: Sonia Maria Giacomini. – 2015.

178f. ; 30 cm

Tese (Doutorado em Ciências Sociais)–Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2015.

Inclui bibliografia

1. Antropologia – Teses. 2. Amor. 3. Erotismo. 4. Gênero. 5. Sexualidade. 6. BDSM. I. Giacomini, Sonia Maria. II. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Departamento de Ciências Sociais. III. Título.

CDD: 301

Aos meus queridos
filhos, Thiago e João Paulo,
e pais, Maria Esperança (*in memoriam*) e José.

Agradecimentos

Este é um momento em que as palavras frágeis e limitadas não são capazes de dar conta dos sentimentos que quero expressar. Esta tese corporifica a realização de um sonho por muitos anos acalentado. Por isso, minha gratidão e amizade a todos que, de uma forma ou de outra, participaram dessa realização serão eternas.

À PUC-Rio, pela bolsa de isenção das taxas escolares;

A todos os professores do Departamento de Ciências Sociais, dos quais tive a honra de ser aluna;

À professora Sonia Maria Giacomini por orientar-me tão sabiamente nessa empreitada;

Aos professores Valter Sinder, María Elvira Díaz-Benítez e Maria Filomena Gregori por suas considerações e sugestões que nortearam esta pesquisa;

Ao professor Jorge Leite Junior por sua enorme generosidade intelectual;

À professora Maria Isabel Mendes de Almeida por suas preciosas contribuições durante a banca de defesa desta tese;

À Ana Roxo e Mônica Gomes, pelo carinho, orientação e apoio constante na condução da secretaria do Departamento;

À Fiocruz, na pessoa de minha querida chefe Maria Helena Barros de Oliveira, bem como de meus colegas de trabalho, pelo apoio incondicional;

Aos meus alunos com os quais tive a oportunidade de apresentar e discutir ideias contidas neste trabalho;

Aos amigos, agradeço a paciência em me ouvir falar tantas vezes desta tese e dividir comigo as dores e alegrias que a envolveram;

Aos meus pais, pelo exemplo diário de vida, amor, sabedoria, luta e determinação e, particularmente, à minha mãe, por tudo que fez por mim, das fraldas aos puxões de orelhas, das lágrimas compartilhadas às vitórias alcançadas, com muita saudade;

Aos meus filhos Thiago e João Paulo, por serem minha fonte constante de motivação para seguir em frente;

À vida, a Deus.

Resumo

Silva, Vera Lucia Marques da; Giacomini, Sonia Maria (Orientadora). **Sob a égide do chicote: Uma leitura acerca do amor na contemporaneidade.** Rio de Janeiro, 2015. 178p. Tese de Doutorado – Departamento de Ciências Sociais. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

Esta investigação toma por objeto de estudo a subcultura BDSM – Bondage, Disciplina, Dominação, Submissão e Sadomasoquismo e a sua concepção de amor. No centro dessa subcultura, estão jogos sexuais que erotizam o poder e que são comumente denominados jogos de dominação e submissão. Por meio de uma etnografia virtual, percebeu-se a existência de um modelo de amor com contornos bem específicos – o “amor BDSM”. A partir da definição de algumas das nuances dessa categoria nativa, buscou-se dialogar com certos elementos do amor romântico e do amor confluyente, caracterizado por Anthony Giddens, a fim de se refletir sobre possíveis aproximações e tensões envolvidas na tipologia amorosa. Como manifestação contemporânea, o “amor BDSM” dialoga com outras formas de amor e com as relações de gênero existentes na sociedade envolvente.

Palavras-chave

Amor; erotismo; gênero; sexualidade; BDSM.

Abstract

Silva, Vera Lucia Marques da; Giacomini, Sonia Maria (Advisor). **Under the aegis of the whip: a reading of love in contemporary**. Rio de Janeiro, 2015. 178p. PhD Thesis – Departamento de Ciências Sociais, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

This research takes as object of study the subculture BDSM – Bondage, Discipline, Domination, Submission and Sadomasochism and his conception of love. At the center of this subculture are sexual games that eroticize power and which are commonly called of dominance and submission games. Through a virtual ethnography, it is realized the existence of a model of love with very specific contours – “love BDSM”. From the definition of some of the nuances of this native category, this investigation tried to talk to certain elements of romantic love and confluent love, characterized by Anthony Giddens, in order to reflect on possible approaches and tensions involved in loving type. As contemporary manifestation, the “love BDSM” dialogue with other forms of love and the relations of gender in the surrounding society.

Keywords

Love; eroticism; gender; sexuality; BDSM.

Lista de abreviaturas e siglas

BDSM – acrônimo que significa Bondage, Disciplina, Dominação, Submissão e Sadomasoquismo.

Ds, D/S ou D&S – relação ou jogo de dominação e submissão.

DSM – do inglês, *Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders* ou, em português, Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais.

GMSMA – sigla utilizada pelo grupo ativista Gay Male S/M Activists.

RACK – abreviação do princípio *Risk-Aware Consensual Kink*, por meio do qual adeptos do BDSM afirmam estar conscientes dos riscos envolvidos nas práticas que realizam, mas ainda assim consentem com as mesmas.

SSC – princípio defendido pelo grupo BDSM como norteador de suas práticas e que significa São, Seguro e Consensual.

SM – Sadomasoquismo.

S/M – Sadismo/Masoquismo.

S&M – Sadismo e Masoquismo.

TPE – *Total Power Exchange*; nessa modalidade, o escravo perde consensualmente todos os seus direitos.

UOL – Universo Online, empresa brasileira de conteúdo e serviços de internet.

Sumário

Introdução	12
1. Conhecendo o campo	23
1.1. Origens do BDSM	24
1.2. BDSM hoje	26
1.2.1. Estrutura hierárquica do BDSM	33
1.2.2. O estilo de vida BDSM	40
1.2.3. Brinquedos sexuais e a maximização do humano	56
2. A psiquiatrização do sexo não-normativo	60
2.1. Sexualidade: do normal ao patológico	60
2.1.1. O DSM e suas transformações	65
2.2. Estigma e violência	73
3. Ajoelhe-se! Sim!	78
3.1. A natureza da dominação e da submissão	80
3.1.1. A Supremacia Feminina como filosofia de vida	86

3.2. Relações Ds: direitos, deveres e posturas adequadas	89
3.3. Fantasias	94
3.4. Diferenças de gênero	108
4. O amor sob o chicote	112
4.1. Amor: do que se trata?	112
4.2. O amor romântico na história	113
4.3. O amor desvencilhando-se das amarras?	116
4.4. Amor e BDSM: uma combinação possível?	125
5. Na senzala em tempo integral	135
5.1. A relação “24/7”	135
5.2 Amor romântico, amor na contemporaneidade e amor BDSM: algumas aproximações possíveis	146
6. Considerações finais	151
Glossário	159
Referências bibliográficas	161

“Uma das coisas que aprendi é que se deve viver apesar de. Apesar de, se deve comer. Apesar de, se deve amar. Apesar de, se deve morrer. Inclusive muitas vezes é o próprio apesar de que nos empurra para a frente. Foi o apesar de que me deu uma angústia que insatisfeita foi a criadora de minha própria vida.”

Clarice Lispector (1998, p. 26)

Introdução

Este trabalho pretende tematizar a concepção de amor presente entre praticantes de BDSM, eleito como objeto de estudo.¹ O termo BDSM surgiu em 1991 como um substituto dos termos SM, S/M, S&M, tendo em vista o estigma social que recai sobre essas denominações dada a sua patologização (REIERSOL; SKEID, 2011). Visa, também, identificar as diversas práticas que essa designação abarca. A escolha do amor como categoria de análise justifica-se por dois motivos. Primeiro: a discussão sobre o amor é muito presente no campo, consistindo em assunto bastante polêmico entre os nativos. E, em segundo, porque comungo da ideia, defendida por alguns teóricos, como, por exemplo, Mark B. Padilla (2007), de que o amor pode ser uma lente útil para a análise social, por indicar conexões entre diferentes dimensões sociais: econômica, cultural, interpessoal, entre outras. O significado desse acrônimo deve ser considerado em pares, uma vez que cada par se refere a práticas que se implicam, ou seja, BD significa Bondage e Disciplina; DS, Dominação e Submissão; e SM, Sadomasoquismo.² Definem-se, portanto, como um conjunto de atividades regidas pelo princípio do SSC – São, Seguro e Consensual³ – e classificadas pela Psiquiatria e pela Psicologia como patologias sexuais. Dessa forma, estão

¹ Agradeço muitíssimo ao professor Jorge Leite Júnior por ter me sugerido, quando da qualificação desta investigação, olhar mais apuradamente para essa categoria – amor –, que o campo já apontava como um elemento importante e polêmico.

² Bruno Zilli (2007) delimitou o significado das práticas expressas por cada letra do acrônimo BDSM. “B” significa bondage ou imobilização, que é realizada em geral com cordas, algemas ou correntes. Os praticantes podem fazer uso de roupas especiais, capazes de constringer movimentos do corpo ou mesmo apertá-lo. Essas roupas – por vezes de couro, látex ou borracha – podem ser espartilhos, camisas de força ou *full body suits*, que são trajes de corpo inteiro. Para conhecer mais acerca da relação entre moda e fetichismo, ver Valerie Steele (1997). Vendas, mordanças e capuzes também são comuns e se destinam à restrição dos sentidos. Há diversas técnicas de amarração do corpo, entre elas o belo *shibari* japonês, frequentemente considerado uma obra de arte por sua similaridade ao origami (BRITTES, 2006). Para conhecer melhor a técnica de amarração, ver: <<http://www.senhorverdugo.com/eventos/categoryevents/5.html?pop=1&tmpl=component>>. A letra “D” refere-se à disciplina. “B” e “D” juntos relacionam-se a fantasias eróticas que envolvem castigos e punições e se ligam ao par “D” e “S”, que envolvem fantasias de dominação e submissão por meio de humilhação e violação. Por fim, tem-se “S” e “M” como referência ao sadismo e ao masoquismo, ou sadomasoquismo, que agrega atividades que se utilizam de dor para obter estímulos eróticos.

³ Este conceito surge em 1983 por iniciativa da associação GMSMA (Gay Male S/M Activists) objetivando promover a ideia de um sadomasoquismo responsável (MONTEIRO; AUGUSTA, 2012).

excluídas a zoofilia, a necrofilia e a pedofilia. Conforme Jorge Leite Júnior (2006), que vem trabalhando no exame dos processos de produção e espetacularização de elementos concernentes à sexualidade e ao gênero, como por exemplo, a pornografia e o sadomasoquismo, o exercício das práticas BDSM, cuja centralidade se encontra na erotização do poder, é forjado dentro de uma subcultura, com uma “estética” e normas de conduta particulares. Os jornalistas Brame et al. (1993), que em seu trabalho detalharam as práticas envolvidas no BDSM, definem o mundo Ds como um “estilo de vida”.

A partir do olhar de homens e de mulheres que se autodefinem dominadores ou submissos, busca-se perscrutar o modo como pensam e vivenciam suas práticas e a relação dessas com o amor. Para atingir o objetivo proposto, é necessário verificar e analisar, em um primeiro momento, certas configurações, articulações e vivências das trocas de poder pertinentes às experiências de dominação e submissão, que passo a me referir apenas por Ds,⁴ bem como os discursos produtores dos saberes sexuais que as organizam. Entende-se aqui o erotismo,⁵ conforme postulou Georges Bataille (2013),⁶ como um meio de transgressão social, não significando violação das normas, mas expressão que perturba a norma, sendo, portanto, produtor de novas hierarquias, novos valores e novas normatividades.⁷ Como bem afirma Margot Weiss (2011), dramatizando o poder em modos comumente espetaculares, as práticas em questão conectam indivíduos com os imaginários sociais e nacionais, e fantasias privadas com hierarquias sociais culturalmente legíveis. Ao reproduzir, frequentemente, diferentes aspectos do regime social, essas práticas também denunciam suas contradições e complexidades irresolvíveis, o que acaba por contribuir para a produção de novas sexualidades, sociabilidades e subjetividades.

⁴ Grafar essas relações utilizando a letra “D” em maiúscula e “s” em minúscula é desde já reconhecer a forma de escrita utilizada pelo grupo nativo em sites, blogues e salas de bate-papo da internet, lugares por excelência onde o grupo se expressa e torna públicas as suas especificidades. O código social desse grupo determina que, na escrita, os adeptos que se identificam com o papel de dominador façam uso da letra maiúscula, e os submissos utilizem letra minúscula, reiterando simbolicamente suas respectivas posições no grupo.

⁵ Para Weber (1982), o erotismo como esfera cultivada conscientemente se refere à sofisticação do sexo.

⁶ Alguns autores como Adriana Piscitelli e Maria Filomena Gregori fazem críticas a Bataille por considerarem suas ideias pautadas na essencialização das normas binárias de gênero. Gregori e Braz concordam que o autor possui uma óbvia disposição heteronormativa (GREGORI, 2008, p. 586).

⁷ Ver Gregori e Díaz-Benítez (2012, p. 8).

A hipótese levantada neste trabalho é a de que o BDSM, ao transgredir normas sociais vigentes, seja por meio de paródias – conforme expressão utilizada por Maria Filomena Gregori (2014a) – ou subversões, promove o esgarçamento das fronteiras do que é considerado sexualmente normal, bem como opera uma resignificação de alguns elementos, entre eles o amor, foco desta pesquisa.

Sexualidade e gênero definem, portanto, os campos de saber onde essa pesquisa se desenvolve. Trata-se, porém, de campos apreendidos de forma interseccionalizada, ou seja, sem a pretensão de definir suas fronteiras. Assim, faz-se mister esclarecimentos conceituais. A noção de sexualidade que aparece neste trabalho se inspira na definição de Michel Foucault, ou seja,

(a) sexualidade é o nome que se pode dar a um dispositivo histórico: não à realidade subterrânea que se apreende com dificuldade, mas à grande rede de superfície em que a estimulação dos corpos, a intensificação dos prazeres, a incitação ao discurso, a formação dos conhecimentos, o reforço dos controles e das resistências, encadeiam-se uns aos outros, segundo algumas grandes estratégias de saber e de poder (FOUCAULT, 2010, p. 100).

Nesse campo, há uma proliferação de qualificativos para a sexualidade que buscam definir as diferentes práticas em debate. Foucault (2010) aponta que, a partir do século XIX, tem-se uma multiplicação de sexualidades, um reforço de suas formas tidas como absurdas, uma implantação múltipla das consideradas “perversões”. Nesse mesmo trabalho, o autor utiliza expressões como sexualidades periféricas para dar conta da sexualidade das crianças, dos loucos, dos criminosos, dos que não amam o outro sexo, dos devaneios, das obsessões, das manias e raivas. Já Gayle Rubin (1984) propõe o termo sexualidades dissidentes e “dissidência erótica” para nomear as sexualidades que estão à margem. Ela cita a representação do que denominou “círculo encantado”, no interior do qual estão as sexualidades legitimadas socialmente. Fora desse “círculo”, encontram-se as sexualidades não reprodutivas, homossexuais, fora do casamento, realizadas em lugares públicos, entre gerações, pornográficas, sadomasoquistas. Além desses termos, é possível encontrar com frequência expressões como sexualidades dissidentes (conforme Díaz-Benítez e Fígari (2009, p. 27), dissidência significa também deslocamento, que pode ser de “zonas

legítimas”, de papéis sexuais “esperáveis”, por exemplo) e até mesmo subalternas, fazendo referência ao conceito de Gayatri Spivak (2010).⁸

O conceito de gênero é inspirado em Joan Scott (1995). Em sua definição, gênero é um elemento constitutivo de relações sociais baseadas nas diferenças percebidas entre os sexos, assim como uma forma primária de dar significado às relações de poder.

Como tudo começou...

O sucesso fenomenal e polêmico conquistado pela trilogia *Cinquenta tons de cinza*, escrita por E. L. James, *best-seller* em diversos países do mundo, inclusive no Brasil,⁹ foi o elemento que inspirou esta investigação. A trilogia conta a história de um jovem executivo milionário – Christian Grey – que se interessa por uma estudante virgem – Anastasia Steele – e a convida a assinar um contrato de submissão. Com o desenvolvimento da relação entre os dois, diversos elementos eróticos pouco convencionais começam a ser apresentados: da cruz de Santo André¹⁰ a dildos¹¹ e chicotes.

A trilogia fez bastante sucesso entre o público feminino. Os homens surpreenderam-se com o efeito da história sobre as mulheres, posicionando-se antagonicamente em relação ao protagonista – Christian Grey. Esse representava um ideal de homem distante dos homens reais. Assim, entre as brasileiras, *Cinquenta tons* foi assunto recorrente por bastante tempo nas conversas entre

⁸ Segundo Spivak (2010, p. 12), subalternas são “as camadas mais baixas da sociedade constituídas pelos modos específicos de exclusão dos mercados, da representação política e legal, e da possibilidade de se tornarem membros plenos no estrato social dominante”. Ou seja, são grupos que não possuem voz.

⁹ Foram vendidos 65 milhões de exemplares ao redor do mundo, sendo que, conforme a revista *Super Interessante* (jan. 2013), no Brasil foram 2 milhões de cópias até janeiro de 2013. Em fevereiro de 2015, foi lançada a adaptação para o cinema do primeiro volume da trilogia. O filme, envolto em grande polêmica e expectativa, conquistou já nos primeiros dez dias de exibição 4 milhões de espectadores no Brasil, liderando o ranking dos filmes mais vistos no momento, conforme divulgou o site Adoro Cinema (<<http://www.adorocinema.com/noticias/filmes/noticia-111911/>>).

¹⁰ Cruz de Santo André é uma construção de madeira em forma de X que possui argolas nas extremidades. Utilizada para imobilizar uma pessoa, simboliza sofrimento, humildade e martírio. Para mais informações, ver: <<http://masonauta.blogspot.com.br/2009/12/cruz-de-santo-andre.html>>.

¹¹ Dildo é um brinquedo sexual utilizado para promover estímulos sexuais ao ser introduzido na boca, no ânus ou na vagina.

amigas e em jornais e revistas. Afirmações de que a trilogia é “boa” para mulheres casadas, apimenta a relação etc., foram frequentemente veiculadas pela mídia, além de muitos suspiros pelo protagonista Christian Grey, percebido como o homem ideal – rico e másculo (“com pegada”). Entre algumas militantes feministas, no entanto, o famoso contrato de submissão e as palmadas que Grey dava em Steele com o intuito de “castigá-la” provocaram críticas e preocupação quanto ao efeito de tal história na luta pela autonomia das mulheres e o fim da violência contra essas.¹² Já grupos evangélicos demonstraram temor pela prática sadomasoquista por a considerarem ausente de amor.¹³

A história é apresentada sem referência explícita ao universo erótico do qual capta alguns elementos – o BDSM –, por isso a polêmica que envolve a trilogia se torna ainda mais interessante: o que foi visto por muitas mulheres não engajadas politicamente como elementos românticos ou até mesmo que apimentam a relação matrimonial foi compreendido como violência e desrespeito por várias das mulheres militantes. Já entre os entusiastas dessas práticas não convencionais, foi comum a afirmação de que a trilogia não os representava.

Em entrevista,¹⁴ E. L. James revela que a trilogia surgiu a partir de sua experiência na criação de histórias em sites conhecidos como *fan fiction*, onde fãs de determinado livro escrevem suas próprias histórias, tendo-o como inspiração. A inspiração de E. L. James foi a saga *Crepúsculo*, considerada por ela extremamente romântica. E. L. James afirma que se interessa por histórias de amor, onde o sexo é parte da experiência amorosa. Em suas palavras, **“o fato é que, quando as pessoas se apaixonam e começam uma relação, elas fazem sexo. Muito sexo, se não me falha a memória.”**

¹² Exemplos disso estão disponíveis em: <<http://cinema.uol.com.br/noticias/redacao/2015/02/05/ativistas-pedem-boicote-a-cinquenta-tons-por-violencia-domestica.htm>> e <<http://g1.globo.com/pop-arte/noticia/2013/08/cinquenta-tons-de-cinza-perpetua-violencia-contras-mulheres-diz-estudo.html>>.

¹³ Algumas notícias a respeito se encontram em: <<http://cinema.uol.com.br/noticias/redacao/2015/02/05/ativistas-pedem-boicote-a-cinquenta-tons-por-violencia-domestica.htm>>, <<http://www.diario24horas.com.br/noticia/38693-polemica-religiosos-protestam-contras-50-tons-de-cinza-no-rs#ixzz3bderZpTr>>, <<http://g1.globo.com/rs/rio-grande-do-sul/noticia/2015/02/e-sexualidade-sem-amor-diz-pastor-que-organizou-marcha-contras-50-tons.html>>.

¹⁴ Entrevista veiculada em: <<http://veja.abril.com.br/blog/ricardo-setti/tag/cinquenta-tons-de-cinza/>>.

A autora, que se considera feminista, afirma que as mulheres não querem e não devem ser submissas na vida cotidiana; o contexto da submissão em *Cinquenta tons* é o do quarto, a portas fechadas, onde a sexualidade ignora regras. Assim, para a autora, a trilogia acabou por encorajar as mulheres a falar sobre sexo e a se permitir ter fantasias sexuais, o que representa, segundo ela, um avanço para as mulheres. O direito a fantasias eróticas é afirmado em outra entrevista,¹⁵ em que a autora afirma: “É o credo patriarcal que segue repetindo: ‘você não tem o direito de fantasiar sobre determinado tema, é perigoso para você, estamos protegendo você’ [...]. Ora, isso é um pensamento misógino!”

Segundo a autora, elementos do sadomasoquismo presentes em seu livro atraíram muitas mulheres. Durante suas pesquisas, alguns elementos que encontrou nesse universo a perturbaram bastante: “É um universo que me intrigou, que me fez pensar, me levou a escrever”, revela. Mas confessa que sua versão é “ligeiríssima”, quando comparada com a realidade BDSM.

A leitura dessa trilogia (bem como as polêmicas por ela provocadas) serviu-me de estímulo e provocou o desejo de conhecer o universo BDSM, constituindo-se, portanto, em uma porta de entrada para a escolha do objeto desta tese: as práticas do BDSM e sua concepção do amor.

Metodologia

A opção pela etnografia em sites BDSM colocou-se desde o início como uma possibilidade atraente e promissora. Como vem sendo recorrentemente salientado com o desenvolvimento do ciberespaço e o fortalecimento das redes sociais, a internet hoje se apresenta como um novo e importante espaço de sociabilidade, onde é possível conhecer e reencontrar pessoas, fazer compras, estudar, trabalhar e se informar. Totalmente inserida na vida cotidiana de uma significativa parcela da sociedade mundial, não é possível mais se colocar à parte desse espaço. Por conta disso, tornou-se também uma mídia de importância

¹⁵ Entrevista disponível em: <<http://cinema.uol.com.br/noticias/redacao/2015/02/11/feminista-autora-de-50-tons-defende-o-direito-das-mulheres-a-fantasia.htm>>.

estratégica em diversos processos de luta política, seja como fórum de debates, seja como meio de organização de manifestações políticas, por exemplo. No que tange ao BDSM, isso é particularmente verdadeiro, porque a internet permitiu, primeiramente, a formação de uma comunidade virtual, que compartilha experiências e conhecimento, independente do local geográfico onde se encontram. Conforme Pierre Lévy (1999, p. 127), uma

[...] comunidade virtual é construída sobre as afinidades de interesses, de conhecimentos, sobre projetos mútuos, em um processo de cooperação ou de troca, tudo isso independentemente das proximidades geográficas e das filiações institucionais.

Além disso, facilita a organização de encontros *off-line*, ou seja, em restaurantes e boates, por exemplo, congregando seus membros para além do ciberespaço. Outro papel fundamental da internet para o grupo diz respeito à possibilidade de criação e promoção de um discurso de legitimação de suas práticas estigmatizadas, como salienta Bruno Zilli (2007) em pesquisa acerca desse discurso legitimador na internet.

Entende-se, portanto, o ciberespaço como *locus* de uma nova e importante sociabilidade, que vai além de um espaço dito “virtual”. É sim mais um espaço onde as pessoas cotidianamente se encontram, reforçam laços de amizade e organizam suas vidas. Há quem admita que, por conta da possibilidade de anonimato dos internautas, esse possa ser um espaço de engodos e irresponsabilidades. Todavia, Lévy acentua que há o que denominou de “netiqueta”, bem específica a esse espaço, que, se não cumprida, gera retaliações dos demais usuários, como, por exemplo, o bloqueio do usuário em um determinado programa de comunicação, por exemplo. A responsabilidade individual e o julgamento da opinião pública permanecem presentes nesse espaço. Assim, para o autor, manipulações e enganações são possíveis em qualquer lugar, como na comunicação por telefone ou jornal. Em síntese,

[a] cibercultura é a expressão da aspiração de construção de um laço social, que não seria fundado nem sobre links territoriais, nem sobre relações institucionais, nem sobre as relações de poder, mas sobre a reunião em torno de centros de interesses comuns, sobre o jogo, sobre o compartilhamento do saber, sobre a aprendizagem cooperativa, sobre processos abertos de colaboração. O apetite para

as comunidades virtuais encontra um ideal de relação humana desterritorializada, transversal, livre (LÉVY, 1999, p. 130).

De fato, a partir do que foi sucintamente exposto, a internet apresenta-se para o pesquisador social como um espaço repleto de potencialidades de pesquisa, dada sua riqueza nas formas de interação (blogues, salas de bate-papo, por exemplo), pluralidade (ao reunir pessoas com diferentes visões de mundo) e dinamismo (já que tempo e espaço passam ao largo desse meio de comunicação). Por todas essas razões, fez-se a opção de desenvolver uma etnografia nesse espaço. Assim, foram considerados blogues nativos, vídeos eróticos, salas de bate-papo da UOL identificadas pela temática sadomasoquismo, nas quais foi possível conversar com internautas, e as redes sociais Facebook e FetLife. Tanto nessas redes sociais, quanto em blogues e sites, fui apenas uma *lurker*, ou seja, uma pesquisadora-observadora silenciosa. Como explicam Suely Fragoso et al. (2013), a prática de *lurking* representa o ato de entrar em listas de discussão, comunidades on-line etc. como observador apenas, ou seja, sem participação ativa.¹⁶

Dessa forma, busquei logo no início informações gerais, acompanhei debates, tentando entender como as pessoas interagem, o que pautava os debates, seus participantes, sem, contudo, adentrar nesses espaços me comunicando com os envolvidos. Essa estratégia se explica muito pela gestão do tempo para concluir a pesquisa e pela delicadeza que o campo requer do pesquisador por envolver práticas estigmatizadas, patologizadas. Posteriormente, a fim de aprofundar algumas questões suscitadas a partir do material localizado na internet, algumas entrevistas informais foram realizadas em chats da UOL.

Concomitantemente ao trabalho de campo, percorreu-se a literatura acadêmica acerca da temática BDSM, além de outras referências bibliográficas que colaboraram no entendimento do universo pesquisado. Estão incluídas nesta abordagem obras literárias clássicas catalogadas como eróticas e entrevistas com praticantes publicadas em revistas e jornais. Assistir a filmes que, em alguma medida, abordavam a temática BDSM também fez parte das atividades desenvolvidas pela pesquisa, o que me permitiu conhecer alguns elementos que

¹⁶ Para conhecer o debate acerca das estratégias de entrada no campo virtual, as vantagens e desvantagens de cada uma, que me possibilitaram evitar alguns erros nessas empreitadas, ver Fragoso et al. (2013).

fazem parte desse universo. Encontrei, comumente, referência a tais filmes nos blogs nativos pesquisados, expressamente com a indicação de que refletiam certas dimensões das práticas em questão. Não é, contudo, pretensão desta pesquisa desenvolver uma análise específica desse material – que foi utilizado apenas como parte de uma incursão pelo universo BDSM.¹⁷

A busca por trabalhos acadêmicos publicados especificamente sobre a temática BDSM no campo das Ciências Sociais no Brasil identificou até 2013 apenas três monografias, três dissertações e uma tese de doutorado. Entre as monografias, tem-se a de Jorge Leite Júnior, intitulada *A cultura S&M*, datada de 2000.¹⁸ Nesse trabalho, Leite Júnior procurou acompanhar as atividades do grupo SoMos, criado em 1992, para propiciar um espaço de sociabilidade, troca de experiências, aprimoramento de práticas e conhecimentos acerca do sadomasoquismo, tendo como objetivo explícito de sua pesquisa minimizar possíveis riscos inerentes a essa prática. Rogério Brittes é o autor de *Bondage, dominação e sadomasoquismo: esboço de uma teoria etnográfica da rede BDSM*, de 2006,¹⁹ que tem por foco a comunidade BDSM em Belo Horizonte. *Linguagens, experiências e convenções de gênero e sexualidade no BDSM*, de Marcelle Jacinto da Silva, é de 2012.²⁰ Por meio de pesquisa virtual, a autora se propôs a refletir sobre a produção de identidades a partir da subcultura BDSM. Para tal, analisa como a escrita de si se desenvolve em blogs de adeptos.

Entre as dissertações, encontra-se a de Bruno Dallacort Zilli, apresentada em 2007, *A perversão domesticada: estudo do discurso de legitimação do BDSM na internet e seu diálogo com a psiquiatria*, que tem por objeto o discurso de legitimação propalado pelos adeptos de BDSM acerca de suas práticas tidas como perversões pela Psiquiatria.²¹ Marília Loschi de Melo defendeu em 2010 a dissertação *A dor no corpo: identidade, gênero e sociabilidade em festas BDSM*

¹⁷ A lista completa dos filmes assistidos encontra-se referendada no capítulo bibliográfico. Significativa parte dessa lista foi sugerida pelo prof. Jorge Leite, a quem sou grata.

¹⁸ Essa monografia foi apresentada ao Departamento de Ciências Sociais da PUC de São Paulo. Áreas do conhecimento: Psicologia, Sociologia e Antropologia.

¹⁹ Monografia apresentada à Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais. Área do conhecimento: Antropologia.

²⁰ Foi defendida no Departamento de Ciências Sociais da Universidade Federal do Ceará. Área do conhecimento não informada na Plataforma Lattes.

²¹ Dissertação apresentada ao Instituto de Medicina Social da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área do conhecimento: não informada na Plataforma Lattes.

no Rio de Janeiro.²² Sua etnografia, uma das poucas não virtuais, aborda a sociabilidade própria das festas BDSM. Em 2012, Fátima Regina Almeida de Freitas apresenta *Bondage, dominação / submissão e sadomasoquismo: uma etnografia sobre práticas eróticas que envolvem prazer e poder em contextos consensuais*.²³ Tendo a etnografia como metodologia de pesquisa, Freitas buscou refletir sobre as aproximações e distanciamentos entre uma prática sexual categorizada como dissidente e uma sexualidade tida como “suave, legítima, normal e aceitável”, tendo por objeto de estudos o BDSM em Goiânia.

A única tese de doutoramento sobre o tema, de Regina Facchini (2008), é *Entre umas e outras: mulheres, (homo)sexualidades e diferenças na cidade de São Paulo*.²⁴ Nesse trabalho, existe parte de um capítulo específico sobre a comunidade BDSM intitulado “Rainhas e escravas numa comunidade BDSM paulistana” no qual a sociabilidade de lésbicas nesse meio é perscrutada, concedendo-se certa ênfase à gestão coletiva do risco social.

No que tange à produção de artigos científicos acerca do BDSM, é possível encontrar um pequeno conjunto, que sinaliza o fato de que no universo das Ciências Sociais pouco se tem pesquisado no Brasil a respeito desse grupo. Nesse sentido, a realização de um estudo como o aqui proposto pode consistir numa construção em duas dimensões: uma, bastante geral, diz respeito à ampliação do conhecimento acerca da pluralidade de experiências presentes no campo da sexualidade humana, e a outra, no campo político das microlutas, pode contribuir para a ampliação da luta política por direitos sexuais no Brasil.

Saliento, por fim, que, no transcorrer deste trabalho, por muitas vezes me vi quase que reproduzindo o discurso nativo, o que me fez redobrar a vigilância contínua sobre o distanciamento necessário entre o pesquisador e o objeto de pesquisa. Agradeço à minha orientadora Sonia Giacomini e aos professores Valter Sinder e Jorge Leite Júnior por terem me alertado sobre esse problema. Espero ter alcançado um nível de distanciamento mais adequado aos propósitos desta investigação.

²² Dissertação desenvolvida no Departamento de Ciências Sociais da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Áreas do conhecimento: Antropologia, Psicologia e Antropologia.

²³ Dissertação defendida no Departamento de Ciências Sociais da Universidade Federal de Goiás. Área do conhecimento: Antropologia.

²⁴ Tese de doutorado defendida no Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Unicamp em 2008. Área do conhecimento: Antropologia.

Esta investigação é constituída de cinco capítulos. Logo de início, apresento alguns elementos do universo BDSM, na tentativa de compreender como se constitui, quais são suas características, como se configuram seus jogos sexuais, o que esses envolvem, como o BDSM é percebido por nativos e por aqueles que o pesquisam. No segundo capítulo, abordo alguns elementos do processo histórico que ensejou a organização de práticas sexuais a partir das categorias “normal” e “patológico”. Faz parte deste processo a publicação pela Psiquiatria do Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais, que vem sofrendo sucessivas revisões. Detenho meu olhar, particularmente, sobre sua mais recente versão. No terceiro capítulo, busco refletir sobre como as relações Ds se configuram, que elementos estão presentes em seu imaginário e os tipos ideais de dominação e submissão, buscando perscrutá-los a partir de um possível viés de gênero. No capítulo seguinte, adentro no debate que, de fato, é o foco desta pesquisa, ou seja, investigo como os praticantes BDSM estudados percebem o que convencionalmente é chamado de “amor romântico” e quais são as tensões presentes entre esse amor e as práticas BDSM. Chamo para o debate autores como Anthony Giddens e Jurandir Freire Costa, que ajudam a iluminar certos aspectos do debate nativo e, em alguma medida, o contextualizam. No quinto capítulo, apresento as experiências de dominação e submissão denominadas de “24/7”, ou seja, que transcorrem durante os sete dias da semana, 24 horas por dia. Ao longo do capítulo, abordo alguns elementos próprios do imaginário desses praticantes, sua subjetividade, além de possíveis convergências e divergências com ideias tradicionais de relacionamento em voga na nossa sociedade. Por fim, nas “Considerações finais”, busco refletir sobre certos caminhos que a experiência BDSM parece apontar na vivência sexual e afetiva na contemporaneidade.

Conhecendo o campo

Este capítulo se destina a apresentar o universo BDSM por meio do trabalho de pesquisa de campo realizado de janeiro de 2013 até maio de 2015, que foi intercalado, em um primeiro momento, com a revisão bibliográfica e, posteriormente, com a própria redação deste trabalho. Nesse sentido, realizou-se: a) o acompanhamento de blogues e sites nacionais; b) a observação de páginas das redes sociais Facebook e FetLife – esta última, como já foi observado, uma rede específica de praticantes BDSM, da qual participei como observadora silenciosa – ; c) a utilização de salas de bate-papo tradicionais nessa comunidade, a saber, aquelas identificadas com a temática sadomasoquista do provedor UOL, nas quais foram realizadas oito entrevistas informais com internautas; e d) visitas a sites pornográficos. O material colhido em campo apresenta, portanto, certas características próprias da linguagem escrita. Ora mais coloquial e abreviado, típico das salas de bate-papo, ora mais bem escrito, mais bem controlado, esse material muitas vezes esteve voltado explicitamente para a melhor compreensão e esclarecimento das práticas BDSM entre adeptos e interessados, em formulações e discussões nas quais os participantes nem sempre estiveram de acordo, sendo alguns temas, entre eles aquele que nos interessa de perto, o amor, objeto de polêmica e animada discussão.

Cabe ainda esclarecer como o material a ser examinado foi selecionado. Os blogues e sites visitados foram escolhidos selecionando-se as duas primeiras páginas de sugestões apresentadas pelo aplicativo de busca do Google, uma vez que, teoricamente, são os mais visitados da internet. Em tal busca, palavras-chave como “BDSM”, “dominação” e “submissão”, por exemplo, foram utilizadas, além de outras, de acordo com pontos específicos de interesse, como “contrato de submissão” e “rituais BDSM”.

A este trabalho de pesquisa na internet, desenvolvido ao longo dos anos de 2013, 2014 e 2015, somou-se a revisão bibliográfica de material publicado em âmbito nacional e nos EUA. Algumas entrevistas de praticantes em outras mídias

como revistas e jornais também foram secundariamente consideradas na análise. Esse esforço objetivou cotejar algumas informações e a linguagem utilizada, a fim de conhecer mais amplamente o universo BDSM e a sua noção de amor, tais como se expressam no mundo virtual.

Nesse momento, dois alertas se fazem mister. O primeiro diz respeito à forma como se faz referência ao universo estudado. BDSM, SM²⁵ e D&S são termos frequentemente utilizados indistintamente para nomear o universo como um todo por pesquisadores que trabalham com esse objeto de estudo. Todavia, na análise aqui proposta, predomina o uso dos termos BDSM nas alusões ao universo como um todo e Ds para designar as relações de dominação e submissão propriamente ditas, haja vista que o sadomasoquismo pode estar ou não presente em tais relações. Um segundo alerta refere-se à forma um tanto ampla e sem qualquer intenção de dar conta de toda a riqueza e pluralidade presente nesse universo,²⁶ com a qual apresento o BDSM. O objetivo perseguido foi o de apenas delinear a traços largos um retrato desse objeto, de forma a fazer emergir na análise o *ethos* no qual o “amor” é percebido e abordado no universo investigado.

Terminadas essas considerações, seguem-se algumas informações sobre a origem do BDSM e, em seguida, sobre o BDSM hoje: o papel da internet na vida do grupo, seu estilo de vida, bem como os rituais que demarcam o mundo BDSM, que incluem o uso de brinquedos sexuais com o objetivo de maximizar o prazer sexual.

1.1

Origens do BDSM

Anne McClintock (2003), em uma análise acerca da relação sadomasoquista de um casal vitoriano e a forma como dramatizaram as mudanças sociais de sua época, situa o nascimento da subcultura sadomasoquista na Europa por volta do fim do século XVIII, com a emergência da era industrial. No entanto, os

²⁵ Conforme Maria Filomena Gregori (2014a), a sigla SM ou S/M foi inventada por Alfred Kinsey na década de 1940.

²⁶ Os estudos realizados sobre o BDSM mostram essa diversidade e riqueza, como, por exemplo, o de Regina Facchini (2008).

jornalistas Gloria G. Brame et al. (1993), que produziram um amplo levantamento acerca das práticas sexuais que envolvem a dominação e a submissão, relatam o surgimento do BDSM, tal como se expressa e articula hoje, tendo início entre as décadas de 1940 e 1950 nos Estados Unidos, por meio de um grupo de homens gays que se intitulavam “Movimento *Leather*”²⁷, adotavam a estética dos *motards*²⁸ – marcada pelo uso do couro – e comungavam de princípios militares e disciplinares oriundos da carreira militar de vários deles, buscando recriar a camaradagem, o risco e a adrenalina experimentada na Segunda Guerra Mundial. Margot Weiss (2011), em sua investigação sobre a forma como os sujeitos, particularmente os adeptos da comunidade BDSM de São Francisco nos EUA, são produzidos na e através da estrutura de poder social, afirma que a Velha Guarda foi afetada pelo desenvolvimento de uma economia sexual, que envolveu a popularização das revistas especializadas e dos vídeos pornô, a publicação de livros informativos, além do surgimento da internet. Até então tudo acerca do universo BDSM era transmitido pela tradição oral.

Gayle Rubin e Judith Butler (2003) esclarece que *leather* é uma categoria ampla que congrega homens gays com práticas distintas: sadomasoquistas, praticantes de penetração anal com o punho (*fist fuck*),²⁹ fetichistas e homens gays másculos que preferem parceiros masculinos.³⁰ *Leather* é, portanto, uma síntese histórica e culturalmente específica na qual certas expressões de desejo entre homens gays foram organizadas e socialmente estruturadas. O desenvolvimento da comunidade *leather* é, para Rubin, parte de um longo processo histórico, no qual a masculinidade dos homossexuais homens foi reapropriada. Outrora, ser um homossexual másculo ou uma lésbica feminina era visto como um paradoxo, uma impossibilidade frente aos modelos hegemônicos de sexualidade e de gênero. Nessa reapropriação, empreendida pela comunidade, tanto os sujeitos desejanter quanto os desejados são percebidos como masculinos. Dessa forma, um homem poderia ser subjugado, torturado, penetrado e mesmo assim manteria sua masculinidade. Cabe esclarecer ainda que, apesar de essa imagética masculina

²⁷ *Leather*, em inglês, significa couro.

²⁸ *Motard* é uma palavra de origem francesa que significa motociclista.

²⁹ Segundo Rubin e Butler (2003), *fist fuck* é talvez a única prática sexual de fato concebida no século XX. Surgiu na década de 1960 e logo se popularizou, sendo hoje institucionalizada no BDSM.

³⁰ Regina Facchini (2010) também disserta a respeito.

para o sadomasoquismo gay ser hegemônica, não se pode descartar, em outros contextos, a existência de formatos diferentes (em outras comunidades). A escritora e adepta Pat Califia (1987), hoje Patrick Califia, uma das maiores referências do cenário sadomasoquista norte-americano, revela a história do sadomasoquismo lésbico em São Francisco, dos anos 1960 ao início da década de 1980, revelando a luta do grupo pelo respeito às suas práticas e as tensões entre o grupo e as feministas antipornografia, assim como com o meio homossexual.

Já o sadomasoquismo heterossexual, ainda conforme Rubin, organizou-se por quase todo esse período em torno de anúncios sexuais, dominação profissional e alguns clubes sociais privados.³¹ Para esse grupo, o *leather* era um fetiche inserido em um imaginário de elementos predominantemente femininos, e os poucos caracteres masculinos existentes, geralmente, eram efeminados. Margot Weiss (2011)³² data o surgimento de comunidades fetichistas, de bondage e de *spanking* também na década de 1950. Segundo ela, em diversos lugares dos EUA, esses grupos, predominantemente formados por heterossexuais, permanecem separados da comunidade BDSM.

1.2

BDSM hoje

Atualmente, o grupo BDSM está fortemente presente no ciberespaço, local onde pode trocar experiências, conversar, buscar parceiros entre si, de forma mais livre, uma vez que se sente protegido pelo anonimato dos apelidos utilizados na internet em salas de bate-papo e redes sociais. Tal apelido cumpre também, nesse

³¹ Os clubes sadomasoquistas surgem no Brasil a partir da década de 1980, segundo Jorge Leite Júnior (2000b).

³² Em seu trabalho *Techniques of Pleasure*, Weiss (2011) desenvolve o argumento de que a cena SM é uma comunidade dependente das mudanças econômicas em uma Bay Area (local onde ela desenvolve sua pesquisa) pós-industrial (cuja economia precisa de comunidades como a BDSM), assim como seus praticantes perpetuam desigualdades de raça e classe ao promover pertencimento social. Muitos dos eventos BDSM naquela localidade estão profundamente relacionados ao consumismo: workshops para ensinar a usar novos brinquedos sexuais, festas caras que forjam um senso de comunidade, o que acaba por excluir aqueles que não possuem dinheiro suficiente para “banciar” esse pertencimento. Conforme Brame et al. (1993), poucos negros frequentam clubes S/M americanos por conta de dinheiro. Reiersol e Skeid (2011) citam pesquisa que demonstra que praticantes BDSM exercem as mais diferentes profissões, tais como carteiros, militares, artistas, programadores de computadores, médicos, bombeiros, policiais e professores.

caso, a função de sinalizar as preferências sexuais do praticante. Assim, nomes como DOM EXPER SP, Masoquista SP (H), Papai Severo SP, pet 40 sub (M), Dom adestra cadela, Cadela Masoca, podem ser encontrados, indicando não só o papel desempenhado dentro do universo BDSM, como também sua localização geográfica e sexo. Um olhar mais atento é capaz de discernir também a presença dos adeptos, propriamente ditos, mas também de neófitos, aqueles que estão apenas conhecendo pessoas do meio, algumas práticas, ritos etc. Nesse sentido, a internet oferece uma grande riqueza de material informativo e pedagógico acerca dos elementos que envolvem o universo BDSM. Segundo Zilli (2009a; 2009b), que se debruçou sobre o BDSM na internet, esse material se organiza em um formato classificado como Manual.

Como informa Zilli (2009a; 2009b), os “manuais” caracterizam-se por afirmar, por exemplo:

- a) o BDSM como um conjunto de práticas sexuais relacionadas a um “estilo de vida”;
- b) a necessidade de manter um bem-estar físico e psicológico para o exercício dessas práticas de forma segura e consentida;
- c) a preocupação com o estigma de perversão sexual e conseqüente busca por dialogar com a psiquiatria para fins de legitimação de suas práticas (ZILLI, 2009a, p. 485-486).

A respeito do item a) elencado por Zilli, no qual a sigla BDSM designa uma reunião de práticas sexuais que configuram um “estilo de vida”, merece destaque a reflexão de Anthony Giddens (2002) acerca da escolha pessoal que está implícita no estilo de vida. Conforme salienta o autor, um estilo de vida pode ser definido como um conjunto de práticas, em alguma medida, integradas, rotinizadas, incorporadas nos modos, por exemplo, de vestir, comer, encontrar pessoas, e que dão forma material a uma narrativa reflexiva particular da autoidentidade do indivíduo que o adota. Implica, portanto, em uma escolha dentro de várias outras opções possíveis. O estilo de vida é “adotado” e não “outorgado” (GIDDENS, 2002, p. 80), o que provavelmente explica a existência dos dois importantes instrumentos do BDSM analisados por Zilli, dicionário e manual, ambos a serviço da divulgação de um estilo de vida que, assim como outros, pode ser adotado.

Além dos aspectos acima identificados por Zilli (2009a), seria possível ainda acrescentar outro elemento a essa listagem de manuais: conscientes do estigma social e da possibilidade de mau uso da identificação BDSM por pessoas de fora do grupo, os manuais costumam oferecer orientações voltadas especificamente para iniciantes. Essas orientações são marcadas por duas dimensões. A primeira trata da identificação das fantasias que movem o iniciante, em um movimento autorreflexivo, que parece testar a compatibilidade entre os desejos do neófito e as práticas previstas no BDSM. A segunda dimensão refere-se à busca por parceiros, e parece se ocupar em facilitar a diferenciação entre o que o grupo considera “verdadeiros” e “falsos” adeptos.

Em um *post* publicado pelo adepto Mestre JB, sua “serva” Ninna aponta o que considera como elementos que podem ajudar a identificar um verdadeiro de um falso dominador.³³ São eles:

Pseudodominador:

- 1) Procura sexo fácil;
- 2) Não tem preparo para as práticas sadomasoquistas, nem ética;
- 3) Expressa vulgaridade gratuita e desproporcional já na primeira abordagem;
- 4) Demonstra pouco conteúdo cultural logo de início;
- 5) Deseja se tornar a única fonte de informações e conhecimentos SM;
- 6) Desrespeita a pessoa submissa;
- 7) Recusa-se, ou não sabe dar prazer;
- 8) Mentiroso;
- 9) Exige um encontro, antes que se conheçam razoavelmente bem;
- 10) Propõe contrato de servidão que objetiva lucro ou comércio;
- 11) Não sabe distinguir punição por “mal comportamento” da pessoa submissa de castigo, que pretende gerar prazer sexual;
- 12) Nega-se a dar explicações acerca de novas práticas que quer realizar;
- 13) Acredita que pode realizar o que quiser, sem um estudo prévio da técnica concernente à prática; e
- 14) Não se interessa pelos sentimentos da/o submissa/o.

³³ Disponível em: <<https://masterbdsm.wordpress.com/2008/06/04/de-como-reconhecer-um-verdadeiro-mestre-sm-por-ninna/>>.

Verdadeiro dominador:

- 1) Em geral, é “intelectualmente sofisticad[o] e moralmente requintad[o]”;
- 2) Estimula a/o submissa/o a buscar sempre mais informações;
- 3) Respeita a/o serva/o;
- 4) Sabe receber e dar prazer;
- 5) Sincero;
- 6) Adapta-se à pessoa que serve;
- 7) O prazer que proporciona é pago com o prazer que recebe; e
- 8) Demonstra interesse pelos sentimentos da/o “escrava/o”, especialmente após cada sessão.

Todo esse detalhamento, portanto, que pretende esclarecer os iniciantes e curiosos acerca do BDSM, busca tanto se distanciar de visões preconceituosas, quanto separar os verdadeiros dos falsos adeptos, particularmente nesse tempo “pós-Cinquenta tons” (conforme denominação nativa) – visto como um momento em que suas práticas estão muito em voga, atraindo muitos curiosos desinformados, o que aumentaria o risco de atuação de impostores, que podem ocasionar problemas para o meio. A informação esclarecida, portanto, contida nos manuais, é vista como uma importante estratégia de proteção do grupo, e está associada ao controle social que o próprio meio exerce sobre si, assunto que será abordado mais adiante.

Outras informações são recorrentemente divulgadas, como o fez Dominus Draco – mestre e dominador – em seu blogue:

Se você estiver procurando por um parceiro de vida, uma pessoa especial para compartilhar sua vida [...], então você começa [d]o início. Primeiro, [...] identificar quem você é. Você não pode eventualmente encontrar um parceiro que irá corresponder a você se você não sabe o que é que você está procurando. Quando você acha que te[m] uma visão clara e imparcial de si mesmo, então a sua tarefa é encontrar alguém que é paralelo a você. Você deve permitir que sua pesquisa não se estend[a] para além de um raio de 300 quilômetros (ou 3 horas de viagem) de sua localização permanente. Relacionamentos de longas distâncias têm estatísticas muito pobres, pois eles podem favorecer ilusões e fantasias e, em geral pode[m] criar perigos e problemas que são muito menos comuns “dentro” de sua comunidade local. Ao limitar a sua procura a sua vizinhança imediata [...]

[você aumenta] o potencial de encontrar um parceiro dentro de uma distância onde o crescimento de uma relação pode ocorrer.³⁴

Parece ser comum no BDSM, segundo adeptos, que os dominadores mais experientes ofereçam referências a seu respeito aos pretendentes à submissão, a fim de assegurarem sua idoneidade. Algumas outras dicas orientam a busca:

Você deve se lembrar que há cerca de três vezes mais homens do que mulheres no estilo de vida BDSM. Há cerca de 4 Doms masculinos para cada feminino sub [o que] faz a busca dif[í]cil. [...] Cerca de 25 por cento são Switchers.³⁵ O melhor parceiro para um/a switch é um/a switch. As mulheres têm o controle na busca de parceiros no estilo de vida BDSM assim [...] os homens têm que jogar pelas suas regras, mesmo se você é um dom. Geralmente, antes de uma mulher aceita[r] ser dominad[a] na vida real, ela vai querer construir uma ponte de confiança entre ela e seu Dom futuro. Se você for rápido demais e forçar demais, você simplesmente [irá] afastar a perspectiva da senhora possível. Como uma relação de baunilha, você tem que vender o lado social de você antes que você possa chegar mais longe.³⁶

Alguns pontos se destacam nessa fala. O primeiro ponto a ser ressaltado é a correlação numérica existente entre homens e mulheres, o que parece dar um maior poder às mulheres, já que são em número menor. Por essa estatística, supõe-se que há um predomínio de homens dominadores heterossexuais no BDSM brasileiro. Já entre os norte-americanos, um dos informantes de Brame et al. (1993) revela uma maior proporção de homens submissos frente a mulheres dominadoras. São quinze a vinte homens submissos para cada dominadora. Segundo o relatório de Reiersol e Skeid (2011), pesquisas indicam que, de uma perspectiva mais globalizada, há certo equilíbrio quantitativo na participação de homens e mulheres. Algumas pesquisas indicam 43% de mulheres para 57% de homens; outras, 40% de mulheres para 60% de homens integrando o universo BDSM. Uma investigação posterior mostra-se necessária não só para a verificação desse número no âmbito brasileiro, como também para a compreensão do que esses números revelam.

Outro aspecto interessante diz respeito ao uso do termo “baunilha”, bastante recorrente no universo BDSM. “Baunilha” aparece na fala nativa como

³⁴ Disponível em: <<http://dominusdraco.com/encontrandoumaparceira1.html>>.

³⁵ *Switcher* é o praticante que se identifica tanto com o papel de dominador quanto de submisso, podendo desempenhá-los em sessões diferentes.

³⁶ Disponível em: <<http://kripthadommarc.blogspot.com.br/?zx=95eea7b26f556243>>.

uma categoria estruturante, a partir da qual, por contraposição, o universo BDSM se constitui. A relação “baunilha” é convencional, comum, apreendida como insossa, na qual sentimentos negativos como o ciúme e a insegurança têm espaço. É uma categoria depreciativa e se opõe à experiência BDSM que é percebida como excitante, extremamente prazerosa, profundamente íntima e libertadora. Tem-se, portanto, dois tipos de relações que se organizam em contraposição. O termo “baunilha” no contexto BDSM tem o sentido de anódino, isto é, segundo o dicionário on-line Houaiss, “pouco eficaz; sem importância ou interesse; banal, insignificante, medíocre”. Esse termo não é, no entanto, um termo usualmente “negativo”; o fato de ser usado com uma conotação negativa é revelador de uma marca do universo BDSM: rechaçar a banalidade, a neutralidade, atribuindo um significado negativo a um termo que normalmente é neutro; a negatividade associada a “baunilha” indica no universo BDSM a existência de uma supervalorização das sensações, isto é, tem como pressuposto que as sensações devem sempre ser ampliadas, e não neutralizadas ou minimizadas. Trata-se, portanto, do oposto de anódino, da exacerbação do sentir, que é o contrário também de anódino no outro sentido, o de mitigação da dor, de analgésico. É, por conseguinte, um discurso defensivo, que procura rebater o estigma que pesa sobre o BDSM. Parte para a ofensiva defensivamente: os convencionais são “baunilha”, sem sal, insossos.

Em um bate-papo em chat (específico da UOL), um dominador afirma o cuidado que um iniciante deve ter na escolha de seu parceiro

[...] para uma submissa de alma achar um dono compat[i]vel ela precisa conversar muito, n[ã]o pegar coleira de qq dom, conhecer bem os dons [com] que[m] conversar para [...] decidir que dom tem mais qu[i]mica com ela e vice versa; se for um dominador s[é]rio, pode esperar sinceridade, transpar[ê]ncia, maturidade, e principalmente nada de pressa, o adestramento deve ser lento para ser completo e perfeito; tem subs que com 1 m[ê]s [já] querem coleira e fazer tudo de uma s[ó] vez...rs.³⁷

O conselho ofertado por esse internauta reflete uma forte preocupação com a suposta presença de pessoas de má-fé no meio e as consequências negativas que podem trazer para indivíduos em particular e para o grupo como um todo. Diante de tal fato, o adepto supracitado sinaliza que a cautela do dominador durante o

³⁷ Chat da UOL, 19 de maio de 2013.

ritual da abordagem serve de chancela quanto à sua seriedade: esse não terá pressa, pois sabe que o processo de adestramento de uma submissa é lento para ser perfeito. Em sua visão, pode-se esperar desse dominador sinceridade, transparência e maturidade. No entanto, há quem afirme, como o praticante Owners, que só é possível diferenciar um verdadeiro praticante de um falso convivendo com eles.³⁸

O segundo ponto a ser salientado a partir da fala do internauta da UOL é o uso do termo “adestramento” para se referir ao processo de treinamento para a submissão, pois é um termo que remete diretamente ao treinamento de animais, entre eles os cães. Nesse universo, percebeu-se que o cão é carregado de valor simbólico, por remeter a valores como obediência e fidelidade absoluta ao seu dono. A metáfora do “cão” está presente em diversas expressões, como a da submissa que deseja ser a “cadela” de seu dono ou a do submisso que reconhece que sua dona pode ter quantos cães desejar, mas o cachorro só pode ter um dono. Obediência e fidelidade: elementos tão valorizados na experiência Ds. A perfeição no adestramento e na submissão é um ideal a ser perseguido pelo Dominador e pela submissa, respectivamente. Já a dominação, que é considerada, como será apresentado em capítulo posterior, algo que faz parte da natureza de alguns indivíduos, também exige certo aprendizado, que, entretanto, jamais é denominado de adestramento. Para referir-se a esse aprendizado, a submissa Ninna utiliza, por exemplo, os termos adaptação e aprimoramento.³⁹

No clássico livro *A Vênus das peles*, escrito por Sacher-Masoch, o protagonista Séverin é quem, claramente, forja sua dominadora. Nesse caso, ele inverte o paradigma do dominador que adentra o submisso tão propalado no universo BDSM. Apesar desse paradigma, todavia, é possível reconhecer algumas vozes no meio que defendem que quem detém o poder nesse jogo erótico é a pessoa que se submete, pois é quem, de fato, determina os limites das práticas. Nas palavras da submissa Ninna,

[u]m Mestre sabe aprender com seu escravo, e como submisso é seu dever ser uma fonte de informações novas e relevantes para seu Senhor. [...] Exija [seus direitos de submisso]. Estabeleça-os desde o princípio. [...] não permita que

³⁸ Disponível em: <<http://ownersm.blogspot.com.br/2009/10/como-identificar-um-sm.html>>.

³⁹ Ver em: <<https://masterbdsm.wordpress.com/2008/06/04/de-como-reconhecer-um-verdadeiro-mestre-sm-por-ninna/>>.

territórios sagrados para você sejam invadidos. Isto inclui seu próprio corpo. Exija o uso de preservativos, lubrificantes, assepsia dos brinquedos sexuais, higiene e tudo o que julgar necessário para que sua saúde física e emocional seja preservad[a]. [...] um verdadeiro Mestre adapta-se ao seu escravo, não o contrário. [...] Estabeleça os critérios de sua servidão.⁴⁰

O processo de construção de um dominador por parte do masoquista, tão claro na história de Séverin, parece, portanto, presente também no mundo BDSM, ao se considerar as palavras de Ninna,⁴¹ muito embora ela se refira a dominadores e submissos de forma geral, ou seja, não necessariamente a sádicos e masoquistas. Ainda assim, de fato, é comum no meio a referência a tal obra de Sacher-Masoch como fonte de inspiração. O relacionamento Ds, em vários pontos, assemelha-se ao modelo proposto por Sacher-Masoch, como, por exemplo, a formalização de direitos, deveres e possíveis punições por meio de um contrato entre os envolvidos.

1.2.1

Estrutura hierárquica do BDSM

Os manuais BDSM deixam claro que as relações Ds são marcadas por uma erótica em torno da forte assimetria de poder entre os envolvidos, na qual se tem, por um lado, aquele que detém o poder na relação e como tal deverá ser venerado, respeitado e obedecido. Por outro lado, há aquele que se despoja de sua liberdade e autonomia para servir ao detentor do poder. Nesse jogo hierarquizado, uma série de denominações são utilizadas, forjando uma tipologia própria do BDSM, tais como: Dominador / Domme ou Dominadora⁴² (que diferencia-se de Dominatrix ou ProDomme – Professional Dominant –, a Dominadora profissional em contraposição aos ProDoms, que são os dominadores profissionais; profissionais

⁴⁰ Idem.

⁴¹ Agradeço à professora Maria Filomena Gregori por me sugerir investigar esse ponto à luz de Sacher-Masoch.

⁴² Em Brame et al. (1993), um de seus entrevistados, Biff, afirma que há dois tipos de dominadores: os naturais, que são aqueles que exercem o papel de dominação na vida cotidiana e na vida Ds; e os “balancers”, que são submissos na vida cotidiana, porém dominam na vida Ds.

submissos são raros),⁴³ submisso/a, escravo/a, Mestre/Mistress e mentor (o mentor é um conselheiro que tem certo conhecimento acerca das técnicas e conceitos do BDSM),⁴⁴ as Deusas, mulheres cujos pés são adorados.⁴⁵ Essas identificações são autorreferenciadas, de acordo com o papel que cada um assume em relação a suas fantasias.⁴⁶ *Top* (aquele/a que está “no topo”) e *bottom* (referente àquele/a que está numa posição de inferioridade no jogo erótico) dizem respeito ao papel “ativo” ou “passivo”, respectivamente. São, portanto, termos de identificação mais neutros, permitindo o uso em diferentes tipos de jogos. Vale ressaltar que se percebeu, no universo BDSM, o uso muito frequente de termos em inglês, o que, conforme Zilli (2009a), denuncia a forte influência norte-americana no BDSM brasileiro.

Fora do contexto BDSM, os papéis “ativo” e “passivo” representam uma hierarquia entre os gêneros. No século XIX, como será abordado no próximo capítulo, a ciência definiu a posição adequada ao gênero feminino durante o coito: o homem sobre a mulher, dominando-a e penetrando-a. Um homem não devia aceitar que a mulher se deitasse ou sentasse sobre ele, pois dessa forma haveria uma inversão de papéis inaceitável socialmente. Ao longo do tempo, essa hierarquia vem se enfraquecendo, mas, no imaginário social, o papel “ativo” ainda permanece relacionado ao papel masculino, e o “passivo”, ao feminino. Nesse sistema, convencionou-se que o papel “passivo”, próprio à condição feminina, era inferior ao “ativo”. Não à toa, Michel Misse (1979) propôs, em sua análise, que essa hierarquia produzia sobre os casais homossexuais um estigma, que chamou de estigma do passivo sexual. Esse estigma está associado ao papel “ativo” ou “passivo”, que um homossexual assume na prática sexual, sendo o papel “passivo” sempre estigmatizado. A consequência desse estigma na vida de homossexuais pode ser conhecida por meio do trabalho de Peter Fry (1982), por exemplo. Segundo ele, de acordo com esse sistema hierárquico, principalmente

⁴³ Leite Júnior (2000b) também revela que não encontrou nenhuma propaganda acerca de “profissionais masoquistas”.

⁴⁴ Conforme dicionário disponível em: <<http://gasmask.wordpress.com/dicionario-bdsm/>>. Essa pesquisa não localizou mulheres desempenhando o papel de mentor.

⁴⁵ Marília Loschi de Melo (2010) detalha essa prática, que ela observou, com frequência, em sua etnografia sobre festas BDSM no Rio de Janeiro.

⁴⁶ Para conhecer mais acerca da tipologia que envolve a dominação feminina, ver: <<http://perfumedemorgana.blogspot.com.br/2014/10/femdom-dominacao-feminina.html?zx=8edfb11c1035061c>>.

entre as camadas mais baixas da população e nas regiões Norte e Nordeste do Brasil, os homens dividem-se em “machos” e “bichas”. Os “machos” são aqueles que penetram, dominam a “bicha” – a dominada, portanto. Essa matriz expõe o poder hierarquizante entre não iguais em uma relação sexual: um ativo, dominador, que permanece com seu *status* de homem, e um “bicha”, inferior, feminino, passivo. Quem penetra é, de certa forma, vencedor de quem é penetrado, como bem percebeu Fry. Esses papéis parecem ser claramente definidos, uma vez que Fry conta ainda que também os “bichas” desejavam relações com “machos”, ridicularizando as relações entre duas “bichas”, por meio do uso de termos do tipo “quebra-louça” ou “lesbianismo”. Fica evidente, portanto, que a lógica heterossexual também oferecia um padrão para as relações homossexuais.

A neutralidade obtida na cena BDSM pelo uso dos termos “top” e “bottom” restringe-se apenas a liberar os adeptos de ter que se autoidentificar a partir das práticas que realizam. Livres dessa necessidade, os Top e bottoms continuam reiterando a hierarquia existente entre os papéis “ativo” e “passivo”, porém privilegiando a essência da hierarquia, ou seja, alguém domina alguém que se submete, sem, contudo, atribuir a essas posições uma conotação negativa, de inferioridade propriamente dita. Pelo contrário, a submissão é valorizada e admirada no meio BDSM. A visão simplista, portanto, de que quem detém o poder é aquele que penetra o outro com seu pênis deixa de ser o parâmetro, pois o poder agora, na cena BDSM, transcende em muito a mera penetração com o pênis, para se concretizar no exercício do domínio físico, emocional e psicológico sobre o outro.

Facchini (2010), ao investigar o grupo BDSM *a partir de mulheres que têm relações erótico-afetivas com mulheres*, apresenta a fala de Mistress Bela durante uma entrevista, que tenta explicar as sutilezas dessas diversas identificações:

A Dominatrix é sempre a Dominadora profissional. Na parte de dominação, tem a dominadora e a sádica. A Domme é aquela que fica mais com a submissa, a Mistress é a que castiga, a sádica. E a Rainha é escolhida pela comunidade. E a Rainha é quem tem algum status maior e tem o que mostrar. No SM, a questão da Rainha supera qualquer homem. Ele pode ser Lord, ser Mestre, pode ser o que for, a Rainha é única na comunidade. Abaixo dela vêm os homens e as mulheres

Dominantes e aí vai vindo. Os homens não se dividem dessa forma, eles se dividem como querem. A única diferença que tem é o Mentor, porque o Mentor vai mentorar alguém, não vai dominar alguém. Ele não põe a mão em alguém, ele só mentora. Ele auxilia, aconselha. O resto é tudo nomenclatura que eles dão: Senhor, Lord, Mestre (FACCHINI, 2012, p. 15).

Reconstituindo a hierarquia BDSM, portanto, a partir da fala da informante, anteriormente citada, tem-se: a Rainha, que reina absoluta, cuja posição é auferida pelo grupo, seguida pelos dominantes, aqueles que dominam, sejam eles homens ou mulheres envolvidos em práticas Ds ou SM. Na parte inferior da escala hierárquica, encontram-se os submissos, independente do sexo biológico, e que se envolvem em práticas Ds ou SM. Segundo o nativo Gladius Maximus,⁴⁷ os podólatras pertencem a um universo fronteiro ao do BDSM, que, no entanto, possuem algumas práticas em comum. Quanto a esses adeptos, discute-se sua presença no meio até mesmo por sua insistência em adorar pés de participantes de festas BDSM, mesmo quando tal adoração é recusada.⁴⁸ Para ele, é impensável um dominante podólatra, uma vez que tal posição afrontaria a hierarquia erótica do BDSM. Da mesma forma, os *switchers*, que se alternam entre posições de dominação e submissão em momentos diferentes com os mesmos parceiros ou não. Gladius é contundente ao afirmar que os *switchers* não são parte do BDSM e sim parte de uma “camada caótica dos fetiches”, na qual tudo é permitido. Há também aqueles que, como Mestre K@, entendem que ser *switcher* é algo na natureza, da essência de determinados indivíduos, e por isso, requer respeito.

Existem os [switchers que] assumem pap[é]is de domínio e submissão numa mesma cena ou sessão, outros diferenciam os pap[é]is em situações distintas com o mesmo parceiro, ou ainda com parceiros diferentes. Há quem serve um Dono e domina escravos, há quem domina escravas e serve outra Dona, e ainda quem domina e serve o mesmo parceiro e vice-versa, o que é menos comum, mas pode acontecer. Ser switcher não é ser volúvel e se apresentar com este ou aquele papel de acordo com a conveniência. Ser switcher é ter em essência a natureza dominante-submissa e/ou sadomasoquista. É comum se observar nas salas de chat um indivíduo que se apresenta como Dominador e por ser malsucedido na sua abordagem logo já muda de papel para não perder a conquista. Isto é oportunismo e atribui-se a pessoas com fraqueza de caráter ou ausente de informações.

⁴⁷ Para mais informações, ver: <<http://www.gladiusbdsm.com/2012/08/apresentando-os-sem-nocao-no-BDSM.html>>.

⁴⁸ Melo (2010), em sua etnografia sobre as festas BDSM no Rio de Janeiro, relata essa insistência.

Ninguém escolhe ser switcher, ou é, ou não é. Pode ser que a descoberta desta vertente aconteça em momentos diferentes da vida, mas[,] por princípio[,] esta natureza é inata. Embora a existência de um(a) switcher seja uma realidade, não há consenso quanto a sua aceitação no meio BDSM. Ainda existe preconceito quando alguém se assume switcher, sobretudo quando esta figura é masculina. Os preconceitos mais comuns são: do homem switcher, geralmente está associado, de forma pejorativa à bissexualidade, ou questionam a sua capacidade de dominar, uma vez que “quem se submete não sabe dominar”. Já a mulher switcher é vista como aquela que domina seus escravos(as) e até mesmo o seu ou sua Dono(a). Esta rejeição já foi pior em anos passados, observa-se uma evolução no sentido de aceitar melhor esta forma de se viver o SM.⁴⁹

A partir da explicação dos preconceitos que recaem sobre homens e mulheres *switchers*, pode-se reconhecer o peso que os papéis de dominação e submissão possuem na hierarquia de poder BDSM. Entre os homens, o papel de submissão é mais forte que o de dominação, marcando-o de tal forma que não se crê possível que um submisso em uma performance possa ser um dominador em outra. Já entre as mulheres, é o papel de dominação que prevalece, impedindo-a de ser uma submissa. Essa combinação é extremamente interessante, pois subverte o sistema dos papéis “ativo”, associado ao homem, e “passivo”, à mulher. É como se, quando se é capaz de experimentar uma condição diferente daquilo que foi socialmente reconhecido, esse rompimento possua uma força tal que inviabiliza um “retorno” ao que era esperado. Por esse mecanismo, os preconceitos contra os *switchers* acabam por reiterar a hierarquia dos papéis “ativo” e “passivo” ainda em vigor na sociedade.

De fato, os *switchers* são vistos no universo BDSM com desconfiança, dada sua ambiguidade. Poucos são os adeptos que os defendem e rara é a fala do próprio *switcher*. Ao longo dessa pesquisa, obtive acesso a apenas uma fala de um *switcher*, que foi entrevistado no documentário *Algolagnia*. Ele denuncia o desconforto que suas preferências eróticas causam ao meio.

No BDSM, portanto, a quebra da hierarquia de poder existente entre as posições de dominação e submissão, provocada por uma performance mais fluida própria dos *switchers*, que ora se posicionam de uma forma, ora de outra, não parece ser bem aceita. É possível que isso se justifique porque o BDSM se pauta na dominação e na submissão como elementos excludentes da essência de cada indivíduo. A partir dessa essência, cada adepto assume a posição correspondente

⁴⁹ Disponível em: <<http://fetichclub.com.br/os-switchers-no-universo-bdsm/>>.

na hierarquia. O capítulo 3 abordará melhor a natureza da dominação e da submissão.

O desejo intenso de manter a ordem, seja ela qual for, faz eco à necessidade de ordem que todas as sociedades apresentam e que foi tão belamente explicitada pelo trabalho de Mary Douglas (1966). A desconfiança sentida por quem ou pelo que representa ambiguidade social está relacionada à necessidade social de manter a ordem, o que significa requerer que cada um e cada coisa tenha o seu lugar claramente definido na estrutura social. Categorias fluidas, como a dos *switchers*, incorporam o medo social do que está fora da ordem e por isso, comumente, são deslegitimadas.

Quanto às práticas fetichistas, polêmicas à parte, essas também estão presentes no universo BDSM e são definidas pela psiquiatria como um transtorno. Segundo Valerie Steele (1997), em sua exploração acerca da moda como sistema simbólico relacionado à expressão da sexualidade, o discurso acerca do fetichismo aparece primeiramente na religião e na antropologia. Os tratados missionários costumavam referir-se a religiões pagãs que adoravam ídolos de madeira e barro. No início do século XIX, o termo passou a referir-se a qualquer coisa que fosse irracionalmente adorada. Posteriormente, Karl Marx (1974) cunha a famosa expressão “fetichismo da mercadoria” em seu texto *O capital*. Para o autor, a fetichização dos produtos do trabalho, para além de seu valor de uso, apresenta as características sociais do trabalho humano como se fossem características objetivas da própria mercadoria e inerentes a ela. Da mesma forma, a relação social entre os produtores com o trabalho global é percebida como uma relação social de coisas existentes para além dos próprios produtores.

Ainda segundo Steele, Alfred Binet foi o primeiro a utilizar, em 1887, o termo fetichismo em um sentido que se aproxima do sentido psicológico moderno. Dois anos depois, na Itália, o termo fetichismo foi usado pelo famoso criminalista Cesare Lombroso na introdução de *Psychopathia Sexualis*. Krafft-Ebing incorpora essa categoria pela primeira vez em seu trabalho na quarta edição de *Psychopathia Sexualis*, publicada também em 1889. Para esse autor, o fetichismo estava associado ao desejo masculino intenso sobre certas partes do corpo feminino ou partes de seu vestuário e que podia ser mapeado conforme um *continuum* de intensidade que variava do nível 1 – pequena preferência – ao nível 4 – quando os

estímulos substituem o parceiro sexual. O famoso psiquiatra Robert Stoller também defendia que o fetichismo se constituía entre homens. Steele apoia essa afirmação a partir dos resultados obtidos em sua pesquisa acerca de fetichismo de roupas. Posteriormente, o fetiche será dividido em patológico e fisiológico, sendo esse último o responsável pela atração afetiva entre duas pessoas e o sustentáculo do matrimônio, como pontua Leite Júnior (2000a).

Para alguns teóricos, o fetichismo é universal, ou, no mínimo, existe há milhares de anos em diversas culturas, como entre os sambias da Nova Guiné, que fetichizam bocas de meninos, e mesmo na antiga Roma, na qual o famoso poeta Ovídio era podólatra. Outros acreditam que o fetichismo se desenvolveu apenas na sociedade ocidental moderna, quando se considera a categoria fetiche tal como é concebida atualmente. Há evidências que alimentam ambos os grupos, segundo Steele.

Fetichismo envolve símbolos fálicos. Embora comumente se associe o falo ao pênis, o falo, na verdade, como bem pontua Steele (1997, p. 25), “é o importante símbolo de poder e potência eternamente ereto”, que nem homens nem mulheres possuem, mas desejam. Michel Foucault (2010) também estava atento ao fetichismo. Para ele, esse poderia ser usado como um “fio condutor” para análise de todas as outras perversões. O grupo revisor da última edição do Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais, que será abordado pormenorizadamente no próximo capítulo, definiu o fetichismo como uma orientação sexual caracterizada pelo desejo de ver, ouvir, cheirar, sentir o paladar ou tocar certos objetos, peças de roupas ou partes do corpo de um parceiro real ou imaginário (REIERSOL; SKEID, 2011, p. 3). Vale ressaltar que Odd Reiersol e Svein Skeid fizeram parte do grupo de pesquisadores que trabalharam na revisão dos diagnósticos de sadomasoquismo e fetichismo para a publicação do manual em questão e defenderam que o fetichismo entre mulheres também é possível.

1.2.2

O estilo de vida BDSM

Produzir-se como um “estilo de vida” permite ao BDSM também constituir-se como uma subcultura (LEITE JÚNIOR, 2006; ZILLI, 2007; GREGORI 2014a), na qual essas sexualidades não normativas podem se expressar, defendendo o cuidado do corpo e o fortalecimento do self,⁵⁰ o que forja um erotismo politicamente correto, como proposto por Gregori (2015), que pretende atenuar os traços e conteúdos violentos envolvidos nas práticas sadomasoquistas. Dessa forma, um dos elementos do BDSM faz referência à noção da prática sexual como técnica corporal,⁵¹ cuja finalidade é o desenvolvimento interior dos envolvidos (GREGORI, 2004, p. 254). Weiss (2011) vê o BDSM como técnica ou habilidade e como visão de mundo; “técnica de si”. Isso pode ser percebido na fala de Mestre K@,⁵² um sádico assumido:

Em minha fantasia, a prática das sessões se dá da seguinte forma: sessões individuais e/ou coletivas com minhas escravas; [p]odem acontecer também empréstimos e vivências com Rainhas Convidadas. São situações difíceis, mas ao vivê-las a escrava tem condição de expandir seus limites, além de tornarem-se mais próximas a mim, já que me dá especial prazer, no contexto da fantasia, ver as pessoas que amo sofrer. É uma forma significativa de crescimento para todas as partes e em todos os sentidos, pois entendo que o SM só se fortalece em comunidade.⁵³ [grifos meus]

Vale esclarecer a diferença entre “cena” e “sessão”. Conforme o dicionário nativo do adepto GasMask, a “cena” é uma atividade ou jogo específico dentro de uma sessão ou relacionamento BDSM. A sessão, portanto, constitui-se a partir de um conjunto de cenas.⁵⁴ Para Brame et al. (1993), a cena, de fato, pode se referir a um interesse particular: “A cena dele é bondage.” Ou ainda um episódio erótico

⁵⁰ Gregori chama a atenção para o fato de que “(o) ‘obsceno’, caro às expressões eróticas que se desenham em materiais desde o século XVI, está perdendo lugar para a noção de prática sexual como técnica corporal que visa o fortalecimento da autoestima individual” (GREGORI, 2003, p. 254).

⁵¹ A ideia de prática sexual como técnica não é nova na literatura acadêmica. Como indica David Le Breton (2010), Marcel Maus foi quem introduziu de fato a sexualidade no âmbito das técnicas do corpo, reconhecendo que cada cultura apresenta, por exemplo, posições sexuais e duração das trocas, diferenciadas.

⁵² Disponível em: <<http://www.mestreka.com/bdsm-relacao-dominacao-submissao-mestre-k/>>.

⁵³ Disponível em: <<http://www.mestreka.com/bdsm-relacao-dominacao-submissao-mestre-k/>>.

⁵⁴ Disponível em: <<http://gasmask.wordpress.com/dicionario-bdsm/>>.

específico: “Ela fez uma cena com sua escrava na festa passada.” Todavia, pode também ser definida por aspectos organizacionais ou sociais do Ds. Estar “na cena” significa participar de grupos de suporte, clubes ou outras atividades. Alguns entrevistados pelos autores usaram o termo “cena” para se referir à comunidade. A “cena”, portanto, parece ser o *locus* onde o universo BDSM se materializa, de certa forma, destacando-se da vida e dos elementos cotidianos. Nesse sentido, a “cena” pode recriar experiências diversas, cujo mote é sempre o exercício do poder.

O “crescimento” dos envolvidos, defendido por Mestre K@, está associado à superação de padrões ou conceitos previamente estabelecidos acerca da sexualidade. Está ligado também a um desenvolvimento individual de acordo com o papel que desempenha no universo BDSM, ou seja, de dominação ou submissão. Assim, pode-se falar sobre um “crescimento como escravo” ou um “crescimento no estilo de vida FemDom”,⁵⁵ por exemplo. Logo, “crescimento” sinaliza a existência de conhecimentos e experiências que requerem o engajamento no meio para que sejam adquiridos. O “crescimento”, que propicia a autorrealização, contém também a promessa psicológica e política de felicidade. O “crescimento” é para todos, conforme afirmação de Mestre K@, mas essa categoria aparece com mais recorrência no discurso acerca da submissão, por conta da exigência de superação de tabus, preconceitos, limites físicos e psíquicos.

A superação de limites e o progresso de sua persona BDSM enquanto tal encontram no grupo sua confirmação, que também exerce controle sobre os envolvidos, assegurando o respeito aos princípios do meio, entre eles o SSC – Seguro, São e Consensual.⁵⁶ “Seguro” significa não correr riscos sem as devidas precauções. “São” requer que os praticantes estejam de posse de todas as faculdades mentais, assim como emocional e intelectualmente equilibrados. “Consensual” refere-se à necessidade de um acordo prévio entre os envolvidos acerca das práticas que realizarão. Outro lema comum nessa comunidade, conforme Leite Júnior (2000b), é “[m]achucar sem maldade (ou danos)”. O lema parece circunscrever o ato de infligir dor dentro dos limites do outro, por isso não machuca, para que ambos obtenham prazer. Assim, o lema sinaliza uma vivência

⁵⁵ Dominação realizada por mulheres.

⁵⁶ O primeiro texto moderno conhecido acerca de segurança em práticas SM foi escrito pelo médico francês François Amédée Doppet (REIERSOL; SKEID, 2011).

sempre no limite da fronteira, o que parece denunciar o prazer pelo risco, pelo perigo. Prazer e perigo, como aponta Gregori, estão sempre implicados nessas práticas. Essa vigilância mútua pode conduzir à expulsão de indivíduos cujas condutas possam prejudicar adeptos ou o grupo como um todo.⁵⁷ Trata-se, portanto, de um mecanismo de autoproteção e defesa, regulação e controle, bastante difundido no meio, conforme observaram Facchini (2010) e Melo (2010), mas também um elemento do rito de reconhecimento social. Nesse sentido, a pesquisadora Weiss (2011) chega a afirmar que uma pessoa só se torna realmente praticante de BDSM quando participa de uma comunidade social, sexual e educacional, que ensina técnicas de autocontrole ao lado de cordas de bondage e habilidades de amarração. Esse compromisso com a comunidade é uma forma de pertencimento social, que diferencia o BDSM como uma comunidade de prática. Entretanto, no exercício desse controle, a autora percebe ambiguidade no discurso do grupo: por um lado, defende um projeto de autocontrole (*self control*); por outro, exerce um acentuado controle externo sobre seus participantes.

Apesar de largamente defendida, a crença no desenvolvimento pessoal pela superação de limites a partir dessas práticas sexuais encontra discordância, como a apontada na página *Dominação & Submissão*, do Facebook:

O que é importante para o crescimento de uma sub é ela mesma, e não uma prática em si. Um fetiche pode ser tão relevante quanto irrelevante. Será a dedicação, leitura, estudo e amor próprio que farão com que esta submissa/masquista evolua... e cresça, não a humilhação, dominação ou submissão.⁵⁸

De uma forma ou de outra, a perspectiva é sempre positiva, no sentido do aprimoramento pessoal, bem típico da contemporaneidade em que se busca, como salienta Luiz Fernando Dias Duarte (1999), a melhoria contínua tanto das tecnologias em voga, quanto da própria performance do corpo, pensado tanto sob o aspecto biológico, quanto do psíquico. A “nova Renascença”, para usar uma expressão de Lins (2014), vivenciada atualmente por homens e mulheres, é marcada pela descoberta de novos continentes, novas terras, que agora se

⁵⁷ Para conhecer mais acerca das festas BDSM, ver Melo (2010) e Facchini (2010).

⁵⁸ Disponível em: <<https://www.facebook.com/pages/Domina%C3%A7%C3%A3o-Submiss%C3%A3o/385096481612477?ref=strea>>.

encontram no interior de cada um. O novo mundo a ser desbravado é o próprio indivíduo.

Em “O império dos sentidos”, Duarte propõe o que denominou, parafraseando Foucault, de “dispositivo de sensibilidade”, do qual ressaltou três aspectos: a perfectibilidade, a experiência e o fisicalismo. A perfectibilidade está associada à capacidade própria à espécie humana de aperfeiçoamento contínuo, de progresso, que implica o uso sistemático da razão para o avanço do ser humano sobre o mundo. A perfectibilidade requer a experimentação do mundo exterior. A razão viceja por meio do contato sensorial dos sujeitos com o mundo. É por meio dos sentidos que a espécie humana constrói novas formas de se relacionar com o exterior a fim de promover seu desenvolvimento. Como bem pontua o autor, “(o)s sentidos estão tanto na raiz da razão como na da ‘imaginação’ ou das ‘emoções’ e ‘paixões’. O fato cognitivo da ‘experiência’ se reduplica em fato emocional” (DUARTE, 1999, p. 25). Perfectibilidade e experiência estão intimamente relacionadas, já que não é possível o desenvolvimento humano sem a experimentação do mundo.

Diante do exposto, é possível reconhecer na ideia de “crescimento”, tão propalada no universo BDSM, uma profunda relação com o fenômeno da perfectibilidade defendido por Duarte, uma vez que está associada à superação dos limites humanos, sejam eles físicos, psicológicos ou emocionais. Embora os limites do submisso devam sempre ser respeitados, cabe aos dominadores buscar lentamente promover nos submissos o desejo de superar as barreiras impostas por medos, traumas, preconceitos, ajudando-os a libertar-se dos mesmos; a exploração das interações; a redefinição dos limites da dor e do prazer com a mudança da concepção de onde começa um e termina o outro. A busca constante por conhecimento também é valorizada pelos adeptos, que se consideram “intelectualmente sofisticados” e bem-informados. Tem-se, por conseguinte, a busca constante pelo aperfeiçoamento humano. Um aperfeiçoamento que é, em certa medida, compartilhado entre o grupo por meio dos relatos de experiências, desenvolvimento de técnicas e mesmo nos contos, tão numerosos no universo BDSM e que funcionam como promotores desse ideal de superação de limites.

Por fim, o fisicalismo completa um “quadro aproximativo” entre as formas modernas da sexualidade e da sensualidade. Nas palavras de Duarte:

O fisicalismo, como teoria da pessoa, é uma revolução cosmológica, uma transformação crucial que ocorre também nesse período, decorrente da separação radical entre o corpo e o espírito (expressa, por exemplo, na filosofia de Descartes) e graças à qual se passa a poder considerar a corporalidade humana como dotada de uma lógica própria, que deve ser descoberta e que tem implicações imediatas sobre a condição humana. Na verdade, é a consideração da corporalidade em si, como dimensão autoexplicativa do humano, que se pode chamar propriamente de fisicalismo (DUARTE, 1999, p. 25).⁵⁹

Da mesma forma que a perfectibilidade e a experiência são dimensões da vivência BDSM, o fisicalismo também está presente e pode ser percebido, por exemplo, na busca por um prazer erótico, muitas vezes não genital, pela exploração da mente (dominação psicológica e emocional) e do corpo, permitindo a descoberta de novas formas de se viver a sexualidade.

Em vista disso, pode-se afirmar que perfectibilidade, experiência e fisicalismo se congregam nas práticas BDSM. Tanto Gregori (2003; 2008), que vem desenvolvendo pesquisas a respeito de práticas sexuais, limites da sexualidade e violência, quanto Zilli (2007), que analisou o discurso de legitimação das práticas BDSM na internet, observam que as práticas BDSM revelam certo cálculo racional do uso do prazer para maximizar sua intensidade e minimizar os riscos decorrentes dessas práticas. O SSC revela-se mais um instrumento dessa lógica e reforça um erotismo politicamente correto.

Outra questão que se coloca acerca do universo BDSM é a da problematização da contextualização dessas práticas no mundo virtual ou, em outros termos, em que medida essas práticas estão ligadas ou são extensões do mundo virtual. É certo que o ciberespaço não produziu o BDSM, mas, sem dúvida, alargou os horizontes de seus adeptos, permitindo a comunicação e a troca de informações com praticantes do mundo inteiro e promovendo seu estilo de vida. Assim, é comum nesse grupo a distinção entre práticas “virtuais” e práticas “reais”. No universo virtual, atividades Ds ganham espaço, particularmente com o uso de webcam. Após a abordagem inicial oriunda da troca de mensagens escritas nas salas de bate-papo, é comum que potenciais parceiros queiram se ver e conversar por meio da webcam. Por vezes, o adestramento de submissos inicia-se virtualmente graças a essa ferramenta, que facilita inclusive que dominadores

⁵⁹ Tal assertiva encontra eco no pensamento de Le Breton (2010, p. 87), sociólogo que trabalha com questões relativas à corporeidade.

exercem controle sobre submissos. Frequentemente, esses se veem obrigados a comprovar tanto a realização de certas atividades, como de certos castigos prescritos por seus dominadores. A relação virtual, por vezes, anseia por se tornar “real”. Assim, o virtual acaba sendo um facilitador para um primeiro contato, o início do adestramento, a troca de informações e conhecimentos, a manutenção da proximidade de parceiros que vivem em localidades distantes etc.

Fora do âmbito da internet, conforme Leite Júnior (2000b), existem *munches*,⁶⁰ que são reuniões informais promovidas por praticantes do BDSM para conhecer pessoas novas, inclusive as “curiosas” – aquelas interessadas em informações –, e as festas, algumas já tradicionais, que reúnem os praticantes de BDSM, sendo que a cidade de São Paulo parece ser o local brasileiro de maior badalação. A internet⁶¹ é uma importante ferramenta na divulgação dessas festas, embora algumas sejam bastante restritas, inclusive pelo alto valor cobrado pelo ingresso, já que, para a realização dessas festas, é necessário alugar espaços específicos, o que encarece os eventos. Esses, além de constituírem espaço de sociabilidade, são o *locus* privilegiado em que as identificações (dominador, submisso, mestre, entre outras) são reconhecidas e legitimadas pelo grupo.

Como apontado anteriormente, a “cena” é uma atividade ou jogo específico (por exemplo, cena de chuva de prata, ou seja, cena que envolve a erotização de urina, saliva ou suor), na qual tudo o que acontece no seu desenvolvimento é combinado detalhadamente entre os parceiros, sempre respeitando o princípio sagrado do SSC. A cena diferencia o momento do jogo erótico da vida “normal”, uma vez que a cena se alimenta das tensões/traumas presentes na vida social. Alguns pesquisadores entendem o BDSM como um teatro. Esse é o caso de Susan Sontag (1986). Nas palavras da autora:

Frequentadores assíduos do sexo sadomasoquista são *experts* no vestir, coreógrafos, bem como atores, num drama que é ainda mais excitante porque é proibido às pessoas comuns. O sadomasoquismo é para o sexo o que a guerra é para a vida civil: a magnífica experiência. [...] Sadomasoquismo, é claro, não significa apenas pessoas machucando seus parceiros sexuais, o que sempre ocorreu – e geralmente significa homens batendo em mulheres. O eternamente bêbado camponês russo descarregando em cima da esposa está apenas fazendo algo que ele sente vontade de fazer (porque está infeliz, oprimido, estupidificado; e porque as mulheres são vítimas acessíveis). Mas o eterno inglês num bordel

⁶⁰ Sem tradução para o português.

⁶¹ Antes do advento da internet, adeptos conheciam-se por meio de anúncios em revistas eróticas.

sendo chicoteado está recriando uma experiência. Ele está pagando uma prostituta para encenar uma peça de teatro com ele, para restabelecer ou reevocar o passado – experiências dos seus tempos de escola ou de creche que agora asseguram para ele uma enorme reserva de energia sexual (SONTAG, 1986, p. 82-83, grifos meus).

Logo, Sontag oferece um paralelo entre guerra *versus* vida civil e BDSM *versus* relação “baunilha”, sendo guerra e BDSM chamadas de “magnífica experiência”, aquilo, portanto, que extrapola por completo a experiência corriqueira, dos padrões normalizados. Os marcadores sociais da diferença – gênero, cor/raça, idade, entre outros –, como bem pontua Gregori, não só são eles mesmos produtores de desigualdade social, como também atuam na configuração do que gera prazer. “As hierarquias, as normas e proibições formam o repertório para o erotismo, a partir de todo um esforço de transgressão” (GREGORI, 2014a, p. 50).⁶² O BDSM como teatro, portanto, recria experiências. Uma recriação ao bel prazer dos envolvidos na cena.

Da perspectiva da desigualdade de gênero, Gregori (2014a) sinaliza uma marca quase caricatural das performances nos jogos Ds, que denunciam a contingência da hierarquia de gênero. Em suas palavras:

[...] o que marca em termos de gênero as dissimetrias de poder é acionado, produzindo um efeito quase caricatural. As tensões são escrupulosamente ativadas como para afastar a verossimilhança, expondo a armação contingente que trama o poder. De fato, o lado contestador dessas iniciativas quanto às normas de gênero está nessa espécie de ritualística que expõe as posições de mando e controle, que ainda marcam as relações de gênero, de um modo extrapolado, causando uma sensação de algo inapropriado (GREGORI, 2014a, p. 65).

Da mesma forma que o sexismo, o ideário do individualismo moderno parece-se também parodiado pelos parceiros da Ds. A relação inicia-se a partir do desejo livre, autônomo de cada um dos envolvidos, o que prenuncia uma igualdade entre eles. Entretanto, tão logo a Ds tenha curso, essa igualdade é totalmente abolida e a autonomia e a liberdade do outro só permanecem em vigor pelo respeito aos limites consensuados. Esse movimento de retirada do poder do outro, de subjugação do outro, parece parodiar a sociedade contemporânea, que

⁶² Carol Vance (1985, p. 1) comunga de ideia semelhante.

defende de forma tão apaixonada a liberdade e a igualdade de seus membros, mas que é permeada, paradoxalmente, por desigualdades sociais as mais diversas.

Em suma, pode-se afirmar que o BDSM é uma subcultura constituída em torno do que Anne McClintock, influenciada por Foucault, afirma acerca do SM, ou seja, “[c]omo teatro de conversão, o S/M reverte e transforma os significados sociais que toma emprestados” (MCCLINTOCK, 2003, p. 24).⁶³ Por meio do exercício ritual, forjado no sentimento de entrega somado a comportamentos padronizados (liturgia) e uma forte atitude de devoção para com alguém ou algo (LEITE JÚNIOR, 2006), o BDSM é capaz de produzir a conversão de homem em mulher, de adulto em criança, de indivíduo livre em escravo, de ser humano em animal.⁶⁴ A ideia de teatro, por conseguinte, está atrelada a reconfigurações de alguns dos significados sociais e não à autenticidade com que essas reconfigurações são, de fato, vividas. A autenticidade, como um princípio da modernidade, permanece vigente nas encenações BDSM. José Reginaldo Gonçalves (1988) aborda em sua análise acerca dos “patrimônios culturais” os conceitos de sinceridade e autenticidade. A sinceridade, entendida como ausência de dissimulação, era uma preocupação de fins do século XVII até o início do século XIX, que estava relacionada à maneira como o *self* é apresentado nas relações com o outro. Após esse período, tal preocupação foi sendo substituída pela noção de autenticidade, mais adequada ao individualismo moderno. A autenticidade relaciona-se não com o modo como o *self* é apresentado aos outros, mas com o que o indivíduo realmente é, independentemente dos papéis desempenhados e das interações com os outros. Logo, o indivíduo torna-se o próprio *locus* de significado e realidade. Nas palavras de Gonçalves (1988, p. 265): **“Autenticidade é a expressão desse *self* definido como uma unidade livre e autônoma em relação a toda e qualquer totalidade cósmica ou social.”** Autenticidade identifica-se com o original, contrapondo-se à ideia de cópia, própria do inautêntico. Como um valor do individualismo moderno, a autenticidade assegura que o indivíduo é um ser único, exclusivo, especial.

⁶³ A história de Hannah Cullwick e Arthur Munby tratada pela autora em *Couro imperial* exemplifica ricamente de diferentes formas como elementos sociais e momentos históricos podem ser convertidos para obtenção de prazer sexual.

⁶⁴ Outra forma de leitura pode ser proposta a partir da ideia de simbologia invertida presente no carnaval e desenvolvida por autores como Roberto DaMatta (1990) e Peter Stallybrass e Allon White (1986), influenciados pelos estudos de Mikail Bakhtin.

O trabalho de Monteiro e Augusta (2012) reforça a importância da autenticidade no BDSM. Elas analisaram as interpretações que os adeptos portugueses do BDSM constroem sobre esse universo, bem como a forma como articulam suas identidades sociais e sexuais. Nessa pesquisa, as autoras relatam que alguns de seus entrevistados se negam a interpretar o BDSM como um jogo e afirmam a autenticidade da apresentação do seu *eu* nesse espaço. Sirius, por exemplo, é um submisso de 45 anos, casado e advogado, que afirma: **“A ideia de jogo não é o meu conceito de BDSM”** (MONTEIRO; AUGUSTA, 2012, p. 12).

Outro entrevistado, Lublin, um *switcher* de 35 anos, solteiro e que trabalha com gestão, revela:

Agora, eu entrego-me enquanto submisso, entrego-me e gosto de o fazer porque, se não sinto isso, se não sinto que me estou a entregar, porque vejo que estou ali a fazer um... a representar um papel... e eu não gosto de representar papéis (MONTEIRO; AUGUSTA, 2012, p. 12).

Tais relatos indicam o profundo envolvimento físico e emocional que as práticas BDSM podem acarretar. A teatralização não significa a mera apresentação de uma personagem, como uma representação falsa de algo ou alguém, porém a intensa experimentação de uma fantasia erótica, que jaz no âmago de cada indivíduo, conforme sua subjetividade, o que faz com que a representação seja percebida como verdadeira, autêntica.

Outro ponto importante é o reconhecimento de que no BDSM se tem o que Foucault (2004) denominou de “dessexualização do prazer”, ou seja, a obtenção do prazer a partir de novas formas que fazem uso de objetos ou partes do corpo não usuais, além da própria erotização do poder, o que não quer dizer uma mera reprodução da estrutura de uma relação de poder no interior de uma relação erótica: trata-se, todavia, da “encenação de estruturas do poder em um jogo estratégico, capaz de procurar um prazer sexual ou físico” (FOUCAULT, 2004, p. 271). Em outras palavras, no caso do BDSM, é obter prazer físico pelo uso de uma relação assimétrica de poder entre aquele que detém todo o poder e, portanto, manda e é servido, e aquele que apenas obedece servilmente. Dessa forma, faz-se uso de “gatilhos” emocionais ou psicológicos – humilhações, xingamentos, por exemplo – e sensoriais – contenção do corpo com amarras, palmadas, brinquedos sexuais, entre outros –, como pontua Zilli (2007), para despertar, respectivamente,

a sensação de entrega total e elevar a excitação sexual. O uso estratégico do poder para fins eróticos é uma convenção de prazer nesse universo.

Margot Weiss (2011) situa a análise que realiza do BDSM a partir de uma perspectiva neoliberal, não no sentido, segundo ela, estritamente da teoria econômica, mas como uma formação cultural que produz e valida sujeitos com compreensões mercantilizadas das relações entre público e privado. Seu trabalho foca na comunidade BDSM de São Francisco nos Estados Unidos e sinaliza o que denominou de a ironia do BDSM: ideologicamente, a sexualidade é imaginada como o *locus* da liberdade do *self*, das normas e convenções sociais; no entanto, a sexualidade é uma forma primária de controle social, um modo de categorizar indivíduos e relacionamentos dentro das grades de significado social.⁶⁵ Para a autora, reencenando normas sociais na privacidade de seus “cárceres”, obscurecem-se os sistemas institucionalizados de dominação dentro e através dos quais tais cenas surgem.⁶⁶ Apesar desse obscurecimento, a autora ressalta certas ambivalências no meio, como as relatadas por Annalee, uma judia que não tinha o menor desejo de participar de “jogos nazistas”, e Edward, um homem branco que gostaria de encenar um navio negreiro, mas não existia um número de pessoas afrodescendentes no meio suficiente para a realização dessa fantasia, que, no entanto, teria limites. Por exemplo, Edward revela que não pediria para alguém limpar seu jardim ou ser seu escravo por um mês.

Embora sinalize um obscurecimento das desigualdades sociais, Weiss reconhece que tais práticas também podem produzir novos conhecimentos, posicionalidades e possibilidades acerca da raça, do gênero e do sexo por meio de um processo de ressignificação. Peter Stallybrass e Allon White (1986), ao analisar elementos da vida social inspirados na inversão simbólica produzida pelo carnaval, compartilham dessa mesma crença na capacidade de configuração de novas estruturas a partir da transgressão das estruturas dadas.

⁶⁵ Tal posicionamento encontra ressonância na análise de David Le Breton acerca do corpo, quando denuncia que: “Inscritos em um novo imaginário social (‘liberação’ do corpo, da sexualidade, dos sentimentos; contestação da família do casal; cuidado de si etc.), esses jogos e esses discursos loquazes que colocam o corpo em destaque ilustram esse dispositivo social de controle que a intimidade do ator solicita, orientando suas condutas, mas deixando-lhe o sentimento de completa autonomia” (LE BRETON, 2010, p. 86).

⁶⁶ Nas páginas 204 e 209 do trabalho de Weiss (2011), há relatos de praticantes de BDSM que revelam seu desconforto com práticas que reencenam o nazismo e a escravidão, reforçando seu argumento.

Outro aspecto da teatralidade presente em jogos BDSM está contido nas cenas que costumam seguir, rigidamente ou não, de acordo com os envolvidos, uma liturgia, que, nas palavras do praticante Mestre Jot@SM (DIP, 2011), têm importância central: **“BDSM sem liturgia é somente sexo com porrada.”** Conforme o dicionário Priberam, liturgia significa o conjunto das cerimônias eclesiais; o mesmo que rito.⁶⁷ No site do Senhor Verdugo, que se identifica como um sádico,⁶⁸ tem-se a seguinte definição de liturgia:

[...] as formalidades sociais nos relacionamentos hierárquicos, o cerimonial que envolve as sessões e os encoleramentos, tudo aquilo que cria uma atmosfera solene no ambiente sadomasoquista.⁶⁹ [grifo meu]

Destaco o uso da expressão “atmosfera solene” pelo adepto. Conforme o dicionário Priberam, “atmosfera” significa o meio em que se vive e que exerce influência sobre os seres vivos. Já “solene” refere-se a: **“1. Feito com aparato e pompa; 2. Grave, majestoso, que infunde respeito; 3. Enfático; 4. Feito com todos os requisitos necessários para ser legal.”** Logo, uma atmosfera solene é requerida pelo BDSM porque o momento dos jogos não é um momento corriqueiro: exige pompa, respeito e legalidade, ou seja, deve se destacar do cotidiano, pois é especial, e deve possuir um aparato que o marque como um momento BDSM. A atmosfera solene separa o jogo da vida cotidiana, corroborando com o discurso de que o BDSM constitui um universo à parte. A liturgia, que formaliza o momento BDSM, é parte dos *scripts* sexuais que constituem esse meio, entendidos como os roteiros mentais ou cognitivos, que fornecem aos envolvidos em uma interação certo enquadramento da situação, de forma que é possível a eles definir a situação, designar os atores envolvidos e organizar seus comportamentos (GAGNON, 2006).⁷⁰ Por essa leitura, a conduta sexual é possibilitada pelo contexto de interação, e não meramente por impulsos internos “automáticos” e “naturais”.

⁶⁷ Disponível em: <<http://www.priberam.pt/DLPO/liturgia>>.

⁶⁸ Para conhecer o Sr. Verdugo, acessar: <<http://www.senhorverdugo.com/quem-sou.html>>.

⁶⁹ Disponível em: <<http://www.senhorverdugo.com/bdsm-e-sua-liturgia.html>>.

⁷⁰ Conforme Kenneth Plummer (2009), Gagnon e Simon eram discípulos de Ervin Goffman. Em 1973, eles aplicaram pela primeira vez a teoria dos *scripts*, formulada a partir da análise dos *scripts* dos atores de teatro, a um novo domínio: o da sexualidade.

No universo BDSM, dá-se grande importância aos rituais, pois, segundo alguns adeptos, são esses que distinguem as práticas BDSM das práticas fetichistas e das práticas “baunilha”. Nas palavras do dominador Gladius Maximus, liturgia é:

[...] algo de ritual que organiza e fundamenta o Universo BDSM como um todo, o diferenciando da área dos fetiches, que é a camada que separa o mundo baunilha do BDSM. O outro é onde o significado se aproxima do dicionário e coloca a liturgia como uma seq[u]ência organizada de posturas e atitudes que descrevem de forma clara um estilo pessoal, fazendo assim com que seja seguido de maneira clara por outras pessoas que queiram seguir essa determinada linha. Tanto quando usado de modo genérico quanto de forma específica, liturgia é a ordem sobre o caos. Então podemos falar em liturgia BDSM como um todo, significando o fato fundamental de que esse universo só existe com ordem, ritual, lógica, verdade, sanidade, segurança, consensualidade e algo que eu sempre acrescentei, bom senso. Entre o Mundo baunilha e o Universo BDSM existe uma camada intermediária, a dos Fetiches. É uma camada turbulenta e caótica, pois vários valores e conceitos baunilha e BDSM colidem, provocando os mais variados tipos de distorções. Um dos maiores problemas no BDSM é a insistência de pessoas da camada dos Fetiches em entrar no BDSM trazendo consigo essas distorções. O que faz a diferença é principalmente a ordem que o Universo BDSM impõe ao caos dos fetiches. E essa ordem se manifesta no formato do ritualismo e na necessidade de se registrar isso com a liturgia.⁷¹

Essa assertiva de Gladius Maximus aponta para alguns elementos que demandam reflexão. O primeiro diz respeito à necessidade do universo BDSM se proteger do mundo “baunilha”. De seu ponto de vista, entre a ordem desses dois mundos, há uma camada ambígua, desordenada, “caótica”, que representa uma ameaça ao BDSM: a camada dos fetiches. Essa ameaça se justifica porque, em tal camada, ainda pairam elementos do mundo “baunilha” que se misturam a elementos do BDSM, o que pode provocar confusão, contaminação ou desordem no meio BDSM. Assim, uma hierarquia sexual se forma, na qual o BDSM se insere no topo, seguido do universo “fetichista”, caracterizado pelo caos, e do mundo “baunilha”, do sexo convencional, pouco excitante. Todavia, a interpretação de Gladius acerca do fetichismo não parece representar um consenso no meio. A observação do campo conduz a uma percepção de que o fetichismo perpassa todo o universo, seja na vestimenta utilizada, seja no uso de certos objetos, como o chicote, por exemplo.

⁷¹ Disponível em: <<http://www.gladiusbdsm.com/2010/07/o-que-o-senhor-entende-por-liturgia.html>>.

Já o submisso Masonauta complementa:

Os rituais seguem uma seq[u]ência lógica desde a contemplação até o exercício prático. Servem para doutrinar, ensinar, confessar, castigar, corrigir o rumo, aliviar. Os rituais são sistemáticos, obsequiosos, metódicos e profundamente dedicados. O objetivo do ritual é promover a profunda análise da situação do idólatra e sua dimensão diante do Poder Absoluto da Rainha.⁷²

Portanto, o alegado objetivo dos rituais para esse adepto é reiterar o lugar de cada um no jogo. Para que o jogo funcione, é necessário que cada um se aproprie de seu devido lugar e jogue conforme as regras pertinentes a tal posição, seja ela de dominação ou de submissão. A relação Ds é marcada por rituais específicos, sendo o principal o do encoleiramento, extremamente difundido, que marca o compromisso que uma pessoa livre e autonôma assume, diante de outra, de se submeter aos seus desejos e servi-la, tornando-se posse da outra. Há aqueles que defendem que o ritual deve espelhar a subjetividade dos envolvidos, não aconselhando o uso de *scripts* predefinidos rigidamente e disponíveis na internet. A Castelã_SM, por exemplo, orienta em seu blogue apenas o uso de certos elementos que marcam simbolicamente o ritual, promovendo a ligação entre o desconhecido e o conhecido:

Para o “ritual de encoleiramento” não existe, necessariamente, um “modelo”. A única coisa a considerar é que o ritual deixa, no subconsciente, sinal indelével. Estão colocados aqui, alguns dos “elementos simbólicos” que poderão estar presentes neste ritual. Cada um possui seu significado específico e particular. O TOP irá escolher a forma como utilizá-los.

CÍRCULO - linha sem início ou final. Significa o melhor meio de preservar e conter o espaço de energia. É transformado, neste ritual, no templo de proteção e poder;

VELAS - além de proporcionar uma luminosidade “misteriosa” ao ambiente, irão representar a clareza dos sentimentos envolvidos ali. Elas atraem coragem para vencer desafios. Cor: Rosa - (simboliza raízes de um relacionamento)

Violeta - (simboliza mudança/transformação)

Vermelha (simboliza energia/poder); [...]

BANHO - a ser tomado pelo “bottom”. Usa-se a título de preparação para o ritual. Chá (feito em casa) de camomila e algumas gotas de essência de patch[o]uli ou jasmim (ou qq outra representativa para o TOP); [entre outros]⁷³

⁷²

Disponível

em:

<<http://masonauta.blogspot.com.br/2011/12/rituais.html?zx=5c8606764582041d>>.

⁷³ Disponível em: <<http://castelodamaga.blogspot.com.br/2008/11/ritual-de-encoleiramento-elementos.html?zx=f6a49ef2d974a639>>.

Percebem-se, por essa exposição, alguns elementos importantes. Primeiro, a polissemia e a multivocalidade contidas nesses símbolos como representantes da cultura e de seu ambiente material. Segundo, todo um cuidado e manejo no uso de elementos simbólicos para a vivência dessa passagem – de liberdade à submissão –, a fim de despertar nos envolvidos emoções, além de expressar e mobilizar desejos, reiterando valores como relacionamento, poder, prazer e mesmo pureza, representada pela necessidade da pessoa submissa banhar-se antes do ritual. Já Mestre K@ propõe um passo a passo cerimonial:⁷⁴

A submissa caminha em direção ao seu Dono e revela sua vontade de viver sua vida pelas regras do BDSM. “Senhor quero fazer do BDSM o meu estilo de vida” O Dominador a aguarda com a coleira que será colocada na submissa. Toca um sino anunciando o in[í]cio da cerimônia. A submissa caminha em direção ao seu Dono. Um segundo sino toca... O Dominador entrega a coleira nas mãos da submissa. A submissa com a guia na mão faz o seguinte juramento: “Eu O ofereço esta guia para que me guie e me dirija pela minha vida. É meu desejo pertencer ao Senhor e segui-lo por onde achar que devo”. O Dominador pega a guia da mão da submissa e declara... “Eu aceito esta guia como símbolo de sua entrega e prometo guiá-la seguramente pelos caminhos da vida. Você me pertence e eu farei de tudo para proteg[ê]-la em minha jornada”. O Dominador pede à submissa que se ajoelhe à sua frente e pega a coleira para colocar em seu pescoço. “Você ajoelha-se aos meus pés e aceita este símbolo de minha propriedade como uma marca para nós e para os outros que encontraremos em nossa jornada?” A submissa se ajoelha, cabeça alta, porem olhos baixos. Será a [ú]ltima vez que será “pedido” para ela ajoelhar-se. “Me ajoelho como sinal de minha submissão e aceitação de sua coleira. Eu a usarei com orgulho por todos os meus dias, Senhor”. Ele então coloca a coleira e diz “Você agora me pertence”. “Eu agora [lhe] pertenço, Mestre”. É a primeira vez que a palavra Mestre será usada na cerimônia. Dominador, então[,] diz: “Eu aceito sua vontade de me servir e aceito os segredos de seu coração. Vou honrar seus desejos e necessidades. Você me pertence e é, portanto, parte de meu corpo, da minha alma e de meu destino”. Submissa... “Eu aceito suas condições e respeito os segredos de seu coração. Vou amá-lo e honrá-lo enquanto o sirvo da melhor maneira que conseguir. Abrirei minha cabeça e minha alma tendo certeza que quer sempre o melhor para mim. Minha submissão ao senhor é um presente dado com prazer e não deverá nunca se tornar um fardo. Sou agora parte do senhor e respeitarei isto,

⁷⁴ Uma breve visita à sua página da internet permite de imediato conhecer uma série de rituais, didaticamente detalhados, que foram desenvolvidos especificamente para o Reino K@, universo concebido há dez anos pelo Mestre K@, onde ele se relaciona com suas escravas e essas entre si. Ou, nas palavras do criador: “O Reino de K@ é um lugar imaginário, inspirado no Antigo Egito, criado para dar forma a uma fantasia erótico-sexual, baseada numa relação Dominação e submissão, onde o personagem Mestre K@ é um Dominador e possui um Harém de escravas.” Para adentrar no Reino K@, é necessário tornar-se uma escrava do Mestre. Na página inicial do site do Reino K@, após a apresentação do reino e da fantasia que o move, de suas escravas organizadas em classes, das vivências e da liturgia, “a” curiosa ou iniciante, caso se identifique com tudo que leu, pode se candidatar a ser uma escrava do Mestre K@. Para tal, basta que preencha um questionário. No que tange aos rituais, Mestre K@ apresenta onze rituais: Cerimônia das Rosas, das Pedras, dos Mantos, o Contrato de Escravidão, das Coleiras, das Velas, da Vitória, do Chá, dos Braceletes, do Chocolate e da Tiara Dourada.

já que agora nós nos tornamos um”. O Dominador prende a guia[,] a coleira e com um leve puxão, simbolizando a nova condição de Mestre e sub, “comanda” que ela levante-se. Os sinos tocam anunciando um novo vínculo formado. Ele a beija. O casal se abraça mostrando o afeto entre eles. O Mestre oferece uma j[oi]a a ser usada quando a coleira é imprópria. O encoleiramento é algo levado a sério na comunidade BDSM e o significado deste não deve nunca ser esquecido.⁷⁵ [grifo meu]

Por essa descrição, é possível reconhecer as três sequências presentes em todos os rituais de passagem, conforme Arnold van Gennep (2011), a saber: separação, margem, ou *limen*, e agregação. O momento de separação da futura submissa de seu estado de sujeito autônomo inicia-se com o toque do sino e a caminhada em direção a seu futuro dono. Um segundo toque de sino acontece e a mulher recebe sua coleira. Tem início o período de liminaridade em que ela oferece a coleira a seu futuro Mestre, manifestando o desejo de lhe pertencer. Ele, então, aceita a coleira e promete cuidar dela e protegê-la. Ordena que ajoelhe (cabeça erguida em sinal de firmeza, mas olhos baixos em respeito à diferença hierárquica existente entre eles) e põe a coleira em seu pescoço como sinal exterior de pertencimento a ele. Promessas são trocadas: o dominador promete honrar os desejos e necessidades da submissa; esta promete respeitar, obedecer e amar o dominador. Essas promessas contêm o cerne dos valores requeridos pela posição que cada um assume na relação Ds. Quem domina deve honrar o que recebe. Conforme o dicionário Priberam, honrar significa:

1. Fazer honra a. 2. Conferir honras a. 3. Distinguir. 4. Enobrecer. 5. Prestar veneração a. 6. Ilustrar. 7. [Comércio] Pagar o saque feito por (uma firma). 8. Sentir-se lisonjeado. 9. Reputar como honra. 10. Prezar-se.⁷⁶

Honrar, portanto, possui duas dimensões: uma em relação ao outro reconhecendo seu valor, enobrecendo-o; e a outra sobre si mesmo, na medida em que requer que o indivíduo se preze. Quem se submete deve respeitar, obedecer e amar. No mesmo dicionário, encontra-se o significado de respeitar:

1. Dar provas de respeito = HONRAR, VENERAR. 2. Poupar. 3. Tremer, recluir. 4. Observar, cumprir, tolerar. 5. Estar na direção de. 6. Dizer respeito, ser

⁷⁵ Disponível em: <<http://www.mestreka.com/fantasia/os-rituais/91-cerimonia-das-coleiras-cerimonia-das-coleiras.html>>.

⁷⁶ Disponível em: <<http://www.priberam.pt/dlpo/honrar>>.

relativo, pertencer. 7. Dar-se ao respeito. 8. Não cometer atos impróprios de seriedade.⁷⁷

Assim, da mesma forma que honrar, respeitar também possui as mesmas duas dimensões: venerar o outro e respeitar a si mesmo. Acresce-se, no entanto, a observância, a tolerância e o pertencimento ao outro, próprios do papel de submissão. Portanto, busca-se nessas relações resgatar uma nobreza e uma dignidade, por vezes, perdidas nas relações cotidianas. Quanto à referência ao amor presente na promessa da submissa, esse possui nuances controversas dentro do grupo: o amor da submissa ora é entendido como um amor tal à submissão, que se estende, por consequência, ao dominador. Ora se aproxima do ideal de amor romântico. Esses elementos que, de certa forma, caracterizam o par Ds serão explorados mais detalhadamente em capítulo posterior.

Por fim, a submissa reconhece que se tornaram um, semelhantemente ao casal cristão, e, de certa forma, reproduzindo simbolicamente o mito de Adão e Eva, tendo Eva surgido da costela de Adão, é parte dele. Nas palavras do Mestre à sua submissa: **“Você me pertence e é, portanto, parte de meu corpo, da minha alma e de meu destino.”** A nova submissa recebe, então, a guia, seguida de um leve puxão que indica desde já quem controla a relação e seu devido lugar. O sino volta a tocar, anunciando o nascimento de uma nova submissa a ser recebida pelo grupo. Tem-se a fase final do rito. Ordenada a ficar de pé, dono e submissa podem se beijar e demonstrar, nas palavras do adepto, seu afeto um pelo outro. A submissa possui agora uma nova condição estável, na qual tem direitos e deveres estruturais, ou seja, claramente definidos. Espera-se dela um comportamento adequado a certas normas e padrões éticos preestabelecidos – obediência a seu dono, respeito, disponibilidade, entre outros. Chamo a atenção novamente para a referência ao afeto na descrição ritual, já que a presença do amor nas relações BDSM é vista de forma bastante polêmica pelo grupo, como abordarei posteriormente. O colar com o qual o dominador presenteia a submissa ao final do ritual, e que deverá ser usado quando a coleira não for adequada ao momento social, remete inescapavelmente à tradicional aliança tipicamente usada por

⁷⁷ Disponível em: <<http://www.priberam.pt/dlpo/respeitar>>.

peças casadas. A coleira é, portanto, a peça ou uma das peças angulares sobre a qual a relação Ds se constrói.

É comum que o ritual ocorra com a pessoa submissa nua. O adepto {subke}SRA.JADE explica o significado da nudez ritual nos seguintes termos:

A nudez se torna um elemento de submissão e, para alguns, de humilhação. Não que o nu humilhe, mas humilha enquanto quem domina está vestido. A humilhação é a desigualdade e a roupa indica ser pessoa; tirar a roupa, nesta situação, é despersonalizar.⁷⁸

No âmbito do ritual de encoleiramento, a nudez também pode representar o estado de nascituro. A nudez inicial da submissa a prepara para um novo renascimento, em que a coleira representa sua veste principal.

1.2.3

Brinquedos sexuais e a maximização do humano

É certo que o uso de brinquedos sexuais não é algo exclusivo da erótica BDSM. Muitos casais considerados pelos adeptos do BDSM como “baunilha” fazem uso de algemas ou vendas, por exemplo, para apimentar suas relações, e várias mulheres recorrem ao vibrador. No entanto, no universo BDSM em que se busca a maximização do prazer, de uma perspectiva integral do corpo, ou seja, sem se restringir ao sexo genital, o uso de brinquedos tem um papel importante, seja para limitar alguns sentidos do corpo (vendas), para conter os movimentos (por exemplo, amarras, cruz de Santo André),⁷⁹ para acentuar o prazer em certas áreas erógenas (os “nós” do *shibari*, os vibradores) ou na articulação de dor e prazer (velas, chicotes, palmatórias), entre outros. Nas sessões de dominação feminina, ou FemDom, de homens ou entre lésbicas, é comum o uso de cinto com prótese peniana. Há ainda dildos,⁸⁰ anéis penianos e outros apetrechos.

⁷⁸ Disponível em: <http://srajade.blogspot.com.br/2011_05_01_archive.html>.

⁷⁹ Conforme anteriormente informado, trata-se de uma cruz em formato de “X”. Faz referência à cruz em que Santo André e seu irmão São Pedro foram martirizados.

⁸⁰ Gregori (2004) revela que, em material encontrado em um dos *sex shops* no qual realizou sua pesquisa, havia a informação de que os dildos existem desde o paleolítico, estão presentes nos desenhos dos vasos da Grécia Antiga e são mencionados nas comédias gregas clássicas.

Parte dos brinquedos sexuais utilizados nas práticas BDSM remetem à própria parafernália do Estado ao longo do tempo – chicotes, botas, correntes, entre outros –, como bem pontua McClintock (2003), transformando o controle estatal – vigilância e punição –, que marca a ordem pública, em prazer privado. Portanto, como denuncia a autora, a ênfase exagerada em vestimentas, roteiros e cenas apropriados de culturas cotidianas de poder (por exemplo, masmorras, conventos, prisões) permite ao BDSM revelar a artificialidade da ordem social com sua roteirização e invenção. Assim, no BDSM, o poder social é sancionado não por ordem de Deus, nem do destino ou da natureza, mas pelo artifício, pela convenção.

Para Weiss (2011), os brinquedos sexuais representam um ritual compartilhado de pertencimento. Assim como seguir as regras, ter sua própria bolsa de brinquedos produz o *self* em conformidade aos anseios do grupo pelo desenvolvimento de *expertise*, perícia e técnica sexual. Simbolizam, portanto, a entrada de um indivíduo na cena ou em cenas e cenários progressivamente avançados. Os brinquedos sexuais são cuidadosamente designados para ampliar, prolongar ou expandir sensações do corpo.

Gregori (2004), ao estudar *sex shops* americanos, relata a existência de uma variedade de vibradores, vários dos quais com uma estética que remetia ao universo dos eletrodomésticos, ou seja, vibradores no formato de furadeira elétrica, microfone e mixer (misturador de bebidas). Para a autora, essa aproximação visual parece

[...] exacerbar o sentido de tornar os exercícios sexuais prática rotineira e normal. Como se os seus designers estivessem sugerindo aos consumidores que deixem de lado as tarefas domésticas para investirem no próprio prazer. [...] O que se assemelha ao microfone também é interessante. Como se a ausência da fala e da voz das mulheres no cenário público estivesse sendo elaborada criticamente, a partir de uma metáfora irônica, para salientar a ênfase em uma nova subjetividade caracterizada pela busca do prazer, da autoestima, do divertimento (GREGORI, 2004, p. 249).

Em suma, conforme a autora, tornar os exercícios sexuais uma prática cotidiana, “normal”, é parte de uma nova subjetividade que privilegia o prazer, a autoestima e a diversão. Essa perspectiva parece ecoar a afirmação de McClintock (2003, p. 34) de que “(o) fetiche incorpora uma crise do significado social”, ou

seja, das contradições sociais. Segundo a autora, na pulseira de escrava de Cullwick estão representadas três contradições da era vitoriana: 1) trabalho escravo / trabalho assalariado; 2) domínio privado da domesticidade / domínio público do mercado; 3) metrópole / império.

O uso de brinquedos sexuais parece remeter à figura do ciborgue de Donna Haraway (HARAWAY et al., 2009).⁸¹ “Ciborgue” (*cyborg* em inglês; abreviatura de *cybernetic organism*) é um termo inventado por Manfred Clynes e Nathan Kline em 1960 e refere-se à noção de “homem ampliado”. A ideia do ciborgue origina-se da constatação de que, na vida moderna cotidiana, com o alto uso de tecnologia, torna-se cada vez mais difícil dissociar o humano do tecnológico. Nesse sentido, a tecnologia é pensada de forma ampla, não se limitando, por exemplo, a objetos – como carro, computador, marca-passo, prótese de perna –, mas abrangendo também as tecnologias que modelam o corpo nas academias de ginástica, os cosméticos que rejuvenescem a pele, os alimentos energéticos, entre outros.

Há duas ideias importantes envolvidas nessa questão. A primeira é defendida por Hari Kunzru em seu estudo sobre a interação entre tecnologia e corpo humano. Segundo ele, “em conjunção com a tecnologia, é possível construir nossa identidade, nossa sexualidade, até mesmo nosso gênero, exatamente da forma que quisermos” (KUNZRU, 2009, p. 26). Essa afirmação parece ecoar na erótica BDSM, na medida em que os brinquedos eróticos são rotineiramente utilizados para otimizar e maximizar as possibilidades do corpo em dar e ter prazer. Exemplo claro das possibilidades ciborgues é o uso de vibradores e cintos com pênis por provocarem certo

[...] apagamento das inscrições de uma corporalidade em que o próprio desejo ou prazer possa ser elaborado a partir de outras superfícies ou articulado a outras partes do corpo ou dos corpos envolvidos (GREGORI, 2004, p. 251).

A associação entre as práticas BDSM e os acessórios sexuais parece apontar para a possibilidade, de fato, de uma vivência marcada pela contrassexualidade, conforme concebida por Beatriz Preciado (2011a), na qual desejo, excitação sexual e orgasmo são obtidos não exclusivamente pelos órgãos reprodutivos, mas pelo corpo como um todo. Em seu famoso *Manifesto*

⁸¹ Weiss (2011) também percebe o corpo dos praticantes de BDSM como um corpo-ciborg.

contrasexual publicado em 2011, em que reflete sobre a plasticidade dos sexos, Preciado afirma a contrassexualidade como marco do fim da natureza como ordem que legitima a sujeição de alguns corpos a outros, constituindo-se, portanto, em um novo contrato social substitutivo do contrato vigente pautado na natureza. Nesse sentido, chega a afirmação de que

La contrasexualidad afirma que en el principio era el dildo. El dildo antecede al pene. Es el origen del pene. La contrasexualidad recurre a la noción de “suplemento” tal como há sido formulada por Jacques Derrida (1967); e identifica el dildo como el suplemento que produce aquello que supuestamente debe completar (PRECIADO, 2011a, p. 14).

É, portanto, a cultura que atribui ao pênis o papel de dildo e não sua “natureza”. Dessa forma, corpo e sexualidade podem ser reescritos, não só como o BDSM vem fazendo, porém de outras formas de que talvez ainda não se tenha conhecimento. A possibilidade de forjar relações diferentes do corpo consigo mesmo e com os outros está aberta.

Realizada uma apresentação geral de alguns dos elementos que navegam pelo universo BDSM, serão abordados a seguir sucintamente certos aspectos do processo histórico que levou à normatização de um determinado modelo de sexualidade como normal (saudável) e outras formas de expressão sexual como patológicas, a partir do discurso das ciências médica e psiquiátrica.

2

A psiquiatrização do sexo não normativo

“[...] que teria feito Newton se, em vez de ver caírem as maçãs, houvesse olhado a subida de bolhas de sabão?” (LANTERI-LAURA, 1994, p. 138)

Pretende-se, neste capítulo, abordar ainda que brevemente alguns elementos históricos que permitiram a catalogação e organização das práticas sexuais em práticas normais e em práticas patológicas, sinalizando uma importante mudança de paradigma no pensamento moderno; a saber, o afastamento em relação ao paradigma católico, calcado na definição do que era ou não pecado, e a ascensão do paradigma científico. Esse objetivo é aqui perscrutado, uma vez que algumas das práticas envolvidas no BDSM foram codificadas pelo novo paradigma como perversas. A violência desferida contra aqueles que fogem ao padrão, dado o estigma enraizado na sociedade por conta de tais diagnósticos, é sinalizada neste capítulo.

2.1

Sexualidade: do normal ao patológico

Conforme Lanteri-Laura (1994), a preocupação da medicina a respeito das perversões inicia-se apenas em meados do século XIX, quando estudiosos dessa área começam a desenvolver um minucioso estudo acerca da homossexualidade, que precedeu as sínteses gerais de Richard von Krafft-Ebing e Havelock Ellis,⁸² sendo o primeiro autor da maior compilação científica até hoje realizada acerca das perversões sexuais, chamada *Psychopathia Sexualis: A Medico-Forensic Study*, e o segundo médico e psicólogo que estudou a sexualidade humana. Vale ressaltar que o campo de discussão acerca das perversões não era marcado por verdades

⁸² Esse autor tinha um grande interesse em desmistificar a sexualidade para que as futuras gerações não sentissem a mesma vergonha que a ignorância e a repressão causaram nele (BRAME et al., 1993).

unânicos. Enquanto, por exemplo, Krafft-Ebing defendia a patologização dos delinquentes, não para punir, mas para tratar, Magnus Hirschfeld⁸³ – médico e sexólogo que foi pioneiro na defesa dos direitos dos homossexuais – propunha uma concepção naturalizada da homossexualidade.

Segundo Leite Júnior (2000a), o discurso sexual médico à época de Krafft-Ebing era profundamente moralista e sexista, e fortemente centralizado na reprodução. Nesse tempo, afirmava-se, por exemplo, que o homem sadio não precisava ser excitado, pois ficava naturalmente apto para a cópula durante as carícias preliminares. Quanto à mulher, Leite Júnior relata que ainda no século XX se afirmava que era praticamente impossível praticar uma relação sexual com uma mulher que procurasse se furtar à relação, o que deveria deslegitimar qualquer denúncia de ter sido possuída contra a sua vontade. Dessa forma, o gozo não é necessário à procriação: no homem basta que ele goze pouco e, na mulher, é desnecessário. A reprodução desculpa apenas uma pequena dose de prazer. O que vai além disso, sem justificção biológica, passa a ser enquadrado como perversão.⁸⁴

Na primeira sexologia, a normalidade sexual da mulher era definida pela atitude da mulher em relação à maternidade e ao papel de esposa submissa. Com a publicação de *Psychopathia Sexualis*, era a posição no ato sexual que definia a normalidade. Assim, a mulher sobre o homem denunciava o masoquismo masculino ou o sadismo (até mesmo a homossexualidade) da esposa. A última monografia de Krafft-Ebing foi *Psychosis Menstrualis*. Nessa obra, o autor defendia penas diferenciadas para mulheres que estivessem no período menstrual quando de seus crimes, alegando que, por conta dessa condição, essas não estavam de posse de suas faculdades mentais sãs, sofrendo de uma espécie de loucura momentânea. Em um tempo de caça aos perversos,⁸⁵ até mesmo os epiléticos (a loucura moral apresenta formas epiléticas) e tuberculosos tinham

⁸³ Magnus Hirschfeld foi um *cross-dresser* conhecido na subcultura gay de Berlim como “Auntie Magnesia”.

⁸⁴ Perversão é um termo que existe desde 1400, de acordo com Lanteri-Laura (1994). Em *Three Essays on the Theory of Sexuality*, Freud buscou demonstrar que os traços que costumavam ser associados à perversão não se restringiam a apenas um grupo de pessoas “anormais”, uma vez que eram qualidades presentes na sexualidade de todas as pessoas. Por isso, ele considerava inadequado o uso acusatório do termo perversão. Da mesma forma, Havelock Ellis considerava-o inaceitável, por isso o substituiu por “desvio sexual”.

⁸⁵ Vale esclarecer que o “perverso sexual” surge no século XIX da união ente os conhecimentos psiquiátricos e a jurisprudência.

sua doença associada aos excessos sexuais. Vale ressaltar que, até a patologização do sadomasoquismo por Krafft-Ebing, o sadomasoquismo não era considerado nem pecado, nem doença, pois tanto o sofrimento físico quanto o mental eram importantes e cultuados pela tradição judaico-cristã.⁸⁶

O termo sadismo aparece originalmente na literatura no *Dicionário Universal de Boiste* em 1834, ainda que se suponha utilizado, pelo menos, desde o início de tal século. Encontra sua inspiração na obra literária do Marquês de Sade,⁸⁷ significando uma aberração horrível da devassidão, um sistema monstruoso e antissocial que afronta a natureza (LEITE JÚNIOR, 2000a, p. 50). Já o termo masoquismo surge a partir da obra literária de Leopold von Sacher-Masoch.⁸⁸ A partir do século XIX, ambos os termos passaram a definir sexualidades consideradas desviantes do padrão normal, ou seja, relações genitais heterossexuais entre adultos. Esses “desvios” ao longo do século XX se transformaram em patologias e, posteriormente, em transtornos mentais. Vale ressaltar que o sadismo próprio da filosofia do Marquês de Sade nada tem a ver com o sadismo praticado pelo grupo BDSM, uma vez que aquele defendia que o prazer deveria ser conquistado à força, nunca de forma consensual. Por outro lado, na obra de Sacher-Masoch, a mulher, sempre na posição de dominadora, deve ser adestrada e estar à altura do escravo.

Interessante o fato de que, quando Krafft-Ebing publica em 1886 a primeira edição de *Psychopathia Sexualis*,⁸⁹ o sadismo torna-se a forma patológica da tendência masculina à dominação e o masoquismo transforma-se em seu oposto e vai apontar para a tendência patológica de submissão da mulher.⁹⁰ A mulher, que era dominadora na obra literária de Sacher-Masoch, torna-se a

⁸⁶ David Le Breton (2013) explora maravilhosamente bem o valor da dor em diferentes tradições espirituais.

⁸⁷ Para entender a obra de Sade e seus vínculos com a realidade social de sua época, sugiro ler o trabalho de Eliane Robert Moraes (2011).

⁸⁸ Jorge Leite Júnior (2000a) faz uma apresentação bastante interessante de Leopold von Sacher-Masoch e sua obra.

⁸⁹ Conforme pesquisa realizada por Leite Júnior (2000a), o termo sadomasoquismo não aparece na edição completa de *Psychopathia Sexualis* publicada pela Arcade Publishing. Somente na edição publicada pela Velvet Publications, que trata apenas dos casos médicos, é que o termo aparece uma única vez. Leite Júnior afirma que teve a impressão de que o termo foi inserido pelos editores apenas para organizar os casos.

⁹⁰ Leite Júnior (2000a) relata, a partir do trabalho de Renate Hauser, que Krafft-Ebing recebia cartas de um correspondente de Berlim, cujo desejo era ser dominado por uma mulher. Esse correspondente, que era apaixonado pelo trabalho de Sacher-Masoch, foi quem sugeriu ao psiquiatra o nome masoquismo.

submissa patológica em um “passe de mágica”.⁹¹ Inclusive, a relação de casos de masoquistas apresentados em seu livro revela o predomínio de homens: de um total de 37 casos, 33 são de homens e 4 de mulheres. Esse predomínio de homens masoquistas levou o autor a concluir que se tratavam de homens parcialmente “afeminados” e que o masoquismo era uma forma rudimentar de “antipatia sexual”. Com isso, esses casos acabaram por se tornar clinicamente mais importantes que o sadismo, pois transgrediam a regra de que é o homem naturalmente quem domina a mulher, e parecia na época haver um número enorme de masoquistas, principalmente nas grandes cidades. Nesse contexto, o sadismo, o masoquismo, o fetichismo e o exibicionismo vão ser descritos como uma espécie de comédia, na qual o sadismo e o masoquismo, por envolverem dor, encontram certa dignidade, o fetichismo é dado como ridículo e o exibicionismo é um péssimo negócio, afinal de contas, não vale a pena arriscar tudo por tão pouco... No entanto, outro reenquadramento ainda era possível: o dos bons e o dos maus perversos, sendo obviamente os primeiros membros de classes mais abastadas e intelectualizadas, e o segundo grupo constituído por aqueles mal inseridos na sociedade.

O filósofo francês Gilles Deleuze considera precipitada a afirmação de uma entidade sadomasoquista por Krafft-Ebing e Havelock Ellis. Para o autor, após uma análise comparativa e minuciosa das obras literárias em questão, o fato de um gostar de fazer sofrer e o outro de sofrer aponta para uma complementariedade, que não ocorre nas obras de Sade e Sacher-Masoch. Nada é mais contrário aos desejos do sádico de Sade que uma vítima masoquista, uma vez que seu prazer se forja na sua imposição, na não consensualidade, totalmente presente no masoquista de Sacher-Masoch, ainda que construída dialeticamente pela persuasão e educação da mulher-carrasco pela vítima. A mulher-carrasco do masoquismo não pode ser sádica exatamente por se constituir dentro do projeto masoquista, um elemento realizado da fantasia masoquista. Funciona como um duplo do masoquismo. O mesmo ocorre com a vítima do sádico. Esse ficaria ressentido se sua vítima sentisse prazer com suas atrocidades. É também um duplo do carrasco sádico, é parte da fantasia sádica. Portanto, nas próprias palavras de Deleuze (2009, p. 43): **“Cada sujeito de determinada perversão precisa do**

⁹¹ Para conhecer mais detalhes acerca dessas mudanças discursivas, ver Leite Júnior (2008).

‘elemento’ da mesma perversão, e não de um sujeito de outra perversão.”⁹² O nome sadomasoquismo é, portanto, para o autor, um “monstro semiológico” (DELEUZE, 2009, p. 130). Para Leite Júnior (2000a, p. 112), “(o) ‘par’ sadiano é, para o libertino, um só: ele mesmo.” Frequentemente, adeptos do BDSM afirmam a proximidade de suas práticas com a obra de Sacher-Masoch e a total diferenciação dessas com relação à proposta de Sade. Nesse mesmo sentido, Leite Júnior (2000a) reitera a aproximação apontada pelos praticantes.

Vários dos elementos encontrados em sua obra [de Sacher-Masoch] como a importância do clima na cena, a “educação” do sádico por parte do masoquista, o fetichismo, a suspensão física ou subjetiva, o “sexo sem sexo”, tudo isso é essencial para o universo sadomasoquista. Mas existe uma importante diferença para o autor. Masoch via este erotismo e sexualidade como um refinamento do ser, conseguido apenas depois de ultrapassar os “pobres” limites da arte, filosofia e experiência física, sendo esta última quase uma consequência das duas anteriores. Já no BDSM, procura-se uma nova via para se vivenciar tudo isto. Não é necessário o refinamento de nossa cultura, pois busca-se uma outra cultura (LEITE JÚNIOR, 2000a, p. 96).

Já no século XX, como pontua Lanteri-Laura (1994), tem-se a norma ditada não mais pela procriação, como no século XIX, mas pela primazia do genital, transformado em norma garantida pela ciência – tanto pela psicologia genética quanto pela psicanálise. Assim, a perversão continua na pauta, porém agora em função do não gozo genital. No século XXI, ainda sob a norma do genital, os estudos sexuais voltam-se, não mais para os perigos para o corpo e para a alma que os desvios representavam, porém para a necessidade de uma sexualidade sadia para obtenção de qualidade de vida. Os riscos estão agora posicionados na escassez de desejo e na ausência de atividades sexuais, como aponta Leite Júnior (2006).

O Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais, ou, no original em inglês, *Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders* (DSM), é um documento produzido pela Associação Americana de Psiquiatria que visa nortear a prática da psiquiatria ao definir quais são as doenças mentais existentes e seus sintomas, e tem grande influência no mundo ocidental. É sobre ele o foco do próximo subitem.

⁹² Deleuze (2009) critica, nessa obra, elementos da leitura psicanalítica que buscam explicar a sadismo e o masoquismo. Lanteri-Laura (1994) e Jorge Leite Júnior (2000a) apresentam leituras acerca da sexualidade, particularmente do sadomasoquismo, na obra de Freud.

2.1.1

O DSM e suas transformações

O Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM) é um importante produto do trabalho de renomados psiquiatras, no qual constam todos os transtornos mentais com a definição de sua sintomatologia, servindo de “bíblia” para o atendimento em consultórios de diversas partes do mundo. O primeiro DSM foi publicado em 1952⁹³ e nas décadas de 1968, 1980 e 1994 passou por revisões. A última versão foi publicada em 2013.

Jane Araújo Russo (2013) conta que, até o DSM-II, o sadismo e o masoquismo eram tratados como desvio sexual dentro do conjunto de distúrbios da personalidade e outros distúrbios mentais não psicóticos. Vale ressaltar que tanto no DSM-I quanto no DSM-II, na rubrica “desvios sexuais”, estavam listadas basicamente as mesmas perversões apresentadas por Krafft-Ebing no século XIX.

A partir do DSM-III, tem-se a delimitação de uma série de novos desvios da sexualidade. O SM agora é acompanhado do adjetivo sexual, sendo considerado uma parafilia dentro do conjunto dos transtornos psicosexuais. Segundo o dicionário Priberam, parafilia significa: **“Designação genérica para comportamentos sexuais que se desviam do que é geralmente aceite pelas convenções sociais, podendo englobar comportamentos muito diferentes e com diferentes graus de aceitabilidade social.”**

Tem-se a passagem de nove desvios sexuais contidos no DSM-I e no II para 22 transtornos psicosexuais no DSM-III. Essa revisão do DSM-III marca também uma importante mudança ideológica e terminológica, na medida em que se afirma como um manual atóxico, pautado pelos princípios de testabilidade e verificação, o que representa um afastamento radical da teoria que relacionava os transtornos a processos mentais ou psicológicos. Tal mudança para um pressuposto empiricista implicou na adoção de uma visão fisicalista dos transtornos mentais, que passam a ser objetos de trabalho por excelência da psiquiatria e suas fórmulas medicamentosas. Russo (2013) afirma que a biologização do comportamento humano, que marcou o surgimento da nova

⁹³ Já segundo Eva Illouz (2011), originalmente o DSM foi criado em 1954 e pretendia ajudar empresas seguradoras a processarem com maior eficiência as reclamações que recebiam.

classificação de transtornos mentais ocorrida no DSM-III, foi simultânea ao desenvolvimento da indústria farmacêutica, cujo poderio perdura até hoje. Já os transtornos psicosexuais do DSM-IV foram reenquadrados como transtornos sexuais e de identidade de gênero. Totalizam 27 transtornos.

Recentemente, em abril de 2013, a quinta versão do DSM foi publicada. O processo de revisão iniciou-se, no entanto, em 1999, a partir do resultado de pesquisas que não respaldavam os limites estabelecidos para alguns transtornos mentais. A Associação Americana de Psiquiatria, em conjunto com a Organização Mundial de Saúde, a Associação Mundial de Psiquiatria e o Instituto Nacional de Saúde Mental americano empreenderam diversas conferências para discussão do DSM-IV, que resultou em um plano de pesquisa publicado em 2002. Após isso, treze outras conferências internacionais foram realizadas já com o apoio do Instituto Nacional sobre Abuso de Drogas e do Instituto Nacional sobre Alcoolismo e Abuso de Álcool. Com base nos relatórios dessas conferências, em 2006, constituiu-se uma força-tarefa para revisão do DSM-V e, em 2008, foram aprovados os grupos de trabalho, envolvendo mais de quinhentos pesquisadores.⁹⁴ O grupo responsável pela revisão dos transtornos parafilicos emitiu, em novembro de 2011, um relatório que defendia a retirada dos diagnósticos de fetichismo e sadomasoquismo do DSM-V. Na conclusão do relatório, tem-se:

[...] sadomasochism and sexualized violence are two different phenomena. [...] These people do not present more clinical psychopathology or severe personality pathology than the general population. [...] Based on these professional and health political reasons, Sweden (2009), Norway (2010) and Finland (2011) decided to totally remove the diagnoses of Fetishism, Fetishistic transvestism, Sadomasochism, Multiple disorders of sexual preference and Dual-role transvestism. Denmark withdrew the diagnoses of dual-role transvestism and sadomasochism in 1994 and 1995, respectively. [...] This second report concludes that the society can have somewhat to learn from the participatory approach of people with an alternative and non normative sexuality. (REIERSOL; SKEID, 2011, p. 25).

Para chegar a esse veredicto, o grupo de trabalho baseou-se em diversas pesquisas que despatologizam e desmistificam o BDSM, desconstruindo, por exemplo, a associação das práticas do grupo à violência, afirmando que,

⁹⁴ Para conhecer melhor o processo histórico de revisão do DSM-IV, ler a Introdução do Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais.

comumente, os adeptos não possuem passagem criminal, e ressaltando o fato de que práticas sadomasoquistas e fetichistas também são vivenciadas no mundo animal. Os autores citam pesquisas entre 24 diferentes tipos de mamíferos e mesmo aves entre os quais foram encontrados tais comportamentos. Alguns outros resultados podem ainda ser citados:

- 1) Segundo os autores, existe no BDSM apenas uma ilusão de coerção sobre os indivíduos. Há quem defenda que a prática BDSM oferece às mulheres heterossexuais uma estrutura de negociação sexual que pode minar as convenções da heterossexualidade compulsória, frente aos altos riscos que o tradicional sexo heterossexual envolve, uma vez que ele simplesmente “acontece” – gravidez não planejada, consento insuficiente, entre outros.

Esse é um argumento extremamente interessante por, pelo menos, dois motivos: primeiro, sua confluência com o que diversas submissas, entre as quais algumas feministas, afirmam acerca das relações Ds, ou seja, que nessas relações podem viver livremente sua sexualidade e são, de fato, respeitadas, seu “não é não”. Esse discurso nativo será melhor examinado no capítulo 3. Segundo, a afirmação desse grupo de pesquisadores se opõe frontalmente às crenças do senso comum, que vêem na heterossexualidade o modelo ideal e natural de relacionamento. O argumento inverte o paradigma do risco, imputando o risco, o perigo, o descontrole não no BDSM, mas na heterossexualidade.

- 2) Outro mito desfeito pelo trabalho desse grupo de estudos diz respeito ao fetichismo feminino. Segundo eles, há diversos estudos que documentam o fetichismo entre mulheres. Eles acreditam que: o número de casos não é maior porque muitas das fetichistas acreditam na “normalidade” de suas fantasias. Outra razão para um número subestimado de mulheres fetichistas é justificado pela maior inibição sexual (e mesmo desencorajamento de agir conforme seus impulsos sexuais) das mulheres em comparação com os homens, ocasionada por

elementos culturais. Na experiência desses autores, mulheres que se excitam vestindo cuecas, por exemplo, não são raras; e

- 3) Alguns estudos tentaram mostrar uma relação entre práticas sadomasoquistas e relações familiares patológicas durante a infância, o que não encontrou base empírica comprobatória. Outros estudos revelam que a frequência de praticantes de BDSM que sofreram abuso sexual quando crianças ou punições corporais é a mesma que se tem no restante da população. Da mesma forma, não sofrem mais ansiedade, dificuldades sexuais, abusos sexuais ou coerções que as demais pessoas não praticantes da sociedade. Ainda assim, a experiência BDSM pode transformar esses sofrimentos, permitindo o crescimento pessoal.

No capítulo sobre os transtornos parafílicos, as parafilias foram organizadas de acordo com suas preferências por atividades anormais e por alvo anômalo. O primeiro grupo apresenta-se da seguinte forma:

- 1) Transtornos de namoro: transtorno voyeurista (espiar outras pessoas em atividades privadas), transtorno exibicionista (expor os genitais) e transtorno frotteurista (tocar ou esfregar-se em indivíduo que não consentiu).
- 2) Transtornos da algolagnia,⁹⁵ que envolvem dor e sofrimento: transtorno do masoquismo sexual (passar por humilhação, submissão ou sofrimento) e transtorno do sadismo sexual (infligir humilhação, submissão ou sofrimento).

Já no segundo grupo, estão os transtornos pedofílico (foco sexual em crianças), fetichista (usar objetos inanimados ou ter um foco altamente específico

⁹⁵ Intencionalmente, Krafft-Ebing não utilizou esse termo em sua obra a despeito de estar bastante em voga. Essa recusa é explicada pelo fato de que ele percebeu que diversos casos que envolviam o prazer focado na dor não possuíam na sensação corporal o elemento fundamental, e sim na atitude psicológica, particularmente nos casos “passivos”, ou seja, daqueles que sentiam prazer em receber a dor.

em partes não genitais do corpo) e transvêstico (vestir roupas do sexo oposto visando excitação sexual).

Infelizmente, a despeito de todo o esforço desse grupo de pesquisadores para despatologizar o fetichismo e o sadomasoquismo na nova versão do Manual, essas práticas foram mantidas no documento. Aos oito transtornos apresentados na publicação, segue-se a informação de que a lista de possíveis parafilias não está esgotada, uma vez que apresenta apenas as parafilias mais comuns e, entre elas, as que podem ser consideradas delitos criminais. Cabe ressaltar que, do DSM-III, quando primeiramente se utilizou o termo parafilia, ao DSM-V, algumas mudanças na caracterização das parafilias ocorreram, conforme o quadro a seguir:

Tabela 1 – Quadro comparativo das três últimas versões do DSM no que se refere à caracterização de parafilia

Elementos	DSM-III⁹⁶	DSM-IV⁹⁷	DSM-V⁹⁸
Interesse sexual	Imagens ou atos não usuais ou bizarros utilizados para excitação sexual insistentemente e involuntariamente repetitivos.	Anseios, fantasias ou comportamentos sexuais recorrentes e intensos.	Qualquer interesse sexual intenso e persistente que NÃO aquele voltado para a estimulação genital ou para carícias preliminares com parceiros que consentem e apresentam fenótipo normal e maturidade física (ainda assim, reconhece a possibilidade de interesses intensos por crianças, cadáveres, amputados, animais ou objetos inanimados).
Uso de objetos	Geralmente, envolvem preferência	Envolvem objetos, atividades ou	

⁹⁶ Disponível em: <<http://www.terapiacognitiva.eu/dwl/dsm5/DSM-III.pdf>>.

⁹⁷ Disponível em: <http://virtualpsy.locaweb.com.br/dsm_janela.php?cod=143>.

⁹⁸ American Psychiatric Association (2014).

	pelo uso de um objeto não humano.	situações incomuns.	
Tipo de atividade	Geralmente, envolvem atividade sexual repetitiva com humanos, que não consentem, envolvendo sofrimento ou humilhação real ou simulada.		
Relação com o sofrimento	Nas formas mais extremas, podem ser nocivas e causar danos para o indivíduo ou para outrem.	Causam sofrimento clinicamente significativo ou prejuízo no funcionamento social ou ocupacional ou em outras áreas importantes da vida do indivíduo.	Causam sofrimento ou prejuízo ao indivíduo ou implicam dano ou risco de dano pessoal a outros.

A primeira mudança que deve ser ressaltada diz respeito à possibilidade de prejuízos ao indivíduo ou a outrem nas formas mais extremas apontadas no DSM-III, e a posterior definição do sofrimento ou prejuízo como um dos elementos definidores da parafilia. Ou seja, o sofrimento no DSM-III apresenta-se nas formas mais extremas. Posteriormente, requer-se a experiência do sofrimento para que seja diagnosticada a parafilia. Quanto ao DSM-V, três pontos chamam a atenção. Primeiro, a imprecisão do critério “intensidade” (até certa medida a prática é normal; a partir dela, é doentia) para o enquadramento ou não na patologia, o que, como alerta Facchini (2013), acaba por gerar problemas, como o mau uso, por parte de profissionais forenses, desse ponto do DSM em disputas por guarda de filhos.⁹⁹ O segundo ponto refere-se à permanência do prazer genital como elemento central na definição da sexualidade normal. Já o terceiro relaciona-se à não problematização do consentimento, quando o interesse sexual envolve crianças e animais, por exemplo. O DSM-V informa que o sistema mais comumente aplicado é aquele que solicita ao indivíduo que compare se suas

⁹⁹ A autora informa pesquisa sobre violência e discriminação contra pessoas SM: dos 1.017 indivíduos, 36% sofreram algum tipo de violência ou abuso e 30% alegaram ter sofrido discriminação no ambiente de trabalho (FACCHINI, 2013).

fantasias, instintos ou comportamentos sexuais parafílicos são mais fracos, iguais ou mais fortes que os normofílicos.

O transtorno do masoquismo sexual possui dois critérios diagnósticos aplicados a indivíduos que livremente identificam interesses parafílicos. O primeiro diz respeito ao período de tempo que o indivíduo se sente recorrente e intensamente excitado sexualmente pelo ato de sofrer humilhações, espancamento, amarração ou qualquer outro tipo de sofrimento, conforme manifestado por fantasias, impulsos ou comportamentos. Esse período deve ser igual ou superior a seis meses. O segundo critério refere-se ao sofrimento clinicamente significativo ou o prejuízo nas atividades sociais do indivíduo – trabalho, estudo etc. Se os dois critérios forem atendidos, tem-se o diagnóstico de transtorno do masoquismo sexual. Em caso negativo, tem-se apenas interesse sexual masoquista. O uso intenso de pornografia que exhibe atos de humilhação, espancamento, entre outros, apoia o diagnóstico. Segundo o DSM-V, esse transtorno tem uma prevalência desconhecida na população, exceto na Austrália, onde se estima que 2,2% dos homens e 1,3% das mulheres estiveram, nos últimos doze meses, envolvidos com práticas sadomasoquistas.

O transtorno do sadismo sexual também possui dois critérios diagnósticos: o primeiro exige, no mínimo, seis meses de excitação sexual intensa e recorrente com o sofrimento alheio. Já o segundo critério se refere à prática não consentida ou a sofrimento clinicamente significativo ou ainda o prejuízo em áreas importantes da vida do indivíduo. Diferentemente do diagnóstico de masoquismo, os critérios do sadismo podem ser aplicados a indivíduos que assumem livremente ou não – apesar de evidências objetivas substanciais do contrário – seus interesses. Se os dois critérios forem atendidos, tem-se o diagnóstico de transtorno do sadismo sexual. Em caso negativo, tem-se apenas interesse sexual sádico. O uso intenso de pornografia que exhibe o ato de infligir dor e sofrimento apoia o diagnóstico. Segundo o DSM-V, esse transtorno tem uma prevalência desconhecida na população e amplamente pautada em indivíduos no contexto forense. De acordo com os critérios para sadismo sexual, a prevalência varia muito – entre 2% a 30%. Nos Estados Unidos, menos de 10% dos condenados por atos sexuais são considerados sádicos sexuais; já entre os homicidas por motivação sexual, chega-se a taxas de 37% a 75%.

O transtorno fetichista segue os mesmos critérios de período de tempo, sofrimento clínico e prejuízo da vida social que os transtornos de masoquismo e sadismo sexual, diferenciando-se apenas no elemento de excitação, ou seja, objetos inanimados ou uma ou mais partes do corpo não genitais. Um terceiro critério é aplicado para diferenciar o transtorno fetichista do travestismo/*cross-dressing* e do uso de estimuladores genitais como vibradores. Conforme o DSM-V, não há relatos sistemáticos de transtorno fetichista em mulheres. Os relatos são quase exclusivamente em homens. Nada se fala acerca de taxa de prevalência desse transtorno. Da mesma forma que os outros dois transtornos, se os critérios não forem atendidos, tem-se apenas o comportamento fetichista.

A partir do que foi observado em campo, ainda que essas definições de patologia sejam com alguma frequência comentadas por adeptos em seus blogs, isso não chega a ser um grande problema a ser enfrentado pelo grupo. Muitos afirmam claramente sua não preocupação com essas categorizações e declaram importar mesmo manterem-se fiéis ao princípio do SSC¹⁰⁰ e obterem seu prazer da forma como melhor lhes convier. Vale ressaltar que a necessidade de consensualidade, apontada no DSM como indicador da sanidade das práticas exercidas sob sua égide, tem por resposta tal princípio tão defendido e objeto de zelo pelos BDSMistas, ou seja, adeptos do BDSM. O propalado uso da *safeword* ou *code word*¹⁰¹ – palavra ou gesto de segurança detentor do poder de interromper imediatamente uma cena, caso um dos parceiros extrapole os limites do outro ou ocorra algum outro tipo de insatisfação – colabora com o ideário da consensualidade, saúde e segurança das vivências, pautado na comunicação, no compromisso e na confiança.

Há outro princípio defendido pelo grupo que se relaciona com o SSC. Trata-se do RACK (*risk-aware consensual kink*),¹⁰² por meio do qual se afirma que ninguém pode definir por outra pessoa o que é seguro ou não para ambos. Logo, o princípio do RACK é a afirmação de que “estou consciente dos riscos, mas ainda assim consinto”.

¹⁰⁰ É sabido que existem jogos – os *edge play* – que são marcados pelo não uso da palavra ou gesto de segurança, a fim de maximizar a vivência da submissão. Ainda assim, o não uso é algo negociado pelos envolvidos e consentido.

¹⁰¹ A *safeword* foi criada em 1970.

¹⁰² Termo elaborado por Gary Switch no final da década de 1990, conforme Weiss (2011).

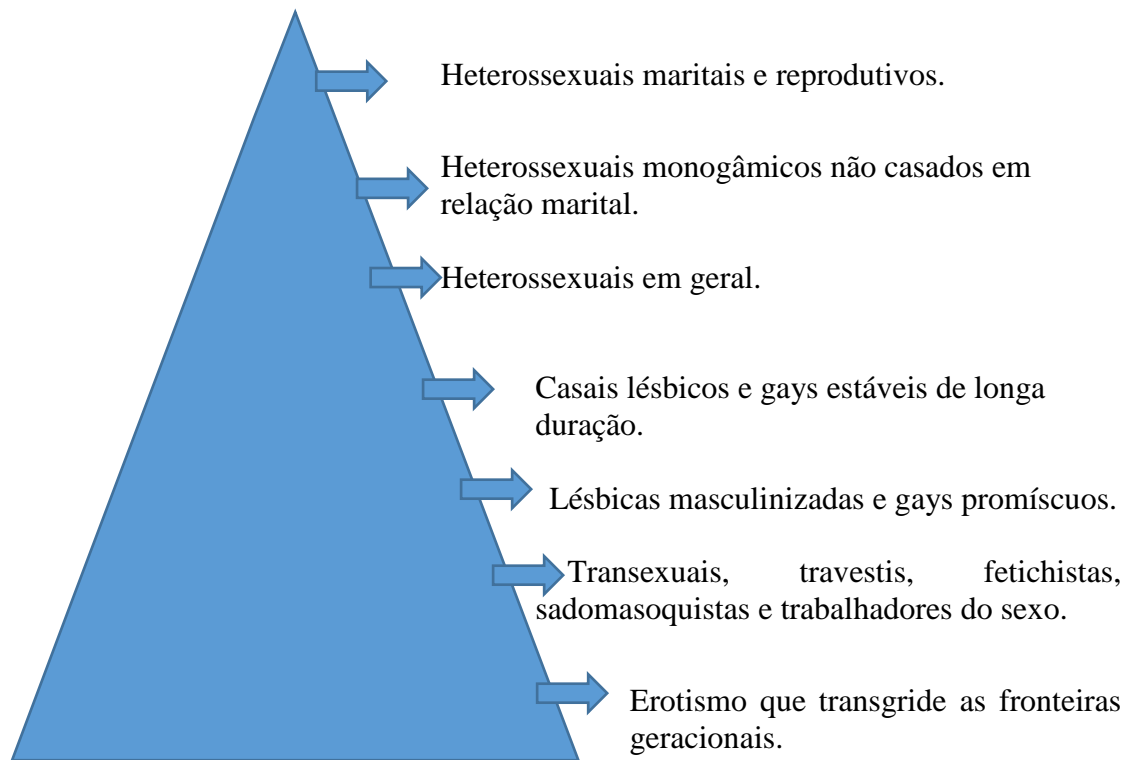
Algumas feministas criticam ostensivamente o argumento da consensualidade alegando a “coerção estrutural” do consentimento, ou seja, um consentimento que é dado a partir de um reflexo condicionado, como o “sim” que as mulheres vêm dando ao matrimônio durante séculos (RUBIN, 1987). Um “sim” muito mais compulsório do que escolha propriamente dita. Gregori (2014a) avança nessa discussão a partir das teorias do direito, que, em grande parte, entendem consentimento como uma aprovação mútua que envolve sujeitos capazes de expressar conscientemente e com responsabilidade a sua concordância. Portanto, tal termo está relacionado à ideia de autonomia individual, que pressupõe a voluntariedade da decisão, tomada por um indivíduo detentor de agência, razão e livre-arbítrio. No entanto, a estrutura da atual sociedade de direitos é formada por relações entre sujeitos em condições muito desiguais, que, portanto, de algum modo, tangenciam posições de vulnerabilidade. Dessa forma, da perspectiva de algumas teorias, o consentimento não pode ser presumido. Para a autora, esse dilema, presente quando o consentimento envolve crianças, por exemplo, também está contido, em alguma medida, entre aqueles cujas posições implicam desigualdades de gênero, cor e raça, entre outras.

Por fim, é necessário lembrar ainda que a sexualidade “baunilha” é totalmente execrada pelo grupo, que, por isso mesmo, não tem qualquer pretensão de se enquadrar nesse modelo.

2.2

Estigma e violência

Conforme Gayle Rubin (1984), o essencialismo sexual – a crença de que o sexo diz respeito à natureza humana e, portanto, nada tem a ver com a vida social, a cultura e suas instituições – marca a medicina, a psicologia, a psiquiatria e mesmo o senso comum ocidental, de tal forma que constitui um elemento que muito dificulta a abertura a identidades ou identificações pautadas no sexo. A autora aponta, ao discutir uma teoria radical das políticas da sexualidade, um sistema hierárquico de valores sexuais com a seguinte configuração:



Cabe esclarecer que a hierarquia estabelecida pelo sistema valorativo no formato piramidal (ideia original de Rubin) não se relaciona com aspectos quantitativos, como o número de envolvidos por práticas, mas sim com o posicionamento hierárquico de cada expressão erótica. Fetichistas e sadomasoquistas, portanto, de acordo com a escala de Rubin, estão em um dos níveis mais baixos da hierarquia sexual.

O enquadramento patológico invoca conceitos de inferioridade mental e emocional. Associadas a termos psicológicos, as condutas sexuais, como bem sinaliza Rubin, acabam por ser equalizadas, de forma que o masoquismo, por exemplo, passa a ser associado a padrões de personalidade autodestrutivas, e o sadismo sexual sinaliza agressão emotiva. Da mesma forma, explicações psicológicas são frequentes, como aquelas que vinculam a dissidência sexual a problemas na infância ou a uma socialização malsucedida, por exemplo. Tal enredo está tão disseminado pela sociedade, que diante do relato de A.A., parcialmente transcrito a seguir, no blogue de Lola Aronovich (uma submissa no universo BDSM), apresento o comentário que se seguiu. Primeiramente, o *post* de A.A. dizia:

Eu sempre me considerei feminista. Sempre fui dona de mim. Sempre tomei minhas próprias decisões. Sempre fui contra violência doméstica e a favor dos direitos iguais. SEMPRE. Fui bem capacitada, aplicava oficinas e ajudava pessoas que passaram por violência a superar, a denunciar e sempre achei que se acontecesse comigo seria exatamente isso que eu faria. Bem, não foi isso que aconteceu. Eu me fechei em um casulo e nunca denunciei. Eu me afastei das pessoas. Tinha medo de me machucar mais uma vez. Foi nesse ponto que eu achava que meu feminismo não havia servido de nada, porque eu não tinha tido coragem para pôr em prática o que eu acreditava. Foi quando conheci uma pessoa muito especial. Um homem culto e divertido, que conversou comigo sobre meus problemas e meus medos e me mostrou algo incrível: que eu posso ser dona de mim mesma, mesmo quando estou num jogo de submissão. Fiquei assustada, mas descobri que no BDSM eu controlaria a situação e meu NÃO seria NÃO. A primeira coisa que o homem que me apresentou o BDSM me falou foi do SSC.¹⁰³

Um dos comentários recebidos foi:

[...] sinceramente você precisa de ajuda psiquiátrica. BDSM é doença sim, é degradante sim, é violência sim. Se algum dia aceitar isso quem sabe possa superar seus traumas. Não importa se vc faz papel de dominadora ou de dominada, vc está se iludindo. 50 Tons... é lixo, puro lixo, resultante de uma mente cheia de frustrações que encontrou várias outras mentes frustradas pra germinar. Essa é a geração das pessoas alienadas.¹⁰⁴

Esse terreno acaba por se tornar fértil para o surgimento de pânicos morais que cristalizam medos e ansiedades amplamente difundidos, sem buscar as causas dos problemas. A sexualidade, como reitera Rubin acerca do trabalho de Jeffrey Weeks, tem ganhado uma centralidade particular nesses pânicos, de modo que os “desviantes” sexuais são tomados como bodes expiatórios. Isso porque os pânicos morais, por vezes, transformam-se em ação política que visa mudanças sociais. Assim, entre os pânicos morais recentes, pode-se citar as campanhas americanas anti-homossexuais da década de 1950, o pânico relativo à pornografia infantil na década de 1970 e o terror produzido pela “peste gay” nos anos 1980/1990, que justificou em alguma medida a homofobia, uma vez que sobre o estigma do homossexual se sobrepôs o estigma do aidético e a possibilidade de contaminação de todos. Esse pânico se traduziu em grandes campanhas preventivas em escala mundial.

¹⁰³ Disponível em: <<http://escrevalolaescreva.blogspot.com.br/2013/04/guest-post-sou-feminista-e-submissa-no.html>>.

¹⁰⁴ Idem.

O próprio posicionamento feminista, como pontua Rubin, apresenta a potencialidade de ensejar um pânico moral contra sadomasoquistas, na medida em que há no discurso feminista certa visão de que, em última análise, toda e qualquer pornografia tende à pornografia sadomasoquista, que por sua vez está associada a crimes sexuais. Essa cruel associação revitaliza a crença de que só os “perversos sexuais” cometem crimes sexuais. Considerando-se que o fim da violência contra mulheres é hoje uma das principais bandeiras feministas, é possível entender por que Rubin declara a grande potencialidade de se ensejar uma nova caça às bruxas, ou melhor, aos adeptos de BDSM.

Mesmo que esse pânico ainda não assombre a sociedade, alguns dados revelam o grande preconceito sofrido pelos adeptos do BDSM. Segundo Rubin, os primeiros produtores e distribuidores de pornografia bondage nos Estados Unidos, John Willie e Irving Klaw, entre o final dos anos 1940 e 1960, foram perseguidos diversas vezes pela polícia, sendo Klaw “usado” em uma investigação do Comitê Especial do Senado dos Estados Unidos, presidido pelo senador Estes Kefauver do Tennessee, que investigava o crime organizado no comércio entre estados. Em outro famoso caso:

[...] um homem foi condenado [por] agressão agravada por um chicoteamento administrado em uma sessão S/M. Não houve vítima que prestou queixa. A sessão tinha sido filmada e ele foi processado com base nas imagens. O homem entrou com recurso em sua condenação argumentando que ele tinha sido parte de um encontro sexual consensual e não agrediu ninguém. Ao rejeitar seu recurso, a corte declarou “ninguém deve aceitar consensualmente a agressão ou assédio, salvo quando envolva contato físico ordinário ou golpes acidentais em esportes como futebol americano, boxe ou luta Greco-Romana”. A corte persistiu ao notar que, “o consentimento de uma pessoa sem capacidade legal para dar o consentimento, como uma criança ou uma pessoa insana, é ineficiente” e que “é matéria do senso comum que uma pessoa normal em plena capacidade de suas faculdades mentais não consentiria livremente ao uso, em si mesma, de uma força que provavelmente causaria grandes feridas corpóreas”. Por esse motivo qualquer pessoa que consinta em ser chicotead[a] seria presumida como *non compos mentis* e legalmente incapad[a] a consentir (RUBIN, 1984, p. 46).

Logo, ainda que a prática SM envolva comumente um nível bem menor de força e ferimentos do que aquele presente em um jogo de futebol americano ou em uma luta de boxe, a corte reconheceu a sanidade desses esportistas, porém preferiu declarar a insanidade dos sadomasoquistas. Isso é enormemente agravado, em relação direta, com a influência que um indivíduo exerce sobre as

gerações futuras, ou seja, para pais (que se vêm em apuros em processos de guarda de filhos) e professores (que são afastados da sala de aula), uma vez que uma menor latitude de comportamento e opinião é permitida. O filme *SM Rechter* (2009) demonstra um pouco disso ao contar a história verídica de um juiz belga que é condenado pela corte local por praticar sadomasoquismo com sua esposa. O veredicto da corte desconsidera que a iniciativa havia sido dela e tudo ocorreu consensualmente.

Facchini (2013) também revela dados alarmantes acerca da violência e discriminação contra pessoas SM. Em pesquisa que envolveu 1.017 adeptos, obtiveram-se os seguintes resultados: 36% sofreram algum tipo de violência ou abuso e 30% alegaram ter sofrido discriminação no ambiente de trabalho.

Do que foi exposto, salienta-se o quão presente tal legado permanece na contemporaneidade, tanto nos dogmas científicos, quanto no senso comum, legitimando, por vezes, o uso da violência contra os “anormais”. Vale ressaltar, portanto, que, a despeito de toda a repressão do corpo e do sexo, o BDSM vem resgatá-los e transformá-los, como foi apresentado neste capítulo: o prazer sexual é agora obtido não só por meio de estímulo aos órgãos genitais, mas pela excitação de diferentes partes do corpo. No próximo capítulo, objetiva-se perscrutar como se desenvolvem as relações Ds: o modelo ideal de dominação e de submissão, como os pares heterossexuais funcionam nas diferentes posições de gênero e as fantasias em jogo.

3

Ajoelhe-se!

Sim!

Este capítulo está voltado para uma reflexão sobre como as relações Ds se configuram, quais os elementos que estão em seu imaginário e os tipos ideais de dominação e submissão. Serão investigadas as aproximações e diferenças entre a dominação feminina e a dominação masculina, bem como da submissão feminina e da masculina e quais as fantasias centrais que povoam as páginas virtuais pesquisadas.

Como já salientado na Apresentação, o contato com o universo da dominação foi realizado por meio da internet, quando se utilizou a categoria de busca *BDSM dominação* no Google. Com isso, foi localizado um grande número de sites e blogues de dominadores e submissas abordando questões relativas ao exercício da dominação. No entanto, muito pouco foi encontrado acerca da dominação feminina a partir da narrativa das próprias dominadoras, o que parece sinalizar que a dominação é pensada mais frequentemente como masculina. Assim, navegou-se pelo campo também a partir da categoria de busca *BDSM dominação feminina*. A experiência de dominação exercida por mulheres é comumente designada por FemDom ou LezDom (do esloveno – origem não confirmada –¹⁰⁵ *lezbijka dominacija* ou, do inglês, *Lesbian Domination*; em português, Dominação Lésbica ou Lésbica Dominante). Nas duas primeiras páginas decorrentes dessa busca, obteve-se uma única página escrita por uma dominadora, a Domme Kore. Entre as demais páginas, encontram-se várias de vídeos pornôs e nenhuma de LezDom. Diante desse quadro, outras categorias de busca foram utilizadas: *BDSM dominadoras lésbicas*, por meio da qual se localizaram páginas de pornografia e de anúncios de profissionais do sexo; e *BDSM submissa lésbica* e *BDSM lésbicas*, que apresentaram páginas apenas de pornografia. Finalmente, em blogue de um “escravo”, foi possível encontrar

¹⁰⁵ Termo e origem explicitados em: <<http://www.pensamentoindecete.com/2012/02/bdsm-femdom-lezdom-dominacao-feminina.html?zx=b561f6a6143a84>>.

referência a um conjunto de blogues de dominadoras, dos quais alguns elementos estão presentes nessas páginas. O passeio por um blogue pertencente a uma das duas páginas de consulta do Google até outro blogue referendado no primeiro foi realizado sempre que considerei que visitá-lo seria útil para essa pesquisa. De blogue em blogue, acabei por me deparar com o de Madame Cruel, uma dominadora lésbica. Do material encontrado, desconsiderei os contos, uma vez que esses remetem diretamente à ficção, ainda que reconheça que, exatamente por serem ficções, podem ser ricos para ilustrar os modelos idealizados nesse universo. De toda forma, não foram analisados por considerar-se que só indiretamente interessam aos aspectos tratados nesta pesquisa.

Quanto ao conteúdo acerca da submissão, foi elaborado a partir de pesquisa virtual no Google utilizando-se como palavras-chave para a busca *BDSM submissão* e *BDSM submissão masculina*. A utilização dessa segunda categoria se fez mister pela ausência de páginas específicas de submissos durante a primeira busca. Como definido na metodologia deste trabalho, foram utilizadas as duas primeiras páginas apresentadas pelo Google. Alguns elementos chamam a atenção nesses sites e blogues.

De uma forma geral, considerando os diversos relatos analisados, supõe-se que o campo desta pesquisa envolve jovens e adultos. As inúmeras fotos e imagens utilizadas como avatares (imagem que acompanha o apelido do internauta e colabora com a sua identificação) e para ilustrar o conteúdo das páginas da internet remetem, predominantemente, a pessoas brancas, magras, jovens/adultas, heterossexuais e belas. Quando acompanham o apelido, comumente, fazem referência à posição ocupada na hierarquia BDSM ou ao próprio apelido. Entre os vídeos pornográficos, percebeu-se uma menor preocupação com o ideal de magreza.

A rara presença de negros, tanto na dominação quanto na submissão, tem por exceção o blogue *Submissão Passiva*. Nele aparecem diversas fotos de negros, tanto como submissos quanto como dominadores em relações interracialis; há o predomínio de vídeos e fotos em detrimento do conteúdo, o que também o difere dos demais blogues e sites localizados de Ds heterossexual. Curiosamente, esse blogue aponta para a fetichização das axilas masculinas, que devem ser cheiradas e lambidas para que o submisso conheça o cheiro do dono. As categorias

ativo/passivo estão bastante presentes. Não é possível, entretanto, afirmar que esse blogue seja especificamente do universo BDSM. É mais provável que se direcione a um público homoerótico mais amplo, que envolve, entre suas práticas, o SM.

Por meio das categorias de busca informadas nesta pesquisa, foram localizados apenas um blogue de submissos gays e um de uma submissa lésbica. Foi exatamente por conta desse resultado que esta pesquisa acabou por optar ter como foco parceiros heterossexuais.

Quanto às páginas da internet propriamente ditas, além de imagens e fotos de pessoas, há farto uso de diversas referências pertinentes ao exercício do poder, reproduzindo, em geral entre dominadores/as, um certo clima de mistério, tensão e tortura, sendo que entre as submissas o uso de elementos românticos é bastante frequente. Os raros blogs de submissos trazem referências do universo BDSM por meio de fotos e ilustrações de praticantes em ação. Há ainda um predomínio de textos, em forma de artigos e comentários, em detrimento de fotos e imagens. Essas, em geral, têm o papel de ilustrar o que está sendo dito.

Delineado, portanto, certo retrato do campo, a partir, predominantemente, de alguns elementos visuais apreendidos, parte-se para a apresentação deste capítulo. Sua organização deu-se da seguinte forma: em um primeiro momento, são apresentadas as maneiras como a dominação e a submissão são percebidas pelos BDSMistas. Posteriormente, são abordados direitos, deveres e posturas requeridas das personas envolvidas, E, por fim, são sinalizados alguns pontos de disputa entre os gêneros que têm lugar entre os adeptos do BDSM.

3.1

A natureza da dominação e da submissão

Caminhando por esse universo BDSM, é possível perceber que há uma crença reiterada por grande número de participantes de que ser dominador e ser submisso é algo inato à pessoa. O relato da Senhora Lúcifer reitera a crença, enfatizando que independente dessa característica é também uma mulher como outra qualquer:

Antes de ser Dominadora, eu sou uma mulher que gosta das mesmas coisas que as outras e o fato de ser Domme não me torna mal-educada, mal-humorada ou grossa, por que tenho prazer em ser o que sou, muitos confundem os dominadores com pessoas sem sentimentos, arrogantes, ignorantes e afins. Mas ser Dominadora exige no mínimo um pouco de educação, inteligência, conhecimento sobre o assunto, malícia, sagacidade[, é] por isso que nós Dominadores temos que ser responsáveis para conduzir a vida de nossos submissos, que nos entreg[aram] em um ato de amor e devoção. Dentro dessa condição escolhi ser Domme? Não, nasci Dominadora e acho que todos nascem com uma posição e me descobri muito cedo como Domme, talvez seja por ser muito maliciosa ou uma pessoa fria e com grande controle emocional, acabei usando de uma forma saudável dentro do BDSM.¹⁰⁶ [grifo meu]

Posição interessante é a da adepta Rainha Frágil, que confirma o contraste com as práticas sexuais convencionais designadas pelo rótulo “baunilha”, defendendo a impossibilidade de uma mulher “baunilha” se tornar uma dominadora ou um homem “baunilha” ser um submisso, ressaltando, contudo, uma possível fluidez entre os papéis dominação/submissão dentro do BDSM. Conforme suas palavras:

[À]s vezes os escravos me perguntam sobre como transformar as namoradas em dominadoras. Por experiência digo que é quase imp[ossí]vel. [...] a verdade é que você nasce assim mesmo. E acaba que é uma questão de identidade. É mais fácil transformar uma submissa em Dominadora do que uma baunilha. Como um gay, pode ser ativo e passivo, pode flutuar, mas sempre será gay. E nenhum h[é]tero vira gay só porque quer, e nenhum gay vira h[é]tero quando quer. Também um homem baunilha, machista ou não, só vira submisso nos contos eróticos, porque na real mesmo nunca vi isso acontecer. Se ele é baunilha, sua cabeça e seu corpo pensam a mulher de outra maneira, muito diferente do submisso. [À]s vezes, pode ser um homem dócil que confunde as mulheres, e eles podem até ser pod[ó]latras ou fetichista[s], de leve, mas podem jamais virem a ser submissos. Assim como uma mulher autoritária não é necess[ar]iamente uma Dominadora. Isso é outro engano.¹⁰⁷ [grifo meu]

Conforme a praticante Senhora Lucífer, a dominação inclui três dimensões, a saber, a física, a emocional e a psicológica. Ela explica o que está em jogo em cada uma dessas dimensões:

Meu prazer dentro do BDSM é ter o domínio físico, psicológico e emocional e [cada] um destes domínios age de forma diferente no meu prazer. Dentro deste contexto[,] o Dominador é um submisso, que cede aos desejos de seus submissos pelo prazer “de ter” e “dar” o prazer, nas três formas que os dominamos. O

¹⁰⁶ Disponível em: <<http://www.pensamentoindecete.com/2012/02/bdsm-femdom-lezdom-dominacao-feminina.html?zx=b561f6a7a6143a84>>.

¹⁰⁷ Disponível em: <<http://fragilreino.blogspot.com.br/?zx=352ab7c7ce05b56f>>.

domínio físico é ter o prazer da entrega de seu corpo para ser dominado ao bel[-]prazer de seus donos e o meu prazer é usar este corpo, para minha total satisfação, aonde dou e tenho o prazer de seus donos e o meu prazer sádico e sexual. Ter a dor deste submisso, que faz tudo por você, se entrega para que tenha prazer e que coloca os nossos desejos acima de seus, é um dos maiores prazeres que eu tenho. Sua entrega psicológica, aonde aceita tudo o que vem de você e ainda escolhe ser preso, mesmo sendo livre, por devoção, é uma forma de amor incondicional e prazerosa de dominar. O emocional na dominação é o amor transparente que temos dentro do BDSM, por ser um amor que aceita os seus defeitos, qualidades e ainda te serve.¹⁰⁸ [grifos meus]

Fica claro, pela fala da Senhora Lúcifer, que a relação Ds é uma relação de trocas – física, emocional e psicológica –, que objetiva gerar prazer para os envolvidos, a partir de diferentes dimensões da pessoa. A crença em um amor incondicional por parte de quem serve, mesmo diante dos defeitos do outro, também é referendada pela nativa, que o associa à noção de transparência para indicar um tipo de amor, que considera específico do BDSM. Alguns aspectos dessa tipologia amorosa serão delineados no próximo capítulo.

Para o adepto Werther, a dominação precisa ser necessariamente psicológica – uma das dimensões apontadas pela Senhora Lúcifer. Práticas como, por exemplo, *spanking* (espancamento, que possui diferentes níveis de intensidade, de tapinhas a chicotadas, sendo utilizado tanto para punir quanto para premiar) e amarração do corpo podem ser apenas práticas prazerosas, mas não será dominação se o domínio psicológico não estiver presente. Assim ele define:

Dominar não é mandar, ordenar ou obrigar, nem impor através da força física. Dominar é fazer com que a “outra parte” queira ou deseje ser mandada, ordenada, ou que se sinta obrigada por seus próprios instintos a submeter-se. A Dominação é primordialmente mental e reflete-se nas ações do corpo; portanto, para que seja plena [exista], não pode restringir-se ao físico. Dominação apenas no âmbito físico para mim não é Dominação. Pode ser qualquer outra coisa, menos Dominação. Então, imobilizações, o ato de bater, ou o sexo, isoladamente, não caracterizam Domínio...¹⁰⁹ [grifo meu]

O exercício da dominação também é visto como uma prática que contribui positivamente para o desenvolvimento da pessoa que o pratica, como revela em entrevista Lady Evil:

¹⁰⁸ Disponível em: <<http://www.pensamentoindecente.com/2012/02/bdsm-femdom-lezdom-dominacao-feminina.html?zx=b561f6a7a6143a84>>.

¹⁰⁹ Disponível em: <<https://pt.scribd.com/doc/68234250/BDSM-Dominação-Feminina-e-Supremacia-Feminina>>.

Me orgulho muito da mulher que sou hoje, forte, determinada, segura, sei o que quero, e como quero, e é óbvio que o BDSM ajudou bastante, com ele me completei, não conseguiria abandonar um braço, ou uma de minhas pernas, vejo o BDSM assim, como parte do que eu sou, e acredito que ainda tenho um longo caminho a percorrer, vou continuar nesse processo evolutivo, aprendendo sempre e me tornando um ser humano cada vez melhor.¹¹⁰ [grifos meus]

Uma Dominatrix, Leonna, em entrevista para a revista *Marie Claire*, reitera esse ideário, ainda que para vivê-lo precise manter segredo e só o faça virtualmente.

A Leonna acabou virando minha identidade nas salas de bate-papo. A dominação virou um segredo partilhado com poucas amigas e praticado principalmente em conversas em salas de chat. Nunca tive nenhum grilo ou angústia por assumir essas duas personalidades. Ao contrário, a Leonna me libertou e me trouxe autoestima. Passei a valorizar meu lado autoritário, que antes encarava como defeito. O meu cotidiano continuou normal: tradução para empresas, convívio com o meu filho, encontro com os amigos.¹¹¹ [grifos meus]

Quanto à submissão, comunga-se da mesma crença de essa ser algo da essência do indivíduo, como fica claro na seguinte fala de uma submissa:

Submissão é algo que nasce com você...é quando a mulher precisa de alguém que lhe comande a vida, que lhe cuide, que lhe proteja, é quando sentimos prazer com a dominação de nossos homens...e precisamos disso em nossas vidas...eu confesso que a submissão pra mim é o verdadeiro tempero sexual...sem ela nunca senti prazer na minha vida sexual. Não sinto prazer no sexo comum...por isso eu digo que a submissão existe na alma...existe dentro da gente...não tem como ser criada nem cultivada...ela existe e pronto.¹¹² [grifos meus]

Comumente, o BDSM é entendido por seus adeptos como uma orientação sexual. Alguns relatam sentir essa orientação ainda muito jovens. Esse é o caso do odontólogo Tiago, um submisso, que se “descobriu” por meio da internet:

Eu sempre fui muito bem resolvido como submisso [...]. Eu me sinto assim desde os meus 14 anos de idade, mas como a sociedade é muito fechada e não tinha o advento da internet, eu vim me descobrir cinco anos atrás, hoje eu tô com 36. Eu via assim muito vagamente as pessoas falarem, nada que fosse assim muito completo, mas quando eu comecei a entrar na internet, quando eu comecei a

¹¹⁰ Disponível em: <<http://sm-semmisterio.blogspot.com.br/2009/07/edicao-especial-uma-incrivel-entrevista.html>>.

¹¹¹ Disponível em: <<http://revistamarieclaire.globo.com/Revista/Common/0,,EMI154275-17597,00-SOU+TRADUTORA+DURANTE+O+DIA+E+DOMINADORA+A+NOITE.html>>.

¹¹² Disponível em: <<http://devaneiosdeumasubmissa.blogspot.com.br/2013/03/porque-ser-submissa-como-lidar-com.html?zx=10e8669ad3d13493>>.

frequentar sala de bate-papo BDSM, eu comecei a conhecer pessoas que me ajudaram no início.¹¹³

Outro relato que caminha nesse sentido é o de Henrique, que afirma: **“[d]esde criança, seis, sete anos, eu já tinha fantasias com SM, eu imaginava uma menina me usando como cadeira.”** Por volta dos 14 anos, procurava se informar sobre o que era sadomasoquismo em dicionários e enciclopédias. Mas, aos 18 anos, por meio da internet, descobriu, enfim, o BDSM. **“Foi uma tijolada, de repente, eu chego lá e já tem as regras. Eu ficava imaginando fantasias, fantasias, fantasias, e quando eu [chego] na Internet, eu vi que tem lugares próprios pra isso, tem regras.”**¹¹⁴

Indagado sobre se submissão é sinônimo de escravidão, um dominador durante bate-papo em chat da UOL afirma: **“Eu odeio escravas. [E]scrava é imposição. Submissão é conquista.”**¹¹⁵ Entretanto, outro responde a tal pergunta explicando:

[...] veja bem[,] a diferença única e exclusiva está na forma de servir, digamos que a submissa se dedica de forma mais suave, enquanto a escrava é mais dedicada nas sessões tipo aceitar certas pr[á]ticas mais pesadas, mais *masoka* compreende[?].¹¹⁶

Depreende-se dessa fala um certo *continuum* entre a submissão e a escravidão, a partir da forma como a subserviência é vivenciada – da mais suave à mais “pesada”, mais masoquista, que parece indicar a que oferece mais sofrimento. No entanto, percebe-se que não há consenso em torno de uma distinção entre o que é uma “escrava” e o que é uma submissa. Apesar dessas e algumas outras tentativas de adeptos em propor uma diferenciação, o uso desses termos me pareceu indistinto, seguindo apenas o gosto dos envolvidos na Ds.

A relação Ds pressupõe um adestramento da pessoa submissa por parte do dominador. Ao ser questionado sobre o que é um adestramento perfeito, durante um bate-papo, um dominador explica:

¹¹³ Disponível em: <<http://fragilreino.blogspot.com.br/?zx=352ab7c7ce05b56f>>.

¹¹⁴ Para acessar o relato na íntegra, ver: <<http://fragilreino.blogspot.com.br/?zx=352ab7c7ce05b56f>>.

¹¹⁵ Chat da UOL, 22 de maio de 2013.

¹¹⁶ Idem.

[...] significa orientação, ensinamento correto das práticas, verificar seus limites [à] submissão, a dor, a obediência, o nível de entrega, a fidelidade da sub, [porque] uma sub não deve se deixar algemar[,] amarrar ou vender antes de ter tido várias sessões com o dom[,] at[é] poder confiar plenamente na condução dele.¹¹⁷

Trata-se, portanto, do aprendizado de uma técnica. Bastante propício lembrar o argumento do sociólogo David Le Breton (2010) quando assinala que o aprendizado de qualquer nova técnica é também um aprendizado sensorial. Assim, aprender a cozinhar, por exemplo, incita o olfato, o gosto, a visão. A experiência corporal, daí decorrente, irá modelar as percepções sensoriais pela integração de novas informações relacionadas ao pertencimento social do indivíduo e de seu modo específico de inserção no sistema cultural. Logo, a experiência inicial de fumar maconha, citada pelo autor, demanda o aprendizado da técnica de fumar e o reconhecimento de certas sensações como algo bom ou ruim, dependendo do lugar social em que o indivíduo esteja inserido. O mesmo ocorre em relação à dor, entre outras experiências, no universo BDSM. Diante de uma sessão de velas, por exemplo, em que o dominador derrama cuidadosamente sobre a pele de sua submissa a cera derretida, é necessário que a submissa aprenda a reconhecer prazer nas sensações que sentirá sobre a sua pele.¹¹⁸

O aprendizado contínuo contribui para a sensação de libertação tão recorrentemente relatada na experiência de submissão,¹¹⁹ conforme pode ser averiguado no seguinte *post* divulgado pelo blogue da Lola:

Ser uma submissa no BDSM é, pra mim, uma das partes da minha vida onde mais exerço meu feminismo, porque é lá que eu decido o que será feito com o meu corpo. Pode até ser que pareça que sou passiva ali, porém fui eu que decidi o que pode e o que não pode ser feito do meu corpo, e eu posso decidir a hora de parar. Sou, como submissa, mais livre que mulheres que são reféns de seus maridos, namorados e companheiros. Sou mais livre que pessoas que sofrem violência doméstica. Sou mais livre que mulheres com pensamentos machistas, que regulam o que vestem e com quem transam pelo que os outros vão pensar. Sinto-me livre porque a beleza do BDSM é a entrega segura, é a confiança.¹²⁰

¹¹⁷ Chat da UOL, 19 de maio de 2013.

¹¹⁸ Para conhecer mais detalhes acerca dessa técnica, ver: <<http://carcereiro.site88.net/educ/301-07-hotwax.htm>>.

¹¹⁹ Brame et al. (1993) também percebeu entre seus entrevistados a associação da submissão a uma experiência libertadora.

¹²⁰ Disponível em: <<http://escrevalolaescreva.blogspot.com.br/2013/04/guest-post-sou-feminista-e-submissa-no.html>>.

Em outra mensagem deixada no site do Reino de K@, tem-se:

Cada vez que leio seus textos, mais tenho certeza que tudo isso [é] um processo de liberta[çã]o, onde a entrega ao nosso dono, e realizar as vontades dele, e revelar o nossos desejos escondidos. No mundo baunilha geralmente nos travamos, nas conven[çõ]es do sexo conservador, mas ser uma sub me parece poder colocar pra fora aqueles desejos mais profundos como ser de um dono e ser usada por ele, ser objeto de suas fantasias mais perversas e s[á]dicas, ou viver momentos carinhosos[,] como descrito acima, nunca uma rotina, sempre tentando agradar seu mestre feito uma cachorrinha, por um carinho.¹²¹ [grifo meu]

No universo Ds, para além de uma natureza dominadora ou submissa, há quem defenda uma filosofia chamada Supremacia Feminina, que está pautada na crença de que, de fato, a mulher é superior ao homem. Como nem todas as relações de dominação e submissão são supremacistas, ou seja, comungam da crença na superioridade feminina, opto por tratar desse item em um tópico específico que se segue, ainda que, posteriormente, seja mais detalhado no capítulo sobre os vínculos “24/7”, ou seja, as relações Ds que transcorrem durante o dia inteiro e em todos os dias da semana.

3.1.1

A Supremacia Feminina como filosofia de vida

A filosofia da Supremacia Feminina baseia-se em sete valores fundamentais, apresentados em site de mesmo nome.¹²² São eles: confiança, cumplicidade, coragem, amor, lealdade, obediência e respeito. Participam desse site um grupo de casais que se dizem profissionais liberais, que na vida “baunilha” tratam suas esposas com cavalheirismo, mas que, na vida íntima, concordam com a filosofia da Supremacia Feminina, vivenciando, portanto, uma relação Ds. De acordo com o próprio site:

Tal situação [a vivência de uma relação baseada nos princípios da Supremacia Feminina] leva os casais a viverem em harmonia, uma vez que uma relação não resiste aos constantes jogos de poder e fatalmente sucumbe, assim, os adeptos da

¹²¹ Disponível em: <<http://www.mestreka.com/fantasia-bdsm-cerimonia-chocolate>>.

¹²² Disponível em: <http://www.supremaciafeminina.com.br/os_7_pilares_.html>.

filosofia concordam que forças iguais se repelem e alguém tem que ceder, então que sejam os homens!¹²³

A praticante Helga Vany Freyja explica do que se trata a dominação feminina, elencando os atributos que considera parte da “essência superior da mulher”:

Dominação Feminina é a relação em que o poder – físico, psicológico e espiritual – é inerente à Mulher (em razão de Sua Essência Superior – sensibilidade, intuição, poder de criação, entendimento com a natureza, e demais atributos Femininos). [...] Esse é um processo contínuo e dinâmico, em constante busca de melhoria da relação e da própria natureza da Dominação Feminina e da submissão masculina [...]. Portanto, o aprofundamento dessa relação – a muito comentada relação 24/7 – é muito instigante. Trata-se de uma opção consciente de aprender e desenvolver como estilo de vida, valores que são divergentes dos paradigmas vigentes em nossa sociedade[.] Essa ruptura de paradigmas segue um norte dado por valores ditos femininos, que podem ser sintetizados no conceito “Femina Suprema”.¹²⁴ [grifos meus]

Dessa perspectiva, portanto, a dominação feminina é um processo contínuo em busca do desenvolvimento da superioridade feminina e da submissão masculina. Conforme a adepta, na relação “24/7” aprofunda-se um estilo de vida pautado por valores considerados “femininos” – cooperação, solidariedade, generosidade e ética nos relacionamentos. Tais valores participam do conceito “Femina Suprema”, que defende a primazia do “poder feminino” sobre o masculino no interior dos seres humanos, como revela a seguinte assertiva:

O “poder que está acima de tudo”, dentro do humano, é o Feminino, são os valores femininos. [...] A agressividade, a competição, a ânsia pelo poder passam a ter menos valor que a cooperação, a solidariedade, a generosidade, a ética nos relacionamentos. Isso parece utópico, mas se lembrarmos que a sociedade é construída por ações cotidianas, poderemos estar contribuindo para a transformação de consciências, e daí, da realidade. Daí a importância de poder divulgar e ampliar o número de pessoas que possam conhecer e se aprofundar nas delícias da Dominação Feminina enquanto estilo de vida. [...] Assim, 24/7 é a vivência de novos paradigmas no cotidiano de um casal que se respeita, se admira e, fundamentalmente, se ama. A assunção de ambos os parceiros a seus papéis-vida resulta infalivelmente na felicidade do casal.¹²⁵ [grifos meus]

¹²³ Disponível em: <http://www.supremaciafeminina.com.br/quem_somos_.html>.

¹²⁴ Disponível em: <<http://rainhafragil.wordpress.com/2008/08/13/para-os-fas-da-helga/>>.

¹²⁵ Disponível em: <<http://rainhafragil.wordpress.com/2008/08/13/para-os-fas-da-helga/>>.

Nesse caso, a dominação feminina transcende a relação dos parceiros e seu desenvolvimento como indivíduos, e ganha escopo mais amplo, de mudança social propriamente dita, tangenciando, de certa forma, o dispositivo da sensibilidade apontado por Duarte (1999), afinal, o desenvolvimento individual tem reflexos no aprimoramento da humanidade sobre o mundo. Ponto comum, portanto, na fala de supremacistas é a intenção política de levar a mulher a ascender socialmente e ocupar o lugar que lhe acreditam ser devido, ou seja, no topo da hierarquia de gênero. A adepta Ana Luíza confirma essa estratégia quando assume:

[...] tenho casais amigos no mundo inteiro com quem me correspondo e trocamos id[e]ias sobre os mais diversos temas visando o aprimoramento de nossas relações[,] bem como a inserção cada vez maior das Mulheres no comando das organizações, governos, escolhas, assim em todos os segmentos da sociedade, tentando reconstruí-la de acordo com nossa sensibilidade feminina, esquecendo o mundo construído pelos homens na base da guerra, desarmonia, divisão de povos, pobreza entre tantas outras coisas ruins que hoje assistimos. Criamos página, boletins, movimentos, reuniões, formação de grupos, tudo para fazer parte de uma guerra silenciosa que visa mudar o “status quo”, entretanto, não é fácil e como relatei no início do depoimento, temos que fazer mais do que os homens para provar que somos fortes, inteligentes, competentes, e que podemos fazer um mundo melhor!¹²⁶ [grifo meu]

Enfim, sob o jugo da Supremacia Feminina propriamente dita ou não, a profunda intimidade vivenciada na relação Ds é comumente enfatizada pelo meio, como a adepta Elizabeth Andrade o faz, quando revela sua impressão de que ela e seu “escravo” são um só:

Sabe, algumas vezes penso que somos UM [eu e meu escravo]. Porque acostumamos os escravos a falarem tudo sobre si. E falamos também. São relações infinitamente profundas. Eu não posso sentir a dor do Roger,¹²⁷ mas eu posso descrevê-la com as palavras dele. Sempre que falo aqui do roger, e sempre que outra Rainha fala de seu escravo, estamos falando por eles, com o consentimento deles, com as palavras deles. Estamos nos apropriando desse sentir mesmo. Porque somos UM. Sei que parece estra[n]ho. Mas não tem outra forma de uma relação como essa acontecer. Ela é assim em sua natureza.¹²⁸ [grifos meus]

¹²⁶ Disponível em: <<http://supremaciafeminina.com.br/ANALUIZA.pdf>>.

¹²⁷ Adepto do BDSM, escravo roger{RF} foi iniciado pela Rainha Frágil. Em 2008, era seu escravo havia onze anos e ajudava na organização e promoção das festas PlayBDSM e Profania de Fortaleza. Disponível em: <<http://rainhafragil.wordpress.com/2008/10/03/femdom-no-brasil-hoje/>>.

¹²⁸ Disponível em: <<http://rainhafragil.wordpress.com/2008/08/13/para-os-fas-de-helga/>>.

Essa simbiose entre dominadora e submisso, ressaltada por Elizabeth, faz eco à afirmação de McClintock (2003) de que os jogos SM representam o fracasso do ideário iluminista da autonomia individual, uma vez que encenam a interdependência (ou simbiose, como pontuado pela adepta) entre os parceiros para obtenção do prazer sexual. Por outro lado, sugiro uma aproximação com o ideal democrático em que alguns representam os desejos, interesses, de uma maioria que os elegeu, quando a adepta afirma que **“estamos falando por eles, com o consentimento deles, com as palavras deles”**. Para além desses elementos da ordem social, a narrativa em questão aponta um distanciamento entre a relação BDSM e o amor confluyente, conforme tipologia de Anthony Giddens, que explorarei no próximo capítulo.

3.2

Relações Ds: direitos, deveres e posturas adequadas

Tanto a dominação quanto a submissão são prolixas em relação à normalização de suas práticas, estabelecendo regras, deveres e direitos e institucionalizando o princípio da autonomia na ordem BDSM. A adepta Lady Jade elenca dez regras simples para um Dom ou uma Domme. Chama a atenção o fato de que, apesar de ser considerada algo inato à pessoa que a exerce, a dominação também requer aprendizado e humildade, como demonstram as regras 3, 4 e 10.

1. A **SEGURANÇA** do submisso terá, sempre, prioridade máxima do seu Senhor, seja física ou emocional.
2. **SEMPRE** respeite e honre a palavra segura vinda do submisso e **NUNCA** o coloque com medo de usá-la.
3. Da mesma maneira que submissão é um presente a ser visto e vivido como um tesouro, Dominação é um talento a ser lapidado e assim deve ser educado e experimentado **ANTES DE** assumir a responsabilidade de outra vida.
4. Não seja tão arrogante a ponto de não conseguir escutar e entender os pontos de vista e as necessidades do seu submisso. Você pode aprender muito com ele. Afinal de contas, comunicação é a base de uma relação BDSM e não pode ser obtida sem total apoio de ambos.
5. **NUNCA** castigue um submisso retendo seu afeto, isso é chantagem emocional[1].

6. Proveja direção e apoio quando precisar e permaneça sintonizado na reação do sub. Em retorno, você ganhará um submisso ansioso para lhe agradar e servir, pois o mesmo sente-se valorizado por você.
7. Proveja seu submisso com diretrizes negociadas. Faça-o estar dentro dessas diretrizes e, se sair, castigue-o.
8. Entenda que, da mesma maneira que você deve ganhar a confiança do submisso, este deve ganhar a sua. Isto não mina seu controle, mas o fortalece.
9. Desfrute e use o que lhe é ofertado com generosidade, aspereza, dor e prazer e tenha a sabedoria para saber quando usar cada um.
10. Nunca deixe que o orgulho cegue-o em sua “viagem” de poder e seja forte para assumir um erro, um engano. Complete, sendo franco ao revelar-se arrependido, pedindo desculpas. Da mesma forma que um submisso não é perfeito 24 horas por dia um Senhor, também, pode não ser.¹²⁹ [grifos meus]

A terceira regra define submissão e dominação de forma bastante interessante: **“submissão é um presente a ser visto e vivido como um tesouro”**. É, portanto, um presente valioso, pois se compara a um tesouro. Por outro lado, a dominação **“é um talento a ser lapidado e assim deve ser educado e experimentado”**. Logo, a dominação requer uma aptidão do indivíduo – talento. Natural ou adquirido, o talento não basta por si só: é necessário ser lapidado, ser educado. Afinal, é necessário reconhecer o valor do que foi recebido e ser grato. A gratidão do dominador traduz-se em cuidado. Lady Jade salienta que esse aprendizado deve anteceder ao presente, uma vez que ele envolve nada menos que a vida de uma outra pessoa. A dominação requer o exercício da responsabilidade sobre o outro.

As regras apontadas por Lady Jade, somadas àquelas que defendem o aprendizado de técnicas como *shibari* (como já mencionado, técnica oriental de amarração do corpo em que se colocam os nós em áreas erógenas), primeiros socorros, entre outros, encontram eco na assertiva de Gilles Lipovetsky (2007), quando este afirma que o imaginário de excelência técnica e o imaginário relacional caminham hoje de comum acordo. Assim, não se trata de uma sexualidade monádica vencedora, porém de um modelo calcado na intersubjetividade, na integração com a alteridade desejante do outro. Ou seja, o quadro da vida sexual idealizado no BDSM é confluyente com o delineado por Lipovetsky, quando qualifica a cultura erótica contemporânea, que:

¹²⁹ Disponível em: <<http://cordasenos.blogspot.com.br/p/perguntas-respostas.html#105>>.

[...] não coincide com o “cada um por si”, mas bem ao contrário, com um ideal de troca de prazeres, de escuta do desejo do outro, de atenção a seus ritmos e a suas preferências. Tornou-se “normal” em situação íntima, falar da libido, exprimindo os amantes, daí em diante, suas expectativas e seus gostos, “corrigindo” um ao outro. Mais que uma injunção ao desempenho, é um ideal de reciprocidade hedonista, acompanhado de um modelo de comunicação interpessoal, que qualifica a cultura erótica na hipermodernidade (LIPOVETSKY, 2007, p. 298, grifos meus).

O grupo BDSM constitui-se a partir da adesão a práticas sexuais não convencionais, de forma que o erotismo está na essência de sua formação, e requer, segundo o discurso nativo, que os envolvidos contratualizem a forma como vão desenvolver essas práticas. Nesse percurso, o consenso é fundamental e exige uma comunicação aberta entre os envolvidos tanto a respeito das fantasias de cada um, como dos limites a serem respeitados. Percebe-se, portanto, que o BDSM está plenamente inserido na cultura erótica da hipermodernidade.

No blogue *Devaneios de uma submissa*, é possível encontrar uma série de dicas a respeito de como reconhecer um verdadeiro Dominador. Entre essas dicas, que ajudam a definir o tipo ideal de dominantes, tem-se:

Como primeiro ponto, é imprescindível observar que os praticantes de SM (os verdadeiros, praticantes na vida real pelo menos) são, geralmente, pessoas intelectualmente sofisticadas, e ao contrário do que se possa imaginar, haja vista que o SM é considerado uma perversão sexual pela OMS, são também pessoas moralmente requintadas. Logo, desconfie sempre da vulgaridade (quando gratuita e desproporcional durante uma abordagem inicial por exemplo) e da avareza de conteúdo cultural durante as primeiras conversações – teste seu Mestre – isto não o diminuirá, nem o tornará menos Dominador (se ele realmente o for), ao contrário, o tornará orgulhoso de poder se mostrar. [...] Desconfie de Mestres que desejem se tornar sua única fonte de informações e conhecimentos SM. Um verdadeiro Mestre estimula seus servos a buscar, se inteirar e aprender cada vez mais. Um Mestre sabe aprender com seu escravo, e como submisso é seu dever ser uma fonte de informações novas e relevantes para seu Senhor. Quando um Dominador tenta se tornar o único referencial SM do escravo denota insegurança e não raro uma certa dose de ignorância. [...] SM é um exercício de sexualidade, de amor e de prazer. Não acredite em contratos de servidão que visem lucro ou comércio entre você e seu Dominador. Você pagará o prazer que receber com o prazer que proporcionará. Não admita ter que pagar ou receber por qualquer prática SM, salvo se for um profissional, é claro. [...] Não é sua obrigação, por exemplo, passar horas na fila do Banco do Brasil para pagar as contas dele somente porque você é seu escravo. Estabeleça os critérios de sua servidão.¹³⁰ [grifos meus]

¹³⁰ Disponível em: <<http://devaneiosdeumasubmissa.blogspot.com.br/2013/04/o-verdadeiro-dominador.html>>.

Verdadeiros dominadores são, portanto, a partir da fala dos adeptos, cultos, respeitosos e éticos, além de estimularem seus submissos a obter conhecimento. Não visam lucros financeiros. Além disso, devem ter um cuidado com seus submissos após as cenas. Vários dominadores acentuam essa necessidade. Eles explicam que, durante a cena, o submisso alcança o que denominam de *subspace*, ou seja, um estado psicológico alterado semelhante a um transe hipnótico, no qual, conforme Lady Eve26, ele consegue se separar mentalmente do ambiente físico, enquanto processa a experiência vivida. Assim, permanecer com o submisso, abraçado a ele, por exemplo, é uma forma de ampará-lo nesse momento até que se sinta recuperado da cena.¹³¹ Se ocorreu uma sessão de chicotadas, por exemplo, é possível que o dominador tenha que cuidar de ferimentos e deve estar preparado para o surgimento de outras dores que, durante o *subspace*, por conta da liberação de altas dosagens de endorfinas, o submisso não percebeu. É um dever, portanto, do Dominador acolher o submisso nesse momento. Não à toa, a narrativa anterior é textual ao afirmar que SM é um exercício de sexualidade, de amor e de prazer.

Pensando na postura correta de um Dominador, a Rainha Frágil aponta o dilema vivido pelos dominadores quando são rejeitados por seus parceiros:

[...] é muito raro se ouvir histórias de Domi[na]dores rejeitados. E Dominadoras também. Mas todo mundo sabe que todo mundo já foi rejeitado algumas vezes. [...] Acho que é certo lidar com isso de uma forma diferente de como os submissos lidam. Sim, é verdade: submissos t[ê]m “permissão” para se rastejar implorando o perdão ou o amor da Dominadora. Mas não consigo ver o contrário. Não vejo como seria poss[í]vel que as posições não se invertessem nesse momento. A Dominadora diria o quê? “Me perdoe, prometo não ser tão controladora...” E por aí, arriscando a sorte até descobrir onde foi que errou. Funciona com os casais baunilha. Mas como ficaria depois?¹³² [grifos meus]

A impossibilidade de inversão sinalizada pela Rainha Frágil parece associar a expressão de determinados sentimentos com fraqueza, humilhação. Pedir perdão ou o amor de quem domina é compatível com a experiência de submissas, mas não com a de dominadores, sob pena de esses perderem seu poder, sua legitimidade. De fato, o “amor”, como categoria, é um elemento que parece

¹³¹ Para conhecer mais a respeito, ver: <<http://feticeclub.com.br/sub-space-sub-trop-e-sub-burnout-por-ladyeve26/>>.

¹³² Disponível em: <<http://fragilreino.blogspot.com.br/?zx=352ab7c7ce05b56f>>.

estar mais próximo da experiência de submissão, como será abordado em capítulo posterior. Já entre os casais “baunilha”, essa possibilidade é viável, uma vez que o exercício do poder, quando existe, oscila, é mais fluido entre os cônjuges. Da mesma forma, essa impossibilidade de inversão está totalmente fora do modelo e do enquadramento do relacionamento puro, conforme postulado por Giddens (1993; 2002), que presume outro formato pautado na igualdade sexual e emocional.

A filosofia que dá suporte às práticas de submissão masculina, pode-se dizer, é a mesma que suporta as práticas de submissão feminina, ou seja, valores como respeito, obediência, entrega, submissão às vontades da pessoa dominante. Nas palavras de um submisso acerca dos deveres de “escravos” FemDom, ou seja, de dominadoras, tem-se:

- O escravo tem o dever de lealdade e devoção à sua Domme.
 - Servir a Domme em todos os seus desejos.
 - Ser fiel física e emocionalmente.
 - Nunca proferir a palavra NÃO, passível de punição caso isto seja descumprido.
 - Dispor seu corpo no momento e forma que a Domme desejar.
 - Ser propriedade exclusiva da Domme, exceto em casos que ela ordene que ele sirva a outra Domme.
 - Ser paciente e amoroso.
 - Tratar a Domme sob a forma mais respeitosa possível e como ela exigir.
 - Usar coleiras e outros símbolos de posse sempre que a Domme ordenar.
 - Reconhecer sua inferioridade diante da Domme.
 - Estar à disposição em todos os períodos do dia ou da noite.
 - Jamais ter um orgasmo sem que a Domme o permita.
 - Obedecer [à]s ordens da Domme sem questionamentos.
 - Caso haja descumprimento de qualquer dos deveres, ao Escravo resta aceitar sua punição.
 - Ser castigado em qualquer momento sem necessariamente ter cometido alguma infração aos deveres.
- Parágrafo final: À Domme é permitid[a] a elaboração de novos deveres em qualquer momento.¹³³

Pode-se completar essa lista com algumas outras regras bastante comuns nesse universo, tais como algumas das sugeridas por Lady Jade:

Nunca diga para sua *Dona* a palavra *VOCÊ* e sim a palavra *SENHORA* quando for se dirigir [a] Ela... [...] *Nunca* negocie com outra Dominadora se já estiver sob o domínio de sua Dona, isso é extremamente errado. [...] Seja sincero e honesto nas respostas que Ela perguntar [a] você. [...] Se já estiver encoleirado,

¹³³ Disponível em: <http://submissoreal.blogspot.com.br/2014_05_01_archive.html>.

em seu perfil [use] a coleira virtual com as iniciais Dela e seu nick dentro da chave_{.....}.¹³⁴

Outras regras podem surgir de acordo com o contrato firmado entre dominadores e submissos. Em geral, o único direito que um “escravo” possui é desistir de servir, porém, há aqueles em relações TPE (*Total Power Exchange*) a quem nem esse direito é assegurado. Aos dominadores, é permitido possuir quantos submissos desejar, enquanto esses só podem servir a um único dono. Vale esclarecer que, na interpretação de Deleuze (2009) sobre a obra de Sacher-Masoch, o contrato está na base da relação masoquista e tem a força de lei, tal como acontece nos contratos firmados pelos adeptos do BDSM: o contrato define a forma ideal e a condição necessária para a existência da própria relação. Esse contrato exprime não só o consentimento do submisso, como também, da perspectiva de Deleuze, revela o quão a vítima é habilidosa em persuadir e até adestrar o seu algoz.

3.3

Fantasia

Se, por um lado, homens e mulheres comungam de um imaginário semelhante acerca dos tipos ideais de dominação e submissão, seus deveres e direitos, as fantasias, por outro lado, são fortemente marcadas pelo gênero. Ser “puta” é a fantasia recorrente das submissas: “puta” de um homem só. É no poder ser “puta” que as submissas encontram um dos elementos que promovem a sensação de liberdade, que tanto costumam relatar. Entre os conselhos que o Dominador Marte oferece a submissas, tem-se, por exemplo: “Não tenha modos vaidosos, acostume-se a escrever e a pensar em você como puta, posse e fêmea Dele.”¹³⁵

Já a vivência da escravidão por homens apresenta outros tabus, também bem específicos e convencionais do gênero masculino: o corneamento (contempla a ideia de que “a dona pode ter vários cachorros, mas o cão não”), inversão de

¹³⁴ Disponível em: <<http://srajade.blogspot.com.br/2011/03/regras-basicas-de-dominacao-e-submissao.html?zx=e857098f3a22a321>>.

¹³⁵ Disponível em: <<http://escravasesubmissas.blogspot.com.br/2014/11/um-dominador-aconselha.html?zx=6b5089a902d75fc5>>.

papéis (quando o homem é penetrado por quem o domina; se for por uma mulher, ela usará um objeto próprio para isso), feminização (práticas em que o homem assume a aparência, vestimentas, maquiagem e atividades ou personagens femininos; em geral, serão figuras subalternizadas como “empregadinhas” ou “sissies”) e a castidade. A experiência da submissão masculina é povoada por Dominatrixes, dominadoras que recebem tributos para submeterem homens interessados na prática. Os tributos podem ser pagos em dinheiro, em serviços ou em presentes. Em termos econômicos, há ainda a possibilidade de o homem ser *Money slave*, ou seja, um submisso que deseja ser explorado financeiramente e/ou sustentar uma dominadora. Mais adiante, abordarei esse tema. Em nenhum dos blogues ou bibliografias pesquisadas, localizei relatos acerca de homens exercendo o papel de Dominadores Profissionais. Da mesma forma, entre as submissas, se alguém tiver que deter o domínio do dinheiro, esse alguém é o Dominador.

Para a Rainha Frágil, existem dois tipos de “escravos” – as “sissies” e os do tipo “cavalo” –, que demandam uma dominação diferenciada:

A dominação das siss[ie]s é mais psicológica do que física, passa por adoração, feminização, adestramento. Mais light. Já os cavalos suportam dor, peso, cansaço, podem jejuar e suportam sede. Não quer dizer que isso vá ser assim pra sempre. De forma alguma. Isso apenas descreve uma rota. Porque[,] na verdade[,] com o tempo tudo vai se misturar. Na verdade[,] as siss[ie]s geralmente chegam mais longe do que os cavalos. Porque estes são mais travados na questão psicol[ó]gica e do autopreconceito. Não é bem ainda a distinção entre o submisso e o masoquista. É uma marcação minha com características especiais que utilizo apenas para observação dos meus escravos.¹³⁶

O processo de construção de um “escravo” requer alguns treinamentos específicos, tais como:

Treinamento 2: Feminização: Ensinar o escravo a se vestir e se portar como uma menina. Definindo como agir, andar, falar etc...

Treinamento 3: Servidão doméstica: O escravo deve saber cozinhar, lavar, passar, arrumar a casa da maneira que a dona deseja, deixando tudo do jeito como ela gosta. Seja para o dia a dia ou mesmo para as sessões. [...]

Treinamento 8: Sexual: O escravo deve se acostumar com a inversão de papéis sendo capaz de sentir prazer com a prática se lhe for permitido. Ele deve se portar exatamente como for determinado por sua dona, durante o sexo. Tendo

¹³⁶ Disponível em: <<http://rainhafragil.wordpress.com/2008/06/18/sissy-ou-cavalo/>>.

conhecimento de que sua vida é de privação sexual, sendo assim, deve se manter em constante condição de castidade ou em uso de um cinto de castidade até ordem contrária da dona.¹³⁷

Em entrevista ao blogue *Pergunte a uma mulher*, o adepto Max revela uma das nuances envolvidas na submissão masculina: o “tornar-se” gay. O blogue perguntou a ele se, não sendo homossexual, ele aceitaria se relacionar sexualmente com um homem por ordem de sua dominadora. Sua resposta foi:

[...] a dominadora não pode impor nada que o submisso não queira fazer. Eu não tenho tesão de ser comido por homem, portanto não faria. Já me sugeriram isso, uma dominadora me disse que o tesão dela seria ver o marido me comendo, mas eu não aceitei. Minha bundinha é só das mulheres... só as mulheres me fazem de mulherzinha... KKKKK!¹³⁸

Na pergunta seguinte da mesma entrevista, Max é defrontado novamente com a possibilidade de ser visto como gay: “homem que gosta de apanhar, que gosta de ser submisso e até mesmo ser feito de mulherzinha é algo que a sociedade ainda condena como fraqueza e até mesmo como ser gay. O que você pensa a respeito disso?” Sua resposta é bastante clara:

Eu entendo perfeitamente que a sociedade não aceita um homem que curte ser submisso em situações sexuais ou sadomasoquistas, afinal de contas, isso não é “coisa de macho”, mas a verdade é que quando pratico BDSM eu considero que estou num mundo [à] parte, numa espécie de universo paralelo, aonde as regras normais da sociedade não existem e portanto toda a experiência é válida. O que conta é a vontade da pessoa de passar por aquela experiência. Então, não existem fraquezas ou boiolagem por parte do homem. Por exemplo, se um dia eu ficar a fim de ser dominado por um homem, eu farei tranquilamente, inclusive dando a bunda para o dominador e fazendo oral nele. Eu não me consideraria gay por fazer isso, mas até agora nunca tive vontade. Quanto à possibilidade de alguém me considerar gay, eu n[ã]o me importo, para aquela pessoa eu vou ser visto como gay, tudo bem, mas o que conta para mim é a minha opinião.¹³⁹ [grifo meu]

Estar em um mundo à parte, em um universo livre das amarras sociais, pautado na subjetividade, na experiência individual, é uma percepção paradoxal do nativo Max. Ainda que o universo BDSM se autodefinia como outro universo,

¹³⁷ Disponível em: <http://submissoreal.blogspot.com.br/2013_07_01_archive.html>.

¹³⁸ Disponível em: <<http://www.pergunteaumamulher.com/2014/06/entrevista-com-um-praticante-de-bdsm-bondage-disciplina-dominacao-submissao-sadismo-e-masoquismo.html>>.

¹³⁹ Disponível em: <<http://www.pergunteaumamulher.com/2014/06/entrevista-com-um-praticante-de-bdsm-bondage-disciplina-dominacao-submissao-sadismo-e-masoquismo.html>>.

distinto do mundo “baunilha”, tal qual esse ele também é significativamente regrado, ritualizado, organizado. Portanto, a liberdade afirmada por Max não representa a ausência de normas, mas a pertinência a outras regras apreendidas como libertadoras.

O homem feminizado contrapõe-se ao imutável modelo do homem masculino ideal – aquele que se isenta de toda a feminilidade, é superior aos outros, independente, só conta consigo mesmo, é mais forte que os outros, audaz e agressivo, está sempre pronto para correr riscos, como pontua Regina Navarro Lins (2014). Diferentemente, portanto, desse modelo ideal, os “*sissies-maid*” nutrem fantasias como, por exemplo, a de se tornar uma empregadinha da Domme, ou “escravo doméstico”. O escravinho{AR}, em um dos *posts* de seu blogue, revela:

Sou um escravo doméstico. Minha principal função é garantir o conforto de minha Dona em Seu lar, todo o resto, como surras e castidade[,] são formas que a Senhora Abelha Rainha usa para otimizar minha servidão à Ela. Exceto em casos excepcionais, como viagens mais longas a trabalho ou doenças que exijam repouso, faço todas as atividades domésticas, exceto aquelas que minha Rainha considera divertidas e não abre mão de fazer, como cozinhar pratos diferentes[,] por exemplo (que Ela faz muito bem, por sinal).¹⁴⁰

A erotização do trabalho doméstico parece ser um contexto comum nas relações Ds que envolvem homens submissos e pode estar relacionado a pelo menos três aspectos do trabalho doméstico: 1) a exclusão do homem do âmbito da casa e a responsabilização exclusiva da mulher pelo trabalho doméstico; 2) o caráter de servitude inerente ao trabalho doméstico, assim como a implícita dependência própria de um trabalho não remunerado; e 3) a invisibilidade do trabalho doméstico,¹⁴¹ tão representativamente revelada pela afirmação de que

¹⁴⁰ Disponível em: <<http://escravoar.blogspot.com.br/2011/07/atividades-domesticas-lavando-os-pratos.html?zx=76992a4dcc3050ad>>.

¹⁴¹ Vale lembrar brevemente, como revela McClintock (2003), acerca desse processo de invisibilização: entre os séculos XVIII e XIX, a mulher vitoriana foi alijada de seu trabalho produtivo (elaboração de velas e de sabão, confecção de roupas e de chapéus, crochê de rendas, entre outras atividades que foram paulatinamente direcionadas para o âmbito das manufaturas) para tornar-se meramente ornamental na então classe média em constituição. Manter esposa e filhas nessa condição sinalizava a importância social que o marido possuía. O trabalho doméstico, portanto, deveria ser executado por pelo menos um empregado doméstico, que deveria aparecer diante dos outros o menos possível no exercício de sua labuta e, quando isso ocorria, deveria estar perfeitamente limpo, de forma a dar a impressão de que a casa estava naturalmente limpa e organizada, a comida naturalmente pronta, as roupas naturalmente lavadas, como se essas

lavar roupa, por exemplo, não dá trabalho, já que hoje em dia é a máquina de lavar que o realiza. Com isso, esquece-se de que separar as roupas e colocá-las na máquina, bem como pendurá-las para secar, retirá-las do secador, dobrá-las e guardá-las é trabalho. Em se tratando de Brasil, certamente, a escravidão deixou suas marcas no trabalho doméstico, que também está associado à cor, além de feminilizado.

Para McClintock, a feminização do “escravo” é um jogo por meio do qual este pode saborear elementos femininos proibidos de sua própria identidade, recordando a imagem infantil do poder feminino e a memória da maternidade, banidas da vida de adulto. Segundo suas próprias palavras:

By cross-dressing as women or as maids, by paying to do “women’s work” or by ritually worshipping dominas as socially powerful, the male “slave” relishes the forbidden feminine aspects of his own identity, furtively recalling the childhood image of female power and the memory of maternity, banished by social shame to the museum of masturbation (MCCLINTOCK, 1993, p. 95).

Ainda segundo a autora, o travestismo do “escravo” questiona a noção de uma identidade de gênero fixa e estável, desafiando o par masculino/feminino. Outro aspecto dessa discussão é o fetiche da sujeira, entendido por McClintock como conectado com a infância do indivíduo, no que diz respeito ao aprendizado do controle das necessidades fisiológicas. Dessa perspectiva, se o “escravo” foi, por exemplo, punido por ter perdido o controle de sua “sujeira”, na cena fetichista ele reencena, ao contrário, o excesso de controle sobre a sujeira.

Além da recorrente fantasia de feminização do submisso, há um conjunto de jogos que visam fomentar a sua castidade. O objetivo principal da castidade forçada é deixar claro quem possui o poder, quem manda.¹⁴² Além disso, é associada à mansidão e à obediência. O treinamento para a castidade, segundo a Rainha Frágil, assemelha-se ao treinamento de cães.

A castidade é premissa para a mansidão e a obediência. [...] A educação do homem passa obrigatoriamente pela castidade. Não é possível ensiná-los a amar, nem mesmo ensiná-los a desejar, sem que antes se tenha o controle sobre o seu sentir. Os homens castos se tornam mais puros, mais obedientes e menos ansiosos. [...] Não é preciso castrar. Acho castrar uma coisa muito forte mesmo

condições não representassem realizações do trabalho desempenhado. Portanto, até mesmo o trabalho doméstico exercido por um empregado precisava ser invisibilizado.

¹⁴² Disponível em: <<http://www.castelodarainhadecopas.blogspot.com.br/search?updated-min=2012-01-01T00:00:00-02:00&updated-max=2013-01-01T00:00:00-02:00&max-results=50>>.

que seja apenas psicologicamente. Não. Sou de opinião que preservem a consci[ê]ncia do pênis com toda aquela simbologia fálica que aprenderam desde meninos. Gosto de usar a ereção como forma de condicionamento. Por exemplo, se você permitir que sempre só gozem depois de serem muito humilhados. Vão acabar associando as humilhações a ereção. E vão sentir prazer. [...] Homens são tão treináveis quanto os cães. Não há muita diferença.¹⁴³

A fantasia da castidade pode incluir o uso ininterrupto ou não, conforme definição da Dominadora, de cinto de castidade. Relatos acerca desse uso chegam a afirmar que submissos, ao longo do tempo, têm sua função erétil alterada. Entretanto, a primeira mudança logo percebida pelo “escravo” é mesmo a obrigatoriedade de sentar para urinar como uma mulher, já que não pode tirar o cinto de castidade nem mesmo para isso. Considerando que o ato de sentar para urinar está associado ao universo feminino por conta da ausência do pênis, o cinto de castidade, com todas as implicações que possui para o corpo e comportamento masculino, parece, de certa forma, impor ao pênis que se alheie. Temporariamente castrado, fragilizado, parece só restar ao homem submeter-se à sua dominadora.

O controle do orgasmo por parte da pessoa dominante é frequente na experiência de submissas e submissos. Entre as submissas, no entanto, não localizei nos blogues pesquisados relatos a respeito do uso de cintos de castidade. O corpo não mais pertence à pessoa que se submete, mas a quem a domina; portanto, o controle do gozo, como expressão desse não mais pertencimento a si, acontece apenas se e quando quem domina desejar. Logo, o autocontrole da pessoa submissa está a serviço do controle do outro, do dominador.

Um dos aspectos mais importantes que a Senhora Abelha Rainha faz questão de controlar rigidamente em mim são meus orgasmos, carinhosamente chamados por Ela de “chegadas”. Vivo trancado 24/7 num cinto de castidade (para os mais puristas, um “dispositivo” de castidade CB-6000S, mas pretendemos comprar em breve um modelo de metal mais adequado à minha anatomia “reduzida”), e apesar de até o momento Ela me liberar com frequência, geralmente pelo menos uma vez por mês, já fui trancado por mais de dois meses e um dos objetivos Dela é conseguir me deixar sem chegar por períodos mais longos.¹⁴⁴

O praticante, cujo apelido é “seu sub”, revela as consequências do uso do cinto de castidade ao longo do tempo:

¹⁴³ Disponível em: <<http://rainhafragil.wordpress.com/2008/07/31/se-casto/>>.

¹⁴⁴ Disponível em: <<http://www.escravoar.blogspot.com.br/p/sobre-nos.html>>.

Em média, a partir de 60 dias de uso do cinto, o homem praticamente não apresenta mais ereções involuntárias. As ereções apenas irão aparecer caso aconteça algum tipo de estímulo sexual, mesmo assim, essas ereções também não serão suficiente[mente] rígidas para ten[s]ionar o cinto, sendo assim, muito menos dolorosas. Mas essa condição não significa perda da libido, e sim que o homem está passando a ser inundado com outro tipo de excitação, que se manifesta psicologicamente e não através do enrijecimento do pênis. Essa situação de incapacidade erétil não é algo permanente, bastando a retirada do cinto para que as funções e estruturas penianas voltem [a] funcionar livremente. [...] No entanto, o uso do cinto de castidade por longos períodos (anos) pode levar o homem a uma redução na capacidade de ereção plena, e também a uma alteração na curvatura do pênis, fazendo com que ele, quando ereto, mantenha a curvatura que é acostuada pelo cinto. O uso prolongado também faz com que o homem gradativamente perca sua ambição sexual, tornando[-]o menos ativo, mais dócil e cada vez mais submisso. Além de[,] em longo prazo[,] gerar uma redução da atividade das glândulas reprodutivas, devido [à] diminuição da frequência dos estímulos ejaculatórios.¹⁴⁵

A regra da castidade marca fortemente esse grupo, sendo percebida como sinal de submissão masculina, o que exige dos homens uma vivência sexual que é também, nesse aspecto, antagônica à experiência “baunilha”. Nesta, a virilidade masculina está relacionada diretamente ao seu desempenho sexual, não só qualitativo, mas também quantitativo. Sabe-se que, mesmo após o casamento, momento no qual, comumente, um pacto de fidelidade é realizado entre os envolvidos, as relações extraconjugais são muito comuns. A separação entre sexo e amor é um argumento comum utilizado por aqueles que têm suas infidelidades descobertas. A castidade é, no universo BDSM, um elemento típico da submissão masculina. O submisso BDSM deve ser casto porque, dessa forma, segundo relatos nativos, se torna mais dócil à sua dominadora. A submissa, ao contrário, deve ser uma “puta”, mas apenas com seu dominador ou com quem ele ordenar. Logo, a submissão possui facetas diferentes no BDSM conforme o gênero dos envolvidos.

Já no mundo “baunilha”, o homem deve ser sempre aquele que domina, “o caçador”; à mulher cabe o papel da presa, daquela que é caçada. Aquelas que ousam protagonizar a caçada são ainda mal vistas socialmente, ao menos por alguns grupos sociais. No âmbito das relações “baunilhas”, como bem sinalizou Roberto DaMatta (1997), o ideal de mulher respeitável ainda é a recatada socialmente, mas que se torna uma verdadeira “puta” na cama com o seu marido

¹⁴⁵ Disponível em: <<http://submissoreal.blogspot.com.br/search?q=castidade>>.

apenas. Em ambos os contextos – BDSM e “baunilha” –, a categoria “puta” é pensada de forma paradoxal, pois “puta” é a mulher pública, o que não corresponde a nenhuma das duas mulheres em questão. Todavia, “puta”, nesses casos, refere-se à mulher que gosta de sexo e o vive intensamente. Parece aproximar-se da expressão popular “puta na cama, dama na sociedade”. “Libertina” é também uma categoria recorrente.

A essa fantasia, pode-se somar a do corneamento, outro grande tabu do universo masculino. Como argumenta Regina Navarro Lins (2014), o estigma do corno denuncia o fracasso masculino em se fazer respeitar e ser suficientemente homem para manter sua mulher, o que o expõe perante todos ao ridículo e ao fracasso. Vale lembrar que o argumento da defesa da honra foi, até recentemente, aceito nas cortes brasileiras para absolver maridos criminosos que assassinaram suas esposas porque foram traídos! No entanto, no contexto transgressor do BDSM, homens se deliciam com essa experiência, que, por vezes, encontra a resistência da própria dominadora, particularmente no âmbito matrimonial, em realizar essa fantasia. Viver uma relação Ds “24/7” no âmbito do casamento representa um significativo desafio aos envolvidos, uma vez que, nesse caso, os universos BDSM e “baunilha”, que o esforço do meio prima por manter bem distantes, se misturam inevitavelmente. Ao relatar a resistência da própria dominadora a certas práticas Ds, percebem-se as tensões impostas por ambos os modelos de vida, ao se tentar mantê-los coexistentes. No casamento, o “corneamento” tem o peso de traição, uma vez que tradicionalmente se espera a fidelidade sexual dos cônjuges. No BDSM, o corneamento tem a marca da submissão, da humilhação erótica, a partir da qual o próprio “corno” retira prazer sexual. Veja o questionamento do adepto Francisco no blogue do submisso subvron:

[...] gostaria de dizer que quero muito ser corneado, mas minha esposa n[ã]o topa. Ela até se excita, me chama de corquinho, mas diz que n[ã]o é puta, que n[ã]o quer ser chamada de sem[-]vergonha. [O] que devo fazer para levar chifres[?] ¹⁴⁶
Em resposta a essa pergunta, subvron, que é também casado, ensina:

¹⁴⁶ Disponível em: <<http://subvron.wordpress.com/about/>>.

Francisco, só uma única palavra: paciência. Esse é um caminho longo, a primeira coisa que você tem [que ter] em mente é ajudar ela a separar o casamento (amor) das relações sexuais. Isso é um trabalho do dia a dia, enquanto ela vincular o sexo ao casamento/amor[,] isso nunca vai funcionar.¹⁴⁷

Essa orientação é muito interessante e reveladora, uma vez que aponta para uma vivência do mundo ancorada no dispositivo da sensibilidade, delineado por Duarte (1999) e já explorado no capítulo 1. Ao afirmar a separação entre casamento/amor e sexo, subvron parece propor a separação entre razão e espírito para que a mulher seja capaz de perceber e experimentar sensorialmente a sua corporalidade, com sua racionalidade própria, o que permitirá o seu aperfeiçoamento contínuo, valor tão manifesto pelo grupo.

Outro adepto, chamado cheirape, revela:

Após algum tempo[,] minha esposa cons[eguiu] isso. Ela me corneou duas vezes e est[á] pronta para me cornear novamente. Essas coisas acontecem aos poucos. Pelo menos pra mim[,] demorou e te digo, ainda não é o ideal, acho que ela est[á] um pouquinho devagar, devia me cornear mais.¹⁴⁸

subvron salienta, então:

Engraçado, [à]s vezes eu vejo alguns maridos achando que é fácil para a mulher, mas não é. Envolve criação, amor e toda a carga que a sociedade coloca sobre o[s] ombros delas. Claro que para algumas mulheres que t[ê]m bem separado amor de sexo fica facilitado, mas normalmente não é assim.¹⁴⁹

E cheirape complementa:

É verdade, na nossa sociedade[,] o homem que tem alguma aventura fora do casamento, se tem uma amante ou várias, é um tremendo “pegador”, mas se acontece o contrário, a mulher é uma “vagabunda” ou “puta”, seja lá o que for. Isso também torna a coisa um pouco mais difícil.¹⁵⁰

No blogue do nativo subvron, percebe-se a delicadeza dessa fantasia quando a relação Ds é também uma relação matrimonial. Isso pode ser percebido na necessidade, por exemplo, de distinguir o corneamento para fins de submissão

¹⁴⁷ Idem.

¹⁴⁸ Idem.

¹⁴⁹ Idem.

¹⁵⁰ Idem.

e o adultério. Veja as cuidadosas diretrizes que a Senhora Sutton propõe para a realização do corneamento – a honestidade entre os envolvidos, os motivos corretos para a prática dessa fantasia, a superioridade do matrimônio sobre a fantasia e o respeito aos elementos próprios da essência da superioridade feminina:

O marido deve estar presente e, se o outro homem também for casado, a esposa dele tem que dar a permissão dela. Não pode haver nenhum tipo de trapaça ou fraude. Também tenha certeza [de] que o outro homem seja saudável e pratique sexo seguro. Por favor, preste atenção no que eu estou tentando dizer aqui. Eu não estou encorajando ou desencorajando o corneamento. Porém se os motivos da esposa são corretos, o corneamento pode ser uma arma poderosa no treinamento de seu marido. Mesmo que ela nunca chegue às vias de fato com o corneamento, o marido deveria se submeter ao fato [de] que a esposa tem o “direito” de ter outros amantes considerando que ele existe para o propósito exclusivo de agradar a sua esposa. No final de contas a Dominação Feminina deveria aprimorar o casamento. Se qualquer um dos companheiros tiver algum problema realmente verdadeiro com corneamento, então não perca seu tempo com isto. Se uma atividade não fortalecerá o laço do matrimônio e o nível de intimidade e de confiança entre o marido e a esposa, então a atividade não vale a pena. Como todas as outras coisas, o corneamento precisa ser discutido abert[a] e honestamente entre o marido e a esposa para ver como eles se sentem sobre este assunto. No final das contas, a esposa tomará a decisão final baseada no que ela sente que é melhor para o casamento dela e a relação FemDom. [...] Um homem que fica excitado com o pensamento de ser corneado é normalmente menos controlador e menos provável de ficar ciumento. [...] Submissão é uma expressão de amor [...]. Adultério é o rompimento da convenção do matrimônio e nenhum marido tem que aceitar isso em nome da submissão. [...] Mulheres caracterizam-se da mais alta moral e as mulheres precisam combinar a natureza materna e o amor com a sua autoridade. Se as mulheres desconsiderassem as necessidades de seus maridos e se as mulheres abusarem de sua autoridade, o casamento não ficaria melhor do que quando os maridos estavam no comando.¹⁵¹ [grifo meu]

O “corneamento baunilha” é, portanto, reescrito pelo BDSM. No primeiro caso, é ofensivo, porque desonesto, representa uma traição. No BDSM, ao contrário, é prerrogativa contratual da pessoa dominadora possuir outros parceiros e, por vezes, fantasia daquele que será “corno”. Assim, “cornear” o submisso não possui a conotação de traição, mas de exercício para o desenvolvimento do submisso como tal. É o cadinho que o aprimora. Isso pode ser percebido no relato de escravinho{AR}.¹⁵² A fantasia de ser corneado encontra seu respeito na medida

¹⁵¹ Idem.

¹⁵² Escravinho{AR} apresenta-se da seguinte forma: “marido e escravo da Senhora Abelha Rainha. Estamos juntos desde 2006, e a dinâmica BDSM sempre fez parte de nosso relacionamento. Desde 2008 sou escravo encoleirado e propriedade única da Senhora Abelha Rainha. Em 2011 assinei um

em que à dominadora se reconhece o direito de ter outras relações. A experiência de ter irmãos de coleira, ou seja, a Rainha de um escravo possuir outros “escravos”, que serão, portanto, os irmãos de coleira do primeiro servo, é vista por esse adepto com bastante tranquilidade, diferentemente dos relatos de dominadores e submissas, que apontam para o surgimento, nessas situações, de sentimentos “baunilhas”, como o ciúme.

Minha Rainha pode ter relacionamentos fora de nosso casamento, e já fez isso algumas vezes. Ao iniciar um relacionamento extra, todas as partes envolvidas são informadas da existência das outras, apesar d’Ela não falar com mais detalhes sobre nossa vida BDSM. Ela nunca está interessada apenas em sexo, e sim em pessoas agradáveis para compartilhar bons momentos com Ela... o sexo vira consequência desta boa convivência. Recentemente, minha Rainha decidiu também possuir mais um servo, e a seleção para esta posição está aberta.¹⁵³ [grifo meu]

A explicação de escravinho{AR} evidencia a importância de informar, a todos os envolvidos, a existência uns dos outros. Essa é, portanto, uma das regras desse tipo de relacionamento, que faz eco a valores como honestidade. Tempos depois, é o próprio escravinho{AR} quem novamente anuncia a abertura de processo seletivo para a vaga de “escravo” de sua Rainha, informando características requeridas, forma de contato, exigências, condições, entre outras informações.¹⁵⁴

Em diálogo com a Senhora Castelo, outro submisso esclarece o que cabe a um “sub”, evidenciando, em sua última frase, o quanto o mundo “baunilha” e o universo BDSM são, de fato, compreendidos por meio de regras distintas:

[...] um sub não pode ser dono de nada e não pode querer ser dono de sua dona[; é] inaceitável[. Já] pensou se vc tivesse um cachorro e ele não aceitasse [que] vc [tivesse] outro cachorro e vc aceitasse isso[? Q]uem seria dono de quem[? C]om

contrato de escravidão que concede à minha Rainha posse sobre mim e toda a minha vida, cedendo completamente a liberdade para que Ela possa fazer o que bem entender comigo. [...] Somos jovens, ambos com 25 anos, e começamos cedo numa relação de D/s, mas isso não é tudo sobre nós. Apesar do relacionamento ser BDSM 24/7, nós saímos de casa e temos uma vida relativamente normal. Gostamos de ver filmes, seriados, sair para bons restaurantes e passear em shoppings centers ou mesmo nos calçadões de comércio tanto de Recife, onde moramos, como das cidades que eventualmente visitamos.” Disponível em: <<http://www.escravar.blogspot.com.br/p/sobre-nos.html>>. Acesso em: 28 out. 2014. O uso de colchetes junto ao nome desse praticante significa que ele pertence à Dominadora AR: Abelha Rainha.

¹⁵³ Disponível em: <<http://escravar.blogspot.com.br/p/sobre-nos.html>>.

¹⁵⁴ Para conhecer o “edital” de seleção, ver: <<http://escravar.blogspot.com.br/2012/08/senhora-abelha-rainha-abre-selecao-para.html>>.

o tempo ele [é] quem estaria levando vc para passear na coleira [...] não vou falar que nunca iria ter ci[ú]mes da senhora pois com o tempo vai na[s]cer um sentimento pela senhora mas nunca poderei impor nada e proibi-la de ter outros ou fazer o que bem quiser [...] a menos que por determinação sua nossa relação mude para uma baunilha[.] A[í] a hist.[ó]ria muda [...] marido é marido[.] sub é sub.¹⁵⁵ [grifo meu]

A presença de irmãs de coleira é bastante polêmica entre as submissas: é algo que precisam aceitar, pois faz parte das regras¹⁵⁶ do jogo, mas é difícil de lidar, normalmente envolvendo muitos ciúmes. Quando os Dominadores ajudam as submissas a lidar com essa situação, definindo o lugar de cada uma e compreendendo seus sentimentos, a experiência se torna mais amistosa. A submissa {Λitã} _\$T desabafa:

[...] o terror que toda submissa tem a respeito de ter irmã vem dessa ideia de que o Dono já perdeu o interesse por ela... esquecemo-nos que essa ideia de ter duas (ou mais) mulheres é, segundo pesquisas e estudos, a maior fantasia dos homens... e que eles [estão] em um meio onde as relações raramente são monogâmicas e onde detém o poder, dado pelas próprias submissas, a possibilidade de realizar tal fantasia é grande.¹⁵⁷

No blogue *Escravas e submissas*, Dom JH revela sua fantasia e como lida com ela de forma a ser justo com todas as envolvidas:

É sonho de todo DOMINADOR ter mais que uma escrava, pois, além de alimentar o ego, as suas variações são intermináveis. Mas todo bônus tem seu ônus. Como determinar de quem é a vez, o tempo para cada uma? Planejar sessões, castigos e, principalmente, direitos e deveres de cada escrava? Tenho a opinião firme de que é cada DOM que determina os deveres e os possíveis bônus às suas escravas. Tenho no momento três escravas e criei uma hierarquia entre elas como um quartel, ou seja, antiguidade é posto. Não que a mais antiga mande nas outras, isso jamais pode ocorrer ou o caos estaria criado com o ciúme e a falta de comando imperando. Mas assim como foi a primeira a ser testada, ensinada e adestrada, ela tem o privilégio de ter o bônus dos passeios com seu DONO e uma certa preferência nas escolhas nas datas das sessões. Numa sessão que envolva duas escravas, deixo claro que a antiga terá preferência e que a outra deve observar e aprender para que um dia seja ela a preferida. Apesar de parecer contraditório, isso evita a guerra entre elas, pois quando todas sabem suas tarefas e seus benefícios, fica mais fácil a convivência. Também acho que o desejo do

¹⁵⁵ Disponível em: <<http://srcastelo.blogspot.com.br/>>.

¹⁵⁶ Vale ressaltar, no entanto, que a possibilidade de relações múltiplas por parte dos dominadores não é uma novidade: além do fato de homens e mulheres casadas possuírem amantes, 84% das sociedades permitem a poligamia, segundo Lins (2014). Além disso, tal possibilidade parece remeter ao modelo histórico de escravidão, em que o rei ou o líder possui muitos escravos para servi-lo. O número de escravos está diretamente relacionado ao seu poder e riqueza.

¹⁵⁷ Disponível em: <<http://escravasesubmissas.blogspot.com.br/2014/04/irmas-de-coleira-arte-da-convivencia.html>>.

DOM ter mais de uma escrava deve ser estabelecido desde a primeira escrava, assim evita crises, pois como sabemos há sempre algumas que “querem” ser a única. Administrar o tempo para cada escrava é o principal problema[,] já que envolve vários fatores como trabalho, vida pessoal, horários e, [às] vezes, o intervalo entre a sessão de uma privilegia ter mais com a outra. Criar um calendário entre elas é mais saudável. Quanto às punições, gosto de contar para todas que uma foi punida e de que forma, assim deixo como aviso o que posso e o que a escrava pode perder. O que quero passar aqui é que o prazer e a DOMINAÇÃO de mais de uma escrava é belo, porém, as obrigações para com todas é trabalhosa.¹⁵⁸ [grifo meu]

Ter mais de um “escravo” é, portanto, um dos atributos do ideal do dominador. Outro elemento importante no universo da submissão masculina é o pagamento do tributo. Referências à Dominatrix são comuns entre “escravos” (entre as submissas, não foram localizados relatos acerca de dominadores pagos), particularmente no que diz respeito ao pagamento que os submissos devem efetuar à Dominatrix. Segundo Gregori (2014b), há aqui uma inversão na equação que separa a esfera masculina do mercado e a esfera feminina do lar. Assim, em jogos com Dominatrixes, tem-se o cliente – homem – que paga para executar as atividades “sujas” do lar, trabalho geralmente não pago ou mal pago desenvolvido pelas mulheres, seja a esposa ou a empregada.

O pagamento de tributo é um ponto conflituoso no universo BDSM porque se defende que a Dominatrix não é uma prostituta (figura típica do universo “baunilha” que presta serviços sexuais em troca de pagamento). Como persona própria do universo BDSM, as Dominatrixes cobram tributos que não necessariamente envolvem dinheiro. Presentes os mais diversos, porém ao gosto de cada Dominatrix e conforme acordo prévio, também são bem-vindos. O blogue *Pergunte a uma mulher*, em entrevista já mencionada, questiona o adepto Max se a Dominatrix é uma garota de programa ou apenas uma fetichista. Segundo Max:

São mulheres que curtem o BDSM tanto quanto os homens. É preciso entender que é necessário ter um perfil psicológico muito especial para ser uma dominadora, a mulher tem que ter vocação e prazer em fazer isso, além de conhecimento e experiência. Uma garota de programa não apresentaria essas qualidades, não por ser garota de programa, mas sim por não ser do meio BDSM. A GP pode atender aqueles homens que estão somente a fim de fazer inversão de papéis, aí sim a GP está acostumada e tem experiência.¹⁵⁹

¹⁵⁸ Disponível em: <<http://escravasesubmissas.blogspot.com.br/2014/09/um-dominador-pondera.html>>.

¹⁵⁹ Disponível em: <<http://www.pergunteaumamulher.com/2014/06/entrevista-com-um-praticante-de-bdsm-bondage-disciplina-dominacao-submissao-sadismo-e-masoquismo.html>>.

Em defesa das Dominatrixes e do pagamento do tributo, um submisso aponta algumas razões pelas quais o tributo é legítimo e defende que *money slave* é uma fantasia, na qual o tributo participa como fetiche. Assim, seus argumentos são:

*O sub quer que a Domme tenha acessórios diversos, que ela se apresente impecavelmente vestida a caráter e ele acha que isso não tem custo para ela? O mínimo que ele deve fazer é pagar o tributo, assim ele vai estar colaborando para ela ter o que é necessário para usar nele ou com ele.

*Um sub quando procura uma Domme Profissional, ele sabe que vai pagar tributo. E no fundo ele quer pagar tributo. Esse tipo de sub gosta de ser “explorado” ou pelo menos de gastar. Se a Domme aliviar no tributo[,] ela vai estar deixando de ser o tipo de Dominadora que o sub procurou. [...]

*O tributo não precisa ser sempre em dinheiro, mas deveria. Se não for em dinheiro[,] que ele pague o tributo em serviços ou em presentes. Ou todos eles.

*O dono da grana é o dono do jogo? Não sei dizer nem que sim nem que não. Mas acho que a Dona do jogo só não vai ser a Domme se ela não quiser. A maioria das Dominadoras tem sua lista de pr[á]ticas e o tributo só vai cobrir as pr[á]ticas que ela curte. Mesmo que o sub pague e deseje X ou Y, no final das contas quem vai fazer ou não algo sempre será ela que decide e com certeza não será o tributo que vai convencê-la de algo que não faz ou não quer.

*Tributo não é algo apenas para Dommes profissionais. Tributo é dar dinheiro para a Domme.

*Ser Money slave é ser explorado financeiramente e/ou sustentar uma Domme, e com certeza, não é dar trocadinho achando que t[á] fazendo algo importante.¹⁶⁰

Diante do exposto, percebe-se que a Dominatrix precisa cobrar seu tributo para que a fantasia se realize, caso contrário, não será a dominadora adequada ao submisso que a procura. O pagamento do tributo, que poderá ocorrer em dinheiro, presentes e/ou serviços, não só ajuda a Dominadora a cobrir os gastos envolvidos na sessão – vestimentas e acessórios, entre outros –, como é um dos instrumentos por meio do qual a fantasia se concretiza. Assim, com esses argumentos, esse submisso, de fato, distancia as Dominatrixes das prostitutas.

Uma leitura interessante acerca dos jogos de submissão masculina, a partir da crença na superioridade feminina, é a proposta por McClintock (1993). Para a autora, esses jogos podem ser entendidos como rituais de expiação, por meio dos quais os homens pagam não somente pela rendição à responsabilidade de gênero, ou para ganhar controle sobre suas memórias perigosas, como também para serem simbolicamente absolvidos da culpa cotidiana por abusar das mulheres, somente

¹⁶⁰ Disponível em: <http://submissoreal.blogspot.com.br/2014_06_01_archive.html>.

para impor sua autoridade uma vez mais, quando eles retornam restaurados do paraíso infantil (*babyland*). Nos meandros desse paraíso, os homens podem se perdoar secretamente pelo conhecimento do poder das mulheres, enquanto limitam seu poder à ilha da fantasia, situada bem distante das cidades e de uma verdadeira mudança feminista. Vale ressaltar que a dominação feminina é comumente denominada pelos homens, segundo McClintock, como a utopia “feminista”, na qual as mulheres podem ser o sexo superior.

3.4

Diferenças de gênero

As comparações entre homens e mulheres também estão presentes no universo BDSM. No blogue da Domme Kore, tem-se uma respeitosa comparação entre a dominação masculina e a feminina, além da qualificação da mulher dominadora. Conforme o argumento exposto, a associação do sexo à personalidade caracteriza a mulher dominadora.

Sem querer diminuir a dominação exercida por homens, arrisco-me a dizer que a Dominação Feminina, como em todas as atividades diárias que envolve as nossas vidas, carrega um algo a mais, uma paixão, a qual somente as mulheres são capazes de possibilitar, devido [às suas características e personalidade, incluindo a doçura e a face amorosa, quando não, maternais, nas relações entre dominadoras e submissos ou submissas.¹⁶¹ [grifo meu]

No entanto, Domme Amanda revela preconceito dentro do grupo por ser uma mulher dominante: **“Eu pessoalmente, sendo uma mulher dominante, fui vítima de muito preconceito e desconfianças até me firmar e mostrar realmente a que vinha dentro do contexto SM.”**¹⁶²

Já o Sr. Coltrane, que se diz machista convicto, diferencia o papel sexual do papel social de homens e mulheres para pensar a dominação feminina. Com isso, sua crítica não está na possibilidade de existirem dominadoras, mas na associação entre FemDom e feminismo. Conforme suas palavras:

¹⁶¹ Disponível em: <http://bdsmsadomaso.com/index.php?pagina=1068306629_01>.

¹⁶² Disponível em: <<http://www.pensamentoindecete.com/2012/02/bdsm-dominacao-submissao-e-o-switcher.html?zx=7b8b16ef8de82ab6>>.

Primeiramente, o papel sexual existe independente do papel social. Não é raro termos submissas que profissionalmente ocupam cargos de comando, e chegam a ser extremamente autoritárias em suas funções enquanto profissionais. Também existem Domes que nem sequer trabalham fora, sejamos honestos. Igualmente, submissos com carreiras proeminentes, que optaram pela submissão em sua sexualidade. O besteirol acontece quando se mescla FemDom com feminismo. E adquire proporções geométricas, quando decide procurar seus bodes expiatórios no sistema patriarcal da sociedade.¹⁶³ [grifos meus]

Sr. Coltrane deixa claro, conseqüentemente, que dominação e submissão são papéis sexuais, que independem do papel social e mesmo do gênero. Critica, no entanto, uma suposta relação entre FemDom e feminismo. De fato, a Supremacia Feminina é uma filosofia que postula a superioridade da mulher sobre o homem. Por conta disso, parece se aproximar do feminismo, que, no entanto, defende a igualdade de oportunidades entre homens e mulheres. O feminismo, nesse caso, é uma categoria acusatória, que deprecia certo imaginário envolvido em alguns jogos de dominação feminina.

Para Werther von AY erschaffen, a dominação exercida por mulheres é complexa, delicada e, de fato, transgressora por reverter o *status quo* masculino. Ele explica:

[...] o grande diferencial entre a Dominação Feminina e a Dominação Masculina é que a primeira contraria a influência do Machismo, tão arraigado na nossa cultura Patriarcal; enquanto a segunda apenas ratifica este padrão. [...] A Dominação Feminina ao masculino traz em si a questão da Superioridade Feminina, o que numa sociedade Patriarcal é entendido quase sempre em forma de Humilhação. [...] Há quem considere a Dominação Feminina como um advento do Feminismo no BDSM, mas não consideramos a Dominação Masculina, de forma análoga, como algo pertinente ao Machismo, afinal este não contraria padrão algum.¹⁶⁴ [grifo meu]

Interessante a ênfase que o nativo dá à “humilhação”, por denunciar que os jogos de submissão masculina às mulheres são, *a priori*, percebidos como jogos de humilhação, uma vez que se opõem a crenças machistas da sociedade. O machismo, como crença do mundo “baunilha”, parece se revelar, no entanto, no próprio universo BDSM, quando esse associa a experiência FemDom como decorrente da influência feminista, o que, em certa medida, retira dessa

¹⁶³ Disponível em: <<http://casacoltrane.blogspot.com/2006/08/dominiao-feminina-e-feminismo.html>>.

¹⁶⁴ Disponível em: <<https://pt.scrib.com/doc/10214857/BDSN-Dominacao-Feminina-Dominacao-Masculina-e-Humilhacao>>.

experiência sua legitimidade como jogo erótico e obscurece o machismo presente no meio, o qual já mencionei anteriormente.

Não à toa, Domme Morgana afirma que é **“preciso ser um homem muito forte pra abrir mão do que preconiza uma sociedade inteira e se entregar, de livre e espontânea vontade, nas mãos de uma mulher que vai subjugar-lo”**.¹⁶⁵

Por outro lado, a submissão feminina também demanda o rompimento com certos paradigmas, conforme bem pontua a BDSMista, ou seja, a praticante luanh negra:

Quando escolhemos a submissão buscamos o prazer da entrega, e para isso acontecer precisamos nos libertar das amarras da vida baunilha, de antigos conceitos, preconceitos, de vícios que não cabem nesse novo estilo de vida. Quando aprendemos a conter ou suavizar sentimentos negativos, encontramos o equilíbrio na nossa vida submissa e também fora dela. E assim nos moldamos, não apenas para estar mais próximas do que o DONO deseja e merece de nós, como também para evoluirmos como pessoas. Há uma troca entre mulher e escrava, que permite [a] uma fazer uso do que houver de melhor na outra e vice-versa, de forma que ambas cresçam.¹⁶⁶

A quebra de paradigmas culturais tão arraigados acaba por incitar entre as submissas o que elas denominam de surtos. Ao postar sobre esse assunto, luanh negra recebeu diversos comentários de outras submissas relatando experiências semelhantes. Para a autora, esses surtos se explicam pela “luta interna entre o que se pode e o que se deve, mas que nos torna melhores e mais fortes”.¹⁶⁷

Do que foi exposto neste capítulo, é possível construir um breve quadro dos tipos ideais de dominação e submissão – consideradas pelo meio como próprias da natureza de cada adepto –, seus direitos e deveres, além das fantasias envolvidas. Assim, tem-se a dominação e a submissão como características inatas do praticante, articuladas por alguns adeptos como uma orientação sexual. Apesar disso, exigem um aprendizado específico. A dominação é vista como um talento a ser lapidado, enquanto a pessoa submissa terá que ser adestrada pelo seu dono. A

¹⁶⁵ Disponível em: <<http://perfumedemorgana.blogspot.com.br/2014/10/femdom-dominacao-feminina.html?zx=8edfb11c1035061c>>.

¹⁶⁶ Disponível em: <<http://escravasesubmissas.blogspot.com.br/2014/05/submissao-e-carencia-caminham-de-maos.html>>.

¹⁶⁷ Disponível em: <<http://escravasesubmissas.blogspot.com.br/2014/09/surtos-submissos.html>>.

submissão é percebida como um “tesouro”, algo valioso, por isso exige do dominador responsabilidade, cuidado. Em troca, o dominador receberá obediência, respeito, lealdade. No grupo de dominadores e submissos, há os supremacistas, que parecem pautar sua relação na crença de que, de fato, a mulher é superior aos homens. Essa crença, segundo relatos nativos, transcende a relação para ganhar contornos políticos, no sentido da defesa de um mundo melhor regido pelas mulheres.

É na experimentação das fantasias que se pode perceber as marcas de gênero presentes, a partir da reelaboração de tabus próprios de cada gênero. Assim, nas relações em que as mulheres são submissas, uma fantasia bastante comum é a da “puta”, no sentido da mulher que adora sexo. Nas relações em que os homens ocupam a posição de submissão, predominam fantasias relacionadas à castidade, à inversão de papéis e ao corneamento.

O próximo capítulo é dedicado ao debate sobre o amor no universo BDSM, precedido de algumas referências sobre o amor como crença social, que, atrelado a certas ideologias, se transforma ao longo da história. A intenção é conhecer os argumentos que envolvem o debate BDSMista e compará-los com algumas mudanças que estão ocorrendo na visão de amor na contemporaneidade.

4

O amor sob o chicote

Este capítulo pretende trazer alguns aspectos da constituição histórica do amor como ideologia e situar algumas mudanças contemporâneas que indicam a existência de outras formas de relacionamento “amoroso”. Com esse objetivo, elege-se o trabalho de Jurandir Freire Costa (1998) e o de Anthony Giddens (1993) como marcos teóricos para a análise, que contou ainda com a colaboração de outros autores como Eva Illouz e Miriam Adelman. Em seguida, são delineados alguns elementos constitutivos da polêmica existente no meio BDSM acerca do “amor”.

4.1

Amor: do que se trata?

Para responder a essa pergunta, apresenta-se a instigante reflexão proposta por Jurandir Freire Costa (1998), que se debruça analiticamente sobre uma forma de amor, o amor romântico. Como bem pontua Costa (1998), o credo amoroso hegemônico se pauta em três afirmações principais que pregam a universalidade e naturalidade do amor, a força irracional e indomável do amor, e esse como condição *sine qua non* para a felicidade. A pressuposição da universalidade cai por terra ao se ter conhecimento de culturas que não reconhecem a experiência do amor. Para o autor, além disso, ao se identificar no amor de épocas diferentes os mesmos elementos do amor moderno, está se produzindo uma leitura do passado a partir do aprendizado atual, o que não significa que realmente aquelas experiências, de fato, aconteceram tal qual se imagina. Outro ponto importante, sinalizado por Costa, é que o paradigma da universalidade está associado à potencialidade de todos os povos sentirem amor. Ora, como argumenta Costa, se é potencialidade não pode ser imposta, assim como a crença na vida após a morte, por exemplo. Todos podem acreditar no pós-morte ou no amor, mas, na prática,

alguns poderão acreditar e outros não. Semelhantemente, pode-se argumentar acerca de uma possível naturalidade dos sentimentos: ainda que o amor romântico possa ser considerado algo que faz parte da natureza da experiência humana, ele poderá ou não ser vivenciado, haja vista o que ocorre com outros sentimentos “naturais”, que não são sancionados pela sociedade como sentimento aceitável. Exemplo disso, entre outros, é o assassinato por vingança.¹⁶⁸ O desejo de vingança é um sentimento considerado “natural”, porém não é aceitável. Da mesma forma, se é algo cultural, pode ser questionado, como o casamento vem sendo recentemente, e até mesmo refutado. Assim, como salientou Costa (1998), universalidade e naturalidade trabalham juntas maximizando a idealização do amor, reforçando a ideia de que amar é algo da própria natureza humana. De fato, o discurso da espontaneidade do amor encobre o forte vínculo do amor com a organização social. Apesar de se dizer transgressor, livre de amarras, não são poucos os estudos que demonstram como o amor acontece frequentemente entre pessoas que comungam de um mesmo lugar na sociedade, seja considerando-se a classe social, a religião ou a cor/etnia, entre outros marcadores sociais. Pode-se afirmar, portanto, que o amor é seletivo. Por fim, é preciso falar do amor como chave de acesso à felicidade. Muito apropriadamente, Costa (1998) denuncia:

Até segunda ordem, seria insensato excluir o amor de nossas vidas, pois isso representaria, para muitos, trocar o sonho provável pelo desencanto certo. Ideais culturais não são trapos de papel. O romantismo amoroso foi e continua sendo uma das marcas registradas da cultura ocidental. Mas existem ideais e “ideais”. Alguns ideais são formados de modo a estarem ao alcance da maioria e a reverem suas injunções no sentido do aperfeiçoamento; outros, além de germinar na escassez, resistem à mudança reivindicando o direito de eternidade, não obstante a contingência do mundo (COSTA, 1998, p. 18).

4.2

O amor romântico na história

Conforme a psicanalista e escritora Regina Navarro Lins (2014), em trabalho de divulgação, o amor cortês, precursor do amor romântico atual, surgiu no século

¹⁶⁸ Nancy Chodorow (2001) afirma que existe uma esfera não redutível de vida psíquica, na qual são construídos significados pessoais, não conscientes acerca do amor e do desejo, por exemplo.

XII com os trovadores da nobreza de Provença, estendendo sua influência, mais tarde, a outras cortes feudais de toda a Europa medieval. O amor por eles cantado era arrebatador ao encontro de olhares. A virtude isentava esse amor de sua carnalidade. Assim, era um amor que não se consumava. Dado certo grau de aventura e liberdade, não se coadunava com o casamento, uma vez que esse era apenas um contrato comercial. Diferentemente da ideia hegemônica da mulher dominada e desprezada e do homem dominador e brutal, o amor cortês é respeitoso: vê tanto a mulher quanto o homem como honrados, e esse deve ser também gentil. Frente, portanto, a um cenário em que a norma era a selvageria e a devassidão masculinas, os valores cortesês foram revolucionários. Por outro lado, a autora ressalta que tais valores também foram úteis aos senhores vassallos. Ao apregoar a submissão, a fidelidade, o esquecimento de si e o desejo do bem do outro acima do seu próprio, o amor cortês promoveu as regras da moral vassálica. O amadurecimento dessa revolução, que transformou o comportamento de homens e mulheres em relação ao amor, aos sentimentos elevados, à experiência espiritual e à ânsia de beleza, deu origem ao romantismo. O romantismo também provocou mudanças na medida em que as mulheres passaram a ser vistas pelos homens como a encarnação do puro, do sagrado. Entretanto, concomitantemente a esse novo imaginário, persistiu o da moral patriarcal, em que a mulher é um ser inferior. Lins esclarece que o amor romântico já era conhecido na era pré-medieval, no entanto, foi somente na Idade Média que se tornou uma forma reconhecida de paixão, cuja essência está em considerar o ser amado imensamente precioso e muito difícil de ser possuído. Quanto mais um homem ame e respeite sua mulher, mais difícil será relacioná-la à ideia de relação sexual, o que permitiu que esse amor assumisse formas poéticas e imaginativas, repletas de simbolismos, em sua narrativa.

O amor romântico, por não se relacionar com a pessoa real, e sim com projeções de si, do amante sobre o amado, não resiste à intimidade. Após a Revolução Francesa e a industrialização, surgiu a ideia de que o casamento deve resultar do amor romântico. O ideal do amor romântico surgiu na literatura, pela primeira vez, a partir da trágica história de Tristão e Isolda. Costa (2000) afirma que a gênese do amor romântico está relacionada ao acentuado enriquecimento da

vida íntima, da repressão da sexualidade e da valorização da família nuclear e conjugal.

Analisando como o amor foi sendo percebido ao longo do tempo, da Grécia Antiga, quando o amor ganha no Ocidente o sentido de algo Bom, Belo e Verdadeiro, passando pelo amor místico cristão, pelo amor cortês até o amor romântico, Costa cita um manuscrito datado do século XII em que um código do amor tinha suas regras bem definidas. Entre as regras apresentadas, estão, por exemplo:

2. Quem não é ciumento não sabe amar.
3. Ninguém pode dar-se a dois amores.
16. Diante da visão imprevista de quem amamos, trememos.
22. Da suspeita e do ciúme que deriva dela, o amor sempre cresce.
25. O amor verdadeiro só encontra o bem naquilo que pode agradar o amado.
26. O amor nada pode recusar ao amor.
27. O amante só pode saciar-se com o gozo do amado.
29. O hábito excessivo dos prazeres impede o nascimento do amor. (COSTA, 1998, p. 47-48).

Essas regras permanecem ecoando em pleno século XXI, ainda reforçando crenças de que o amor é exclusivo, o ciúme é sinal de amor, amar é viver em prol do outro sem limites e reafirmando a moderação sexual, em uma lógica, portanto, bastante de acordo com o gosto e os objetivos burgueses, como será visto mais à frente, particularmente a partir da associação rousseauiana do casamento e da família como o *locus* do apogeu do amor. Vale esclarecer que, para Rousseau, a domesticação da força do sexo em prol do amor e da família conjugal é que irá cimentar o contrato social (COSTA, 1998, p. 91).

O surgimento do romance, contemporâneo ao sentimentalismo amoroso, é considerado por Duarte (1999) como uma das estratégias de divulgação e promoção da sensibilidade moderna. Assim, a articulação desses três fenômenos e a forte influência romântica podem ser percebidas no surgimento de novos comportamentos sexuais (oriundos da incitação à sensibilidade em um sentido amplo), um estilo de vida que privilegia o novo frente ao “tradicional”, o acelerado desenvolvimento de tecnologias voltadas para o corpo, o que inclui a otimização do uso do corpo, e o consumo generalizado de “drogas” lícitas e ilícitas. Esses elementos são evidentes no universo BDSM como estilo de vida, seja por constituírem-se como práticas desviantes do padrão normativo da

sexualidade, pelo uso de brinquedos sexuais ou pela associação das práticas de Ds com o desenvolvimento pessoal dos envolvidos, o que requer superação contínua de limites físicos e psíquicos.

4.3

O amor desvencilhando-se das amarras?

Também como forte referência sobre o tema do amor na discussão aqui proposta, apresenta-se outro autor, Giddens, que, em *A transformação da intimidade*, aponta para o surgimento de uma nova forma contemporânea de relacionamento amoroso, o relacionamento puro, ou seja, relacionamento de igualdade sexual e emocional. Antes, porém, de abordar o relacionamento puro, é necessário acompanhar o pensamento do autor em uma volta a alguns elementos do passado.

Segundo Giddens, as mulheres, feministas ou não, foram pioneiras em mudanças de grande importância na esfera das relações, uma vez que “receberam” a incumbência de promoção do amor, do afeto, cujo *locus* situa-se no lar. O *ethos* do amor romântico impactou duplamente a vida das mulheres, ao ajudar a colocá-las em seu “devido lugar”, ou seja, o lar, e ao representar, nas palavras do próprio Giddens, um “compromisso ativo e radical com o ‘machismo’ da sociedade moderna” (GIDDENS, 1993, p. 10). O amor romântico pressupõe a possibilidade de se estabelecer um vínculo emocional com o outro de forma duradoura, baseando-se em qualidades intrínsecas a esse vínculo. O amor romântico distingue-se do amor *passion* ou amor apaixonado, que é um fenômeno em certa medida universal, conforme o autor, e marcado pela conexão entre amor e desejo sexual, ainda que tenha utilizado elementos desse. O amor *passion* possui uma urgência e um encantamento que o coloca à parte das obrigações da vida cotidiana e o torna propenso aos sacrifícios. Não à toa, nunca foi um sentimento reconhecido socialmente como base necessária ou suficiente para o casamento. No ideário do amor romântico, encontra-se a valorização da liberdade, associada à autorrealização: amor e liberdade são “estados normativamente desejáveis” (GIDDENS, 1993, p. 50). No entanto, essa liberdade se distingue completamente

da liberdade do amor apaixonado, uma vez que essa última implica apenas em uma quebra da rotina e do dever.

Outro ponto de distinção se relaciona ao desejo sexual. No contexto do amor romântico, o amor sublime deve predominar sobre o ardor sexual. Isso implica que a atração imediata, que faz parte do imaginário romântico – o “amor à primeira vista” –, seja completamente separada das compulsões sexuais/eróticas. Assim, o primeiro olhar ganha a conotação de uma atitude comunicativa capaz de permitir a apreensão intuitiva das qualidades de um outro que pode completar a vida de alguém.

Durante o século XIX, o casamento pautou-se, para a maioria dos grupos sociais, em questões que transcendiam os julgamentos de valor econômico. O laço conjugal, pautado no amor romântico, distanciou o casal dos vínculos de parentesco mais amplos, tornando-se um laço especial, tendo primazia até mesmo sobre as obrigações com os filhos. O lar passou a ser considerado um lugar distinto, onde os indivíduos poderiam encontrar refúgio para as agruras da esfera do trabalho, agora também separada do lar, uma vez que a produção econômica foi transferida para as fábricas. O surgimento do amor romântico precisa ser compreendido em relação a pelo menos três conjuntos de influências que afetaram a vida das mulheres a partir do século XVIII. O primeiro diz respeito à criação do lar, como lugar por excelência da mulher (uma vez que o novo mercado de trabalho mal conseguia absorver os homens), marcado pela subjetividade e afetividade, administradas e promovidas pela mulher, como “rainha do lar”. O segundo refere-se às transformações ocorridas nas relações entre pais e filhos: o declínio da autoridade paterna com o distanciamento entre o local de trabalho e o da casa; a valorização do ardor emocional na relação entre pais e filhos; o maior controle das mulheres sobre a criação dos filhos, uma vez que as famílias diminuíram e as crianças passaram a ser vistas como vulneráveis e necessitadas de um treinamento emocional a longo prazo. E o terceiro conjunto de influências está relacionado à idealização da mãe, ou à invenção da maternidade. O amor romântico é, portanto, um amor feminizado, predominantemente tarefa das mulheres, que estavam agora subordinadas ao lar e relativamente isoladas do mundo exterior. Por outro lado, foi também, contraditoriamente, expressão do poder feminino (autonomia diante da privação). Já os homens resolveram as

contradições relativas ao amor romântico e ao amor *passion* desenvolvendo uma vida dupla, na qual viviam o primeiro amor ao lado de suas ternas e virtuosas esposas, e a paixão sexual, junto às amantes ou prostitutas. Essa saída, no entanto, foi permitida apenas aos homens, que

[...] em geral excluíram-se do desenvolvimento do domínio da intimidade. [...] o apaixonar-se permaneceu intimamente vinculado à ideia de acesso: acesso a mulheres cuja virtude ou reputação era protegida até que pelo menos uma união fosse santificada pelo casamento. Os homens tenderam a ser “especialistas em amor” apenas com respeito às técnicas de sedução ou de conquista (GIDDENS, 1993, p. 71).

Homens e mulheres assumiram, por conseguinte, o amor romântico de formas diferentes: os homens tornaram-se especialistas em técnicas de sedução e as mulheres, administradoras e promotoras da afetividade e da subjetividade. No BDSM, o amor não é um tema restrito às mulheres, porém, predomina nos debates de pessoas submissas, sejam elas homens ou mulheres, como será mais bem detalhado posteriormente.

Segundo Miriam Adelman (2011), entre os séculos XIX e XX – início da crise das doutrinas vitorianas de esferas separadas –, feministas já argumentavam a impossibilidade cultural do “verdadeiro amor”, dadas as grandes desigualdades entre os gêneros, inclusive dentro da instituição do casamento. Emma Goldmann, uma anarquista feminista de origem russa e que morava nos Estados Unidos, citada por Adelman, salientou o fato de que amor e casamento eram considerados sinônimos um do outro, surgindo a partir dos mesmos motivos e atendendo às mesmas necessidades, o que, no entanto, não era verdade, ainda que alguns casamentos pudessem ser consequência do amor. Essa crença de serem sinônimos, para a feminista, não se apoiava em fatos, porém em superstições, uma vez que eram, de fato, antagônicos. O casamento, aos seus olhos, era uma farsa na qual as pessoas se submetiam por conta da opinião pública.

Na Segunda Onda Feminista, conforme Adelman, enquanto algumas pensadoras reforçavam a denúncia do conceito de amor romântico como ideologia de dominação masculina sobre as mulheres, outro grupo, de inspiração psicanalítica, do qual faziam parte Nancy Chodorow e Jessica Benjamin, atentou-se para as assimetrias de gênero institucionalizadas que predispunham as mulheres a se tornarem “especialistas no amor”, forjando uma subjetividade masculina

considerada mais autocentrada, frente a uma subjetividade feminina ligada ao cuidado dos outros, ou seja, à reprodução da maternidade. Quando, de fato, as mulheres se especializam no “amor” – como esposas, mães e companheiras –, o preço que pagam é muito alto, atingindo todos os âmbitos de sua vida – emocional, social, cultural, econômico.

O relacionamento puro, conforme Giddens, encontra suas raízes no amor romântico, embora, entre ambos, se percebam tensões. O relacionamento puro requer uma vivência da relação pela própria relação, do que pode ser derivado por cada pessoa ao manter-se associada a outra. Sua permanência está relacionada diretamente com a percepção de que cada um, individualmente, está extraindo da relação satisfação suficiente que justifique sua permanência com o outro.

Note-se, pois, que a emergência do que o autor denominou de sexualidade plástica é fundamental para a emancipação implícita no relacionamento puro, assim como a demanda por prazer sexual da mulher contemporânea. Por sexualidade plástica, ele entende a sexualidade liberta das necessidades reprodutivas, que encontra suas origens tanto no rigoroso controle da dimensão da família de fins do século XVIII, quanto na recente difusão da contracepção moderna e das novas tecnologias reprodutivas. A sexualidade plástica também pode ser caracterizada como um traço da personalidade, estando, portanto, intrinsecamente vinculada ao *eu* (visão um tanto quanto essencialista). O projeto reflexivo do *eu* está relacionado, nesse caso, à autonomia individual. Para o autor, a autonomia (capacidade de autorreflexão e autodeterminação do indivíduo) é a condição para o diálogo franco, como meio de expressão das necessidades individuais e meio através do qual o relacionamento é organizado de forma reflexiva.

A busca pelo romance, no entanto, continua presente nos dias atuais, como assinala Giddens, ainda que com uma roupagem diferente, na qual o intercuro sexual é percebido como um desvio no caminho até que se encontre o relacionamento amoroso definitivo. Assim, a busca pelo amor romântico não requer mais o adiamento do encontro sexual. Pelo contrário, ele pode ser o início do amor romântico.

Preocupado com as mudanças na intimidade ora em curso, Giddens aponta para o que denominou de amor confluyente. Esse amor, segundo ele, é um amor

ativo, contingente, distante, portanto, das ideias tradicionais de “para sempre” e “único” presentes no amor romântico. Nesse sentido, o alto índice de separações e divórcios seria muito mais efeito desse novo paradigma amoroso, do que propriamente sua causa. A abertura de um indivíduo em relação ao outro é condição necessária para a existência desse amor, o que o afasta de uma identificação projetiva, tão comum no amor romântico. O amor confluyente requer igualdade nas trocas emocionais; assim, aproxima-se do ideal do relacionamento puro, e só se aprofunda na medida em que os parceiros desenvolvem a intimidade, ou seja, até o ponto em que cada um está pronto para manifestar preocupações e necessidades em relação ao outro. A realização do prazer sexual recíproco é condição *sine qua non* para a manutenção do relacionamento pautado no amor confluyente, o que difere do amor romântico, que, ainda que fosse um amor sexual, libertava a *ars erotica*, ao acreditar que a satisfação sexual era garantida pela força erótica do amor romântico, particularmente na forma fantasiada do romance. O cultivo de habilidades sexuais, a capacidade de proporcionar e experimentar prazer sexual estão hoje organizados reflexivamente por meio de diversos materiais informativos, aconselhamentos e treinamentos sexuais. Dessa forma, o amor confluyente presume que todos têm o direito de requerer e obter satisfação sexual, distanciando-se da taxonomia que dividia as mulheres em dois grupos: as respeitáveis e as sexualmente marginalizadas. Outra importante distinção entre o amor romântico e o amor confluyente é que esse não afirma a monogamia, a exclusividade sexual. A existência da monogamia está subordinada ao desejo do casal, se assim o quiserem, de viverem dessa forma, até “segunda ordem”. Uma última distinção importante: o amor confluyente não se liga especificamente ao padrão da heterossexualidade, podendo ser vivenciado por casais homossexuais. Nas palavras de Giddens (1993, p. 74, grifo meu):

O amor confluyente, embora não necessariamente andrógono, e ainda talvez estruturado em torno da diferença, presume um modelo de relacionamento puro em que é fundamental o conhecimento das peculiaridades do outro. É uma versão de amor em que a sexualidade de uma pessoa é um fator que tem de ser negociado como parte de um relacionamento.

A definição de limites claros nas relações entre os envolvidos no amor confluyente é requisito inclusive para a manutenção da intimidade, uma vez que

essa não significa a absorção de um ser pelo outro, mas relaciona-se ao conhecimento de suas características e de como torná-las disponíveis um ao outro. Assim, tem-se um paradoxo: o abrir-se ao outro requer limites pessoais, uma vez que é um fenômeno comunicativo. Nesse sentido, exige também tato e sensibilidade, pois não significa a ausência total de pensamentos particulares. O equilíbrio, portanto, entre abertura, vulnerabilidade e confiança determina a transformação ou não dos limites pessoais em entraves para a comunicação. Esse equilíbrio presume também o equilíbrio de poder entre o casal, o que demanda fundamentalmente uma maior autonomia das mulheres quanto à sexualidade plástica, não mais relacionada à moral dupla.

A presunção de um conhecimento das peculiaridades do outro e da necessidade de se negociar a sexualidade dos envolvidos como parte do relacionamento, insumos fundamentais do modelo de relacionamento puro de Giddens, são elementos também presentes na dinâmica BDSM, e, nesse ponto, o amor BDSM parece se aproximar do amor confluyente. No entanto, um olhar mais detido indica que as aproximações entre um amor e o outro são paradoxais, como apresento posteriormente.

Alguns outros elementos do relacionamento puro:

- 1) pode ser finalizado, mais ou menos à vontade, por qualquer dos parceiros a qualquer momento;
- 2) a confiança nesse tipo de relação é pautada não por elementos externos, mas tendo-se por base a intimidade. É a crença na capacidade de o outro realmente poder agir com integridade. Confiar em alguém significa abrir mão de controlá-lo; implica em cada parceiro conhecer a personalidade do outro, o que demanda autenticidade e autodomínio;
- 3) a autoridade existe como uma “especialização”, ou seja, faz referência a habilidades que um possui e o outro não;
- 4) possui “contrato móvel”, que cria a base da discussão aberta por parte do casal sobre a natureza do relacionamento; está aberto à negociação; os parceiros podem apelar para o contrato;
- 5) comunicação livre e aberta;
- 6) o compromisso é essencial, uma vez que substitui as âncoras externas que os relacionamentos amorosos costumavam ter; e

7) a autoidentidade é negociada a partir de processos de autoexploração e de desenvolvimento da intimidade com o outro. Tais processos, como salienta Giddens, criam vínculos muito fortes, pois **“ajudam a criar ‘histórias partilhadas’ de uma espécie que tem um potencial de ligação maior do que as que caracterizam os indivíduos que partilham experiências em virtude de uma posição social comum”** (GIDDENS, 2002, p. 94).

No cerne da questão da emancipação sexual, que consiste para Giddens na integração da sexualidade plástica com o projeto reflexivo do eu, está a democracia, uma vez que as normas democráticas – não violência, estabelecimento de direitos e deveres, diálogo – separam a sexualidade do poder do falo, abrindo espaço para a vivência de uma intimidade, vista não como interação, **“mas como um aglomerado de prerrogativas e de responsabilidades que definem os planejamentos estratégicos da atividade prática”** (GIDDENS, 1993, p. 208). Nesse sentido, essa intimidade é pautada pela contratualização negociada (e nunca presumida) dos direitos e deveres concernentes aos envolvidos: um “contrato móvel”, que pode ser utilizado para apelações e mesmo renegociado.

Pelo que foi exposto, e se Giddens estiver certo em sua afirmação, intui-se que o grupo BDSM contém em seu cerne a potencialidade de provocar de fato a tão esperada (pelos movimentos feministas e LGBT) emancipação sexual, pela via de uma intimidade democrática. Leite Júnior (2006) é categórico ao afirmar que o BDSM exemplifica a sexualidade plástica de Giddens. Mais adiante, ao se apresentarem os termos do debate BDSM a respeito do amor e no capítulo seguinte que trata das relações “24/7”, será possível verificar aproximações ou não entre os modelos de Giddens e os do BDSM.

A socióloga marroquina Eva Illouz (2011) associa a transformação contemporânea da intimidade com a interconexão do feminismo aos discursos da psicologia e ao processo econômico produtivo. Vale ressaltar que tanto o feminismo quanto o processo terapêutico compartilham a proposta de converter a experiência privada em discurso público, tanto em sua dimensão de um discurso com e para uma plateia, quanto no que diz respeito ao debate de valores e normas

de caráter geral, e não particular. Illouz acredita que essa interconexão rompeu com a clássica divisão entre as esferas pública e privada, em que a primeira, marcada pela lógica instrumental do trabalho, era desprovida de afetos e a segunda era o lugar da afetividade. Ao longo do século XX, homens e mulheres da classe média foram convocados a se concentrar mais e mais em sua vida afetiva, tanto no trabalho, quanto na família, fazendo uso de técnicas semelhantes, cujo propósito era trazer para o primeiro plano o eu de cada um e suas relações com os outros.

Assim, surge um novo estilo afetivo, entendido como aquele que se forma a partir de uma nova imaginação interpessoal, uma nova forma de pensar o eu em relação com os outros e sua potencialidade. Esse novo estilo é denominado por Illouz como o estilo afetivo terapêutico. Nessa nova imaginação, o verdadeiro eu precisa ser perscrutado pelo próprio indivíduo, sentimentos precisam ser superados (medo, vergonha, por exemplo) e uma nova habilidade no uso da linguagem para expressar e “desencavar” afetos se fez necessária. Tudo isso em prol de relações íntimas fundamentalmente igualitárias. Sob a égide da igualdade, as relações íntimas tornaram-se psicológicas e políticas ao mesmo tempo. Assim, os homens foram convocados para olhar para dentro de si mesmos, semelhantemente ao que já faziam as mulheres. E a sexualidade feminina ganhou novas definições a partir de uma linguagem associada à libertação e à igualdade. A satisfação sexual nessa nova lógica passa a ser aquela obtida por cada um dos parceiros juntos como iguais.

Dessa forma,

[o] modelo cultural da intimidade contém motivos e símbolos fundamentais dos dois grandes credos culturais que moldaram a identidade feminina no século XX (ou seja, a psicologia e o feminismo liberal): igualdade, imparcialidade, procedimentos neutros, comunicação afetiva, sexualidade, superação e expressão de sentimentos ocultos, centralidade da autoexpressão linguística, tudo isso se encontra no cerne do ideal moderno de intimidade. Se na empresa a linguagem da terapia havia iniciado um realinhamento da masculinidade em torno de concepções femininas do eu, na família ela incentivou as mulheres a reivindicarem o status de sujeitos (masculinos) autônomos e serenos. Se na empresa os psicólogos fizeram da produtividade uma questão afetiva, no campo da intimidade eles condicionaram o prazer e a sexualidade à implementação de procedimentos imparciais e à afirmação e preservação dos direitos básicos da mulher (ILLOUZ, 2011, p. 46).

A partir desse novo modelo psicológico da “comunicação”, a afetividade tornou-se objeto a ser refletido, expresso, debatido em conversas, negociado, justificado, nos âmbitos tanto empresarial quanto familiar. Ser bem-sucedido nesse modelo indica competência ou inteligência afetiva, que se caracteriza por:

- a) capacidade de exibir um estilo afetivo definido e promovido pelos psicólogos (ILLOUZ, 2011, p. 92);
- b) geração de benefício social, que pode ser a ascensão na carreira profissional ou a obtenção de capital social, por exemplo;
- c) competência para monitorar, discriminar e usar suas próprias emoções e as dos outros como norteadoras da ação; e
- d) aptidões como autoconhecimento, gestão dos afetos e das relações, automotivação e empatia.

Em pesquisa desenvolvida por Elizabeth Bernstein (2007), a respeito de prostituição, um ponto interessante acerca das mudanças contemporâneas é percebido por ela: há atualmente uma demanda por sexo pago atrelada ao serviço de “amor temporário”, que representa uma experiência que denominou de *bounded authenticity*, ou seja, autenticidade demarcada, em contraposição à mera “descarga de tensão sexual”. Segundo a autora, os entrevistados para sua pesquisa, que eram clientes de profissionais do sexo, afirmavam que a base da troca de mercado nesses encontros tem uma função de delimitação crucial que facilita, ao invés de inibir, a fantasia de autêntica conexão interpessoal. Tem-se, portanto, para a autora, um tipo particular de sociabilidade, diferente do estilo clássico de se dividir entre o ir e vir entre a casa e o trabalho. Refratária ao discurso que culpabiliza a vida pós-moderna pela “falta de conexão entre as pessoas”, Bernstein revela que muitos de seus entrevistados – clientes de serviços íntimos – afirmavam preferir um estilo de vida configurado por viver sozinho, viver a intimidade com amigos próximos e a sexualidade em encontros sexuais pontuais e circunscritos. Tais encontros comerciais não funcionavam como um triste substitutivo para uma namorada de verdade que não conseguiam ter, mas como um limite, ou seja, sexo/afeto como experiência livre das obrigações costumeiras. É certo que o enfraquecimento

do caráter compulsório do casamento pode estar propiciando o surgimento de novas formas de conjugar e “desconjugar” os diferentes desejos e necessidades de homens e mulheres.

Realizado, portanto, um percurso histórico e delimitadas algumas das mudanças que estão ocorrendo na atualidade acerca do amor, do afeto, apresenta-se a seguir os termos a partir dos quais o debate sobre o amor é articulado entre praticantes de BDSM.

4.4

Amor e BDSM: uma combinação possível?

Muito se fala sobre o amor em sites e blogues de nativos que o consideram um assunto polêmico. Isso porque dois grandes grupos se formam em torno dessa temática. Um grupo defende a possibilidade de se viver o amor sob o chicote.¹⁶⁹ O outro acredita que o ideal para as relações Ds é que não exista amor entre os praticantes. Posições tão antagônicas geram um debate intenso. No entanto, é um debate em que os argumentos a favor de um BDSM sem amor surgem nas falas dos defensores do amor. Até a finalização dessa pesquisa, não localizei a fala de nenhum participante que fosse totalmente contra o amor, o que parece indicar que a posição contra o amor representa uma categoria acusatória utilizada pelo grupo. Outro elemento que chama a atenção é que esse é um debate virtual que predomina entre personas submissas. Primeiro, talvez porque, para essas pessoas, o amor romântico represente um maior desafio, uma vez que tensiona alguns dos princípios do ideal da Ds, entre eles, o da exclusividade sexual, que é requerida apenas da pessoa submissa. Vale lembrar uma explicação comum no meio, por intermédio da qual se afirma que o “dono do canil” – a pessoa que exerce o domínio – pode ter tantos cães quanto quiser, mas o cão – pessoa submissa – só pode ter, ao contrário, um único dono. Assim, a presença do amor nas relações Ds encontra uma possível justificativa por parte dos submissos, quando esses associam o amor ao dominador como uma extensão do amor à própria submissão.

¹⁶⁹ Havelock Ellis foi o primeiro a salientar que muitas das relações SM são motivadas por amor (MCCLINTOCK, 1993, p. 111).

Feito esse preâmbulo, apresento alguns aspectos dessa celeuma a partir de um *post* publicado no blogue *Escravas e submissas* pela praticante {Vita}_ST, ao se questionar sobre uma possível compatibilidade entre amor e BDSM.

Amor e BDSM são compatíveis? Há quem diga que não. Alguns combatem ferozmente essa ideia e não sem razão. A busca primordial no BDSM deveria ser pelo prazer, pela libertação, pela quebra de tabus e paradigmas, pelo romper de limites e[,] assim, ir além do imaginável no mundo dos prazeres. Alguns pensam inclusive que seria perfeito se as relações BDSM fossem desvinculadas de sentimentos, a busca pelo prazer seria bem menos complicada.¹⁷⁰ [grifo meu]

A motivação central para se viver uma relação Ds, conforme {Vita}_ST, deve ser a busca pelo prazer. Em conformidade a tal afirmação, diversas submissas criticam aquelas que buscam no BDSM o príncipe encantado, particularmente após a trilogia literária *Cinquenta tons*. Essa mesma adepta tem um ditado que exemplifica bem o argumento: “Se vc procura um Dono e encontra o amor pode ser maravilhoso e perfeito[,] mas se procura um amor e encontra pela frente um Dono, pode se decepcionar amargamente... procure um Dono; é mais seguro.”¹⁷¹ No entanto, há um reconhecimento generalizado de que, por ser a relação Ds muito intensa, nenhum praticante está livre de se apaixonar. {Vita}_ST, então, questiona-se sobre a possibilidade de manter ou não a Ds:

[...] não é incomum que pessoas que têm uma relação intensa e de alta cumplicidade como a D/s se apaixonem. [...] Como lidar com isso sem comprometer a relação? É difícil não se deixar afetar. A paixão e o amor trazem no pacote outros sentimentos nada saudáveis para uma D/s: ciúmes, insegurança, angústia, sentimentos de posse por parte do bottom. E o Top, caso se apaixone, pode passar a ter certas restrições em torturar o ser amado, em lhe causar dor física ou emocional, humilhá-lo, castigá-lo ou mesmo lidar com esses sentimentos do bottom... [...] Alguns, quando assaltados pelo sentimento, acabam partindo para a relação baunilha e deixando, às vezes sem perceber, a D/s se perder.¹⁷² [grifo meu]

Essa é uma fala reveladora, pois aponta para o que está em jogo. O envolvimento apaixonado parece ser sempre um envolvimento com elementos “baunilha”, como o ciúme, o desejo de posse, opostos ao ideal de submissão BDSM. Apaixonar-se parece representar um desafio para o grupo, na medida em

¹⁷⁰ Disponível em: <escravasesubmissas.blogspot.com/2014/08/e-o-amor.html>.

¹⁷¹ Idem.

¹⁷² Idem.

que esses pontos opostos tensionam a relação. Por um lado, se Tops se apaixonarem, poderão ter um cuidado com seus bottons, que extrapola o racional, reduzindo a possibilidade de obtenção plena do prazer. Por outro lado, os submissos podem ser “atacados” por sentimentos como ciúmes, insegurança, entre outros, que atrapalhariam a relação Ds. Não à toa, esses sentimentos, considerados “baunilha”, são tão execrados pelo grupo. Ainda segundo {Vita}_ST, há aqueles que, diante do amor, temerosos pelos compromissos que o sentimento traz embutido, preferem terminar a relação. Para ela, aqueles que se arriscam na tentativa de conciliar amor e BDSM podem viver uma relação repleta de dificuldades, todavia, rica e completa.

Em resposta, o praticante dr_sub pondera:

Esse tema dentro do BDSM realmente é gostoso. Nós estamos acostumados com uma sociedade onde amor é fidelidade, casamento, sentimento de dependência e por aí vai. Amamos nossos namorados, morremos de ciúme, temos sentimento de posse e carência excessiva. Mas dentro do BDSM também existe amor, só que ele tem características diferentes... A entrega por parte de uma submissa é uma forma de amor, beijar os pés do DONO é puramente amor. Agora, não vai ser da noite pro dia que a submissa vai conseguir se desapegar dos sentimentos de amor baunilha. Leva um tempo, exige paciência do DONO, dose extra de calma da submissa... Mas vale a pena! O tipo de amor que a gente vive é gostoso demais!!!¹⁷³ [grifos meus]

Frente ao amor romântico, próprio do mundo “baunilha”, tem-se a proposta de um outro amor – o amor BDSM, pautado pela própria vivência da Ds. Ou seja, beijar os pés do dono é um ato de amor.

Já a submissa isadhora revela: **“Eu penso que não existe entrega total, sem amor, eu simplesmente adoro me apaixonar, quando aceito ter um DONO, desejo o pacote completo, prazer[,] amor e tudo [a] que eu tiver**

¹⁷³ Idem.

direito.”¹⁷⁴ Nesse mesmo sentido, o dominador Motorista afirma sem receios: **“Então para mim[,] sim[,] o AMOR é imprescindível.”**¹⁷⁵ Recorrente é a afirmação entre as submissas de que elas não conseguiriam se entregar totalmente se não amassem seu respectivo Dono. A adepta Érica De Anderson afirma:

Existe submissão sem amor? Sim, existe, afinal existe BDSM sem amor. [...] Para mim, submissão só existe com amor, [porque] eu particularmente não conseguiria me ajoelhar perante um Homem, um Dominador, sem amá-lo, ou nutrir por ele algum sentimento. Mas isso, obviamente, não é uma regra, as pessoas são diferentes. Existem adeptos do BDSM que curtem cenas, sessões onde se encontram com parceiros conhecidos ou desconhecidos, que t[ê]m a mesma afinidade que eles, e se divertem e buscam a satisfação sexual, sempre com consensualidade, segurança e consciência. Entretanto, existem aqueles que não conseguem separar o Homem do Dominador ou a mulher da submissa, pois possuem o BDSM impregnado na alma, no coração, no corpo. Eu faço parte desse grupo. Preciso amar, preciso me entregar por completo, para que eu possa me submeter. [...] Isso é Amor x BDSM, quando você não consegue mais visualizar onde termina a mulher e começa a submissa, porque suas ações já são completamente naturais, espontâneas, que[,] quando você percebe, submeteu-se sem medo, sem qualquer tipo de receio. [...] Submissão é amor, independente de como você a vive, ou de como você enxerga o BDSM.¹⁷⁶

Apesar de muito recorrente, essa afirmação é também bastante contestada, pois não está em conformidade com a motivação central para o surgimento de uma relação Ds. A submissão deve ocorrer a partir do desejo genuíno de servir. Caso contrário, será uma falsa submissão, como pondera {Aitã}_ŞT:

A entrega meramente por amor está listada em muitos textos como falsa submissão e de fato, se me submeto pq te amo e não pela minha essência, pela minha vontade e necessidade de servir, isso pode ser considerado submissão?¹⁷⁷ [grifo meu]

¹⁷⁴ Idem.

¹⁷⁵ Idem.

¹⁷⁶ Disponível em: <<http://devaneiosdeumasubmissa.blogspot.com.br/2013/03/bdsm-x-amor.html>>.

¹⁷⁷ Disponível em: <<http://escravasesubmissas.blogspot.com.br/2014/08/e-o-amor.html>>.

A entrega por amor não é vista, portanto, como genuína, porque não é uma escolha do indivíduo a partir de sua própria essência, mas uma entrega pautada no amor que se tem pelo outro e no desejo de agradá-lo. O nativo Werther von AY erschaffen apresenta a submissão e sua relação com o amor da seguinte forma:

Tenho lido este princípio [“Não sou tua submissa porque te amo. Eu te amo porque sou tua submissa”, Amar Yasmine do Sr. Diabolo] muitas vezes ultimamente. E[,] longe de discordar, posso afirmar que não alcancei, ainda, este nível de entendimento, no sentido de praticar. Então[,] amo [a] submissão, amo [a] condição de ser submisso(a). Será que, lá no fundo, realmente amo ao meu EU submisso? Parece algo meio paradoxal, e que nos remete a uma condição muito centrada em si.¹⁷⁸

Em resposta ao questionamento de Werther, {Aïta} ST afirma:

Werther, assim como vc admiro esse Princípio e o compreendo perfeitamente[,] ainda que talvez não me sinta capaz de vivê-lo completamente. Amo a minha submissão, é fato, mas não consigo desvincular de amar a quem sirvo além dela.¹⁷⁹

Em outro debate, luah negra_propriedade de DOM JH revela: **“Há amor na submissão... amamos estar submetidas, amamos o domínio e, com o tempo e a cumplicidade crescente, esse amor tende a se estender também ao DONO”**,¹⁸⁰ o que encontra a concordância da submissa bia de MELBOR, que resume: **“Eu nem vou acrescentar nada. Compartilho da sua ideia de que o amor submisso advém da própria submissão e não da pessoa que empunha o chicote.”**¹⁸¹ A adepta {princess kitty} 龍戰士 também caminha nesse sentido ao declarar:

[...] o amor foi introduzido DEPOIS, sim, hoje sentimos amor um pelo outro, mas isso não tem nada a ver com a minha entrega, a minha entrega é para Ele como

¹⁷⁸ Disponível em: <<http://escravasesubmissas.blogspot.com.br/2014/09/sobre-o-principio-da-submissao.html>>.

¹⁷⁹ Idem.

¹⁸⁰ Disponível em: <http://escravasesubmissas.blogspot.com.br/2014/04/amor-submissao-ou-submissao-por-amor_19.html>.

¹⁸¹ Idem.

Dominador, o meu amor é um complemento, faz a nossa relação ser melhor e mais cúmplice.¹⁸²

Já o dominador Marte aconselha as submissas a perceberem os sinais do amor de seus donos por elas, uma vez que esse se manifesta de forma diferente do amor “baunilha”:

Aprenda a ser amada. As submissas recebem grandes doses de amor e carinho, geralmente. Os códigos podem ser diferentes dos de uma relação baunilha, mas fato é que você não é uma mera boneca inflável e seu Dono não é tão insensível quanto possa parecer com um chicote na mão. Uma relação de Dominação é mais intensa em tudo: a verdade entre os dois aparece, o sexo é melhor, as pessoas se conhecem ao invés de fingir. Aprenda a ver a beleza dos pequenos gestos, senão você não vai entender nada sobre o que é essa vivência.¹⁸³

E complementa incentivando o amor das submissas por seus donos, reconhecendo o quanto isso é controverso:

Cultive amor genuíno pelo Dono. Sei que isso não é um conselho comum no meio, mas eu diria que todo Top é um vampiro das emoções que são emanadas em sua direção. Não estou falando de amor romântico com jantares [à] luz de velas. Mas realmente creio que só há sentido na submissão se houver algum sentimento que dê liga [à]s sensações sexuais. O amor re-significa as atitudes dentro do sexo. Amar seu Dono não é algo que atrapalha, como muita gente diz por aí. Dominação é como qualquer outra relação da vida da gente: os laços se reforçam ou se desfazem de acordo com os sentimentos de cada um. Não se trata de um jogo sexual de bater e apanhar: Dominação nos permite vivenciar experiências afetivas únicas.¹⁸⁴

Ao reiterar a necessidade de respeito aos limites individuais, Marte demonstra o quanto o conceito de amor “baunilha”, romântico, está atrelado a uma ideia de entrega total, que, no entanto, não é a mesma entrega total promovida pelo BDSM, uma vez que essa é construída a partir do exercício da autonomia dos envolvidos, ou seja, sua capacidade de autorreflexão e autodeterminação diante de diferentes estratégias de ação possíveis.

Seja honesta com seus limites e não confunda seu amor com sua submissão. Não force seus limites em nome de seu amor ou com a intenção de agradar e fortalecer

¹⁸² Disponível em: <<http://desejosdeliriosecia.blogspot.com.br/2013/03/dominacao-psicologica-uma-utopia.html?zx=987f5eed0f40729e>>.

¹⁸³ Disponível em: <<http://escravasesubmissas.blogspot.com.br/2014/11/um-dominador-aconselha.html?zx=6b5089a902d75fc5>>.

¹⁸⁴ Idem.

seu vínculo. Quando estiver preparada para uma prática, esteja preparada dentro de si mesma e por você mesma. Há muita diferença entre uma mulher apaixonada que topa tudo para continuar próxima e uma submissa de verdade. Nós não somos idiotas e percebemos se você está se forçando em nome de seu amor.¹⁸⁵

Amor de “escrava” tem suas próprias características, como manifesta a BDSMista {myrAh} de ALDO:

O meu amor é “Amor de Escrava”, e amor de escrava é um amor gigante. É louco o amor de uma escrava... É forte, intenso, incondicional, despujado, desmedido, escancarado... é um amor real... Amor de escrava é amor sem a cobrança do ciúme, sem a marca registrada do compromisso, sem a dor da insegurança. É amor de verdade. Amor ágape. Amor divino... sublime. Uma escrava quando ama supera limites, entrega-se por inteiro, admira seu Senhor, lê as entrelinhas da relação e chora de prazer, obedece ao olhar, agradece o castigo, quer ser melhor a cada instante e na maioria das vezes consegue ser... Mas não se engane... O verdadeiro amor de escrava passa por constante mutação. É raro, e se não for cultivado diariamente pode ser perdido sem qualquer explicação. Não se ama um amor de escrava da noite para o dia... é preciso estar disposta a ser melhor, eliminar conceitos e preconceitos baunilhas e entregar-se ao que vier, mas como tudo tem um preço... o amor de escrava não é um amor âncora... não fica preso eternamente. Amor de escrava é amor libertino, não disfarça o tesão selvagem e sempre pronto. É oferecido[,] está sempre “aberto” para receber o que escorre pelas pernas, o que vem da saliva, da chuva... O amor de escrava é tão perfeito que tem vários sinônimos: devoção, obediência, desprendimento, confiança.¹⁸⁶ [grifos meus]

Já a adepta {Aitã}_ST complementa:

O amor de escrava é um amor que passa por diversos filtros, que são nossos aprendizados na submissão. [Na] medida [em] que vamos evoluindo ele vai-se purificando, livrando-se dos sentimentos negativos como a posse e os ciúmes e passa a ser somente amor em estado puro, aquele amor que doa, aquele que deseja o bem seja em que circunstância for, aquele que ama as qualidades e os defeitos, aquele que só espera dele mesmo[,] mas que[,] sim, precisa ser cultivado para nascer, florescer e permanecer viçoso. Uma escrava não serve só por amor[,] mas se serve também com amor[,] não há riqueza maior para um Dono.¹⁸⁷ [grifos meus]

¹⁸⁵ Idem.

¹⁸⁶ Disponível em: <<http://escravasesubmissas.blogspot.com.br/2014/11/amor-de-escrava.html?zx=467e8b71e793615a>>.

¹⁸⁷ Disponível em: <<http://escravasesubmissas.blogspot.com.br/2014/11/amor-de-escrava.html?zx=467e8b71e793615a>>.

A experiência da liberdade, tão comum na fala de mulheres submissas, também é expressa por essa dominadora, que associa tal sentimento à possibilidade de uma vivência honesta, de entrega total a despeito dos erros e defeitos do outro, o que também é relacionado tanto à pureza do relacionamento, quanto ao próprio amor. Nesse sentido, a pureza do amor BDSM opõe-se ao impuro amor “baunilha”, o que faz eco às afirmações de {myrAh} de ALDO e {Λitã}_ST, para as quais o amor da submissa é libertino, incondicional e, com o tempo, vai se purificando de sentimentos negativos como o ciúme e a insegurança, típicos do amor “baunilha”.

O relacionamento dentro do BDSM é puro e transparente, por ser uma forma aonde não existe[m] reservas e o que temos é uma entrega, aonde a pessoa expõe suas fraquezas, limites, defeitos sem se preocupar com as convenções e não conheço nada mais livre que a Dominação e Submissão, de duas pessoas que buscam o prazer sem limites físicos, psicológicos e emocionais e essa entrega é o que me dá prazer. Cuidar do submisso com a certeza de que a mesma mão que bate e tortura é a mesma que protege e cuida. Admiro e respeito todos os submissos, que[,] mesmo sendo livres, escolh[er]am estar preso[s] e se submeterem aos seus donos, entregando-se, doando-se, para serem livres na escolha de sentir e amar.¹⁸⁸ [grifos meus]

O ciúme, sentimento enquadrado como “baunilha”, não se coaduna com relações em que o dominador pode ter várias submissas, e estas defendem que seu desejo está pautado na ânsia de servir. No entanto, o ciúme está presente nessas relações, como algo de impuro, de estranho ao amor BDSM, como ficou claro na afirmativa, por exemplo, do dr_sub, citada anteriormente. A adepta {Λitã}_ST não perde o humor diante de tal fato e afirma: **“Somos humanas e é até possível não sentir, existem duas formas para isso: estando morta ou não amando o Dono... rrsrsrs.”**¹⁸⁹ Já a praticante Amar Yasmine, por outro lado, alerta:

Não vamos censurar os ciúmes de uma sub. Vamos apenas lembrar que ela tem uma postura a zelar e deve cuidar para que nada interfira em seu propósito de dar prazer ao Dono, de retirar o peso de seus ombros, e não colocar mais um. Estando isto sob controle, está tudo bem. Ninguém pode

¹⁸⁸ Disponível em: <<http://www.pensamentoindecete.com/2012/02/bdsm-femdom-lezdom-dominacao-feminina.html?zx=b561f6a7a6143a84>>.

¹⁸⁹ Disponível em: <<http://escravasesubmissas.blogspot.com.br/2014/03/ciumes-da-submissa.html>>.

exigir que uma sub não sinta ciúmes.¹⁹⁰

A fala de luah negra revela, no entanto, o quanto a vida afetiva precisa ser manejada, controlada e regulada para a obtenção de bem-estar no meio BDSM, o que parece ser consequência do próprio ideário moderno acerca da intimidade. Lembrando que esse ideário se constituiu a partir dos dois grandes credos culturais, a psicologia e o feminismo liberal, que forjaram a identidade feminina do século XX, ou seja, entre outros, a imparcialidade, a neutralidade, a comunicação afetiva, a superação e a expressão de sentimentos ocultos, além da centralidade da autoexpressão linguística.

Como pode ser apreendido do exposto neste capítulo, de certa forma, o debate BDSM acerca do amor se aproxima do debate teórico entre “misamorists” e “amorists”, apresentado por Costa (1998). Segundo o autor, os primeiros enfatizam os sentimentos negativos presentes na experiência do amor, como, por exemplo, ciúme, medo, ódio, desespero pela perda. Para eles, a paixão é um mal que compromete a autonomia do indivíduo. Nesse grupo, estariam Kant, Platão, Santo Agostinho e Descartes. Já entre os amorists, o amor é visto como algo natural, indispensável à vida moral e aos ideais de felicidade. Para eles, a paixão é um bem, sem o qual não existe autonomia nem autotranscendência do sujeito. Entre seus defensores, estão Baier, Hume, Hobbes e Darwin (COSTA, 1998, p. 169-170).

Em suma, entre aqueles que defendem que o amor pode existir nas relações Ds, esse deve ocorrer a partir da vivência da relação e nunca ensejar a relação por conta de sua existência, muito embora várias submissas afirmem que não se submeteriam sem amor. Essa submissão, a partir do amor, é considerada por outras como uma falsa submissão. Outro ponto importante é a necessidade de purificá-lo, de distanciá-lo de sentimentos “baunilha” que são vistos como daninhos para a relação, como, por exemplo, o ciúme, a insegurança, mantendo sempre em vista o lugar e as prerrogativas de cada um na Ds. Logo, a relação constituída a partir do amor confluyente baseia-se em um contrato móvel, é contingente, preza pelo prazer sexual recíproco, por exemplo. Esses são elementos também característicos da relação Ds, independente da presença ou não do amor.

¹⁹⁰ Idem.

Em suma, do que foi exposto, ressaltado ao menos duas percepções diferentes acerca das relações afetivo-sexuais contemporâneas:

- 1) Entre os clientes de prostitutas, entrevistados por Bernstein, o desejo de se sentir acolhido, desejado, deve ser parte da experiência sexual.
- 2) No BDSM, a relação é marcada pela primazia declarada do prazer sexual. Quando o amor acontece, o modelo ideal é de um amor puro e transparente, em que as pessoas são livres dos sentimentos negativos do amor romântico e totalmente honestas com seus parceiros.

O próximo capítulo tem por foco as relações “24/7” e objetiva verificar se os praticantes revelam o amor nessas relações e, em caso positivo, a partir de quais valores. Espero que esse cenário permita uma comparação entre o amor romântico, o amor confluyente e o amor BDSM.

5

Na senzala em tempo integral

Em uma sociedade marcada por um ideário de igualdade e liberdade, em que o feminismo representa uma força importante para consolidação de relações equitativas entre homens e mulheres, pensar em relações que erotizam o poder, a tal ponto que se deseje viver nessa fantasia 24 horas por dia durante os sete dias da semana, parece um grande paradoxo. Não obstante, ao se considerar, como Georges Bataille (2013), que o erotismo é sempre um elemento de transgressão social, no sentido de perturbação das normas, tal suposto paradoxo ganha novos contornos. É sobre esses contornos que o atual capítulo pretende refletir, além de buscar delinear as interconexões entre o amor romântico, o amor confluyente e o amor BDSM.

5.1

A relação “24/7”

Uma relação Ds pode ser vivida em um *continuum* de tempo que inclui várias possibilidades: apenas uma sessão, um final de semana ou até mesmo 24 horas por dia todos os dias da semana. Essa experiência é chamada no meio BDSM de relação “24/7”¹⁹¹. Apesar de muitas pessoas afirmarem viver relações “24/7”, há aqueles adeptos que a consideram utópicas. Exemplo disso é o posicionamento de Gladius Maximus:

Acredito firmemente que, por uma questão de probabilidades, em algum lugar civilizado deste planeta, alguém se predispõe a, de forma consciente e voluntária, entregar a sua vida [...] completamente a outra pessoa disposta a aceitar essa condição. Seguindo o significado do 24/7 de forma literal, esse escravo não teria vida própria, não teria objetivo outro senão agradar e servir a seu Dono, não teria nada seu, não decidiria nada e nem sairia da casa. E

¹⁹¹ Criado em 2003 por um dos proprietários do clube Rosas 5, localizado na cidade de Barcelona, o Dia Internacional do BDSM homenageia esse ideal de relacionamento, sendo comemorado, portanto, no dia 24 de julho.

dependen[d]o do estilo do seu Dono nem a necessidade de falar o escravo teria, abrindo a boca apenas para manifestar suas necessidades mais básicas. Improvável mas não impossível. Mas, na vida real, e em todos os meus anos de existência nunca vi nada nem parecido com isso.¹⁹²

Ainda que reconheça que não conhece pessoas que, de fato, tenham vivido essa experiência, Gladius Maximus revela:

Já ouvi relatos interessantes. Meu amigo Domador que mora na Espanha e é um adepto do *Po[n]yplay* me disse que não é raro mulheres vivendo em 24/7 real como *po[n]y girls*, morando em estábulos e vivendo sua vida como éguas. E mais, algumas chegam ao limite de fazer uma cirurgia na l[í]ngua pois uma *po[n]y* quando incorpora o papel não fala e nem usa os braços. Mas isso é na Europa, e num circuito fechado formado por pessoas [de] alto nível de cultura, inteligência e poder aquisitivo.¹⁹³

Esses relatos chamam a atenção não só porque se constituem em exemplos de dominação “24/7”, como também pelo fato da vivência da submissão se dar na forma animal – como pônei –, como se tais pessoas submissas estivessem desconstruindo o processo civilizatório, uma vez que o animal representaria a não civilização. A referência ao alto nível cultural, intelectual e econômico parece pretender legitimar a prática.

Brame et al. (1993) pontuam que a maioria desses praticantes mantém esse tipo de relação em segredo por receio de inconvenientes. A discrição é a lei não falada no BDSM americano, já que, segundo os autores, os adeptos são profissionais de classe média e média alta, o que também parece ser o caso brasileiro.

Refletindo sobre as condições necessárias para se viver a utopia – o modelo ideal das relações “24/7” –, Gladius define:

Os ingredientes: Relação de Submissão + Disponibilidade real de 24 horas por dia e 7 dias por semana + Dependênc[i]a real de uma parte em relação a outra = CASAMENTO (Relacionamento marital). Não consigo enxergar outro caso onde a aproximação ao 24/7 literal seja maior ou no mínimo próxima.¹⁹⁴

Interessante o fato de Gladius associar a relação Ds ao casamento, ao vínculo marital, familiar. Segundo Engels em *A origem da família, da*

¹⁹² Disponível em: <<http://www.gladiusbdsm.com/2008/03/e-por-falar-em-247.html>>.

¹⁹³ Idem.

¹⁹⁴ Idem.

propriedade e do Estado, o termo família deriva de *famulus*, que quer dizer escravo doméstico, sendo a família o conjunto dos escravos pertencentes a um único homem. Com essa evocação, Gladius mistura também os mundos – BDSM e “baunilha” – e acende a dúvida acerca de uma possível crença sua na dominação como um atributo da natureza do Dominador, ao afirmar:

E acho inclusive que qualquer Dominador de verdade tem o seu parceiro baunilha submetido e escravizado. Na hipótese do seu parceiro não curtir nada do universo BDSM ele tem que saber e tolerar todas as atividades deste.¹⁹⁵

E o *continuum* Ds é revelado:

[...] todo o Dominador de verdade casado já tem uma relação 24/7 com sua esposa/companheira. Com suas outras escravas, a relação não é 24/7. No máximo e com sorte ele vai ter um 24/3 (fds[fim de semana]). Normalmente[,] 24/1 ou 24/2. Mas infelizmente, na maioria dos casos é 3/1 (fugidinha para um motel [à] tarde), 6/15 ou 6/[seja] lá quando der.¹⁹⁶

Por fim, permanece a utopia:

Não tenho a completa disponibilidade e perco a preferência rapidamente quando Domme Marcelinha chora. E mais, que tipo de energ[ú]meno seria eu se tirasse minha parceira da filha ou do trabalho? Será que vivi 24/7? No meu último relacionamento cheguei bem próximo disso. Bem menos do que gostaria, mas o fato de tê-la tido perto fez a sensação da utopia estar sempre presente. Vivi quando casado um quase 24/7.¹⁹⁷

Outro blogue nativo, *Masters & Slaves*, também define o que seria a relação Ds ideal e se aproxima da reflexão de Gladius:

O supra[s]sumo é a relação diária entre um mestre e seu(s) servo(s) onde há a disciplina na prática [...]. Podemos dizer que é uma relação que prioriza a verossimilhança com as relações escravagistas (escravos), porém dizer isto seria minguar a relação ao todo, pois ninguém vive de escravidão 24 horas todos os dias, tampouco gostaria de ser tratado de tal forma.¹⁹⁸

A adepta kazady { K@ } é quem pormenoriza a relação “24/7”:

¹⁹⁵ Idem.

¹⁹⁶ Idem.

¹⁹⁷ Idem.

¹⁹⁸ Disponível em: <<http://mestreseservos.blogspot.com.br/2012/02/supra-sumo.html>>.

Numa relação 24/7, o vínculo é integral, a despeito de não ocorrerem sessões e práticas BDSM o tempo todo. O domínio persiste. Certos ritos e atitudes podem ser convencionados para momentos mais descontraídos em que não se está em uma sessão, mantendo assim vivo[s] os elementos característicos da relação de dominação e submissão. [...] Acredito que a relação 24/7 passa existir quando [...] o Dominador passa a controlar física e psicologicamente as ações de sua submissa, permeando a maior parte das atividades de seu dia a dia. Não existe, obrigatoriamente, a necessidade de se viver sob o mesmo teto, pois não é a quantidade de tempo juntos quem define a relação, mas sim a qualidade do mesmo. Relações desta natureza exigem comprometimento muito maior do Dominador e uma entrega intensa da submissa, que tem que se sentir motivada a servir e ser controlada sem restrições.¹⁹⁹

Dois elementos despontam a partir da análise dessas falas. O primeiro diz respeito à fantasia. É possível inferir que a relação “24/7” corresponde ao *locus* por excelência da tensão entre fantasia e realidade, onde se quer viver o máximo possível da fantasia na realidade cotidiana. Tem-se, portanto, o esfumaçamento das fronteiras entre o que é fantasia e o que é realidade, aproximando-se, de certa forma, ao que Deleuze afirmou em sua análise sobre o masoquismo de Sacher-Masoch: “O masoquista precisa acreditar que sonha, mesmo quando não está sonhando” (DELEUZE, 2009, p. 73). Parafraseando o autor, mantendo em mente que nem todas as relações Ds possuem elementos sadomasoquistas, dominador e submissa parecem necessitar acreditar que a fantasia e o sonho se perenizam na vida cotidiana.

O segundo elemento relaciona-se à autoridade que o dominador passa a exercer sobre a submissa a partir de sua entrega. Esse é um ingrediente que Giddens reconhece que pode também existir em relacionamentos puros. Nesses, a autoridade está relacionada com uma determinada especialização, habilidade que um desenvolveu e que o outro não possui. Assim, responsabilidade e autoridade estão profundamente atreladas à confiança. Nas relações Ds, a autoridade pauta-se no reconhecimento da habilidade de domínio de um sobre o outro, domínio tal considerado prazeroso.

A troca total de poder ou Total Power Exchange (TPE), como é denominada por praticantes de BDSM, como a submissa missy, cujo relato se

¹⁹⁹ Disponível em: <<http://www.mestreka.com/singularidades/relacoes-24-7>>.

segue, é uma possibilidade em uma relação Ds que parece ser algo delicado no meio. Alguns defendem que o direito a sair de uma relação não pode ser negado, nem mesmo a uma “escrava”. Outros, no entanto, constroem suas vidas de forma a alienarem de si mesmos a possibilidade de fuga, uma vez que tal impossibilidade foi consensualmente acordada entre as partes envolvidas. Normalmente, a TPE é relatada entre pessoas casadas. Esse é o caso, por exemplo, da submissa missy:

É deveras interessante para mim, nova no mundo do BDSM[,] descobrir o quanto hostis muitas pessoas deste meio se apresentam quando se defrontam com relacionamentos diferentes[,] como o chamado TPE (TOTAL POWER EXCHANGE = Submissão Absoluta ou Total Entrega de Comando). Como vivo uma relação TPE, isto se torna algo muito natural para mim, e eu não vejo qualquer “ameaça” que muitos veem nisto. [...] A maioria dos casais TPE que conheço estão nesta relação para o resto da vida. Quando eu e Leo casamos, eu lhe prometi amar, honrar e obedecê-lo até que a morte nos separe. Para as pessoas presentes, foi como qualquer cerimônia de casamento. Nada fora do usual para um casamento normal, exceto talvez a parte sobre OBEDECER. [...] A submissa não pode deixar a relação. (E nem o Dom, de acordo com o item acima) Ela entregou sua liberdade ao Dom, assim abriu mão do direito de terminar a relação. Ela não pode sair. [...] Muitos casais TPE criam um ambiente onde ações pr[á]ticas tornam “impossível sair ou abandonar a relação”. Em nosso caso, existem várias coisas. [...] Portanto, qual é o objetivo de um casal vivendo uma relação TPE? Eu diria que é uma simbiose – quase se tornar uma pessoa somente, ou como se fosse um organismo que é único, mas constituído de duas células dependendo uma da outra. Certamente isto não é para todos. As duas pessoas envolvidas devem realmente desejar e tirar prazer disto. A parte submissa tem que sentir o desejo de entregar sua liberdade, e o Dom[,] por sua vez, tem que ter a necessidade de total controle.²⁰⁰ [grifos meus]

Relatos de simbiose entre parceiros “24/7” são recorrentes. Certamente, nada se distancia mais da concepção de relacionamento puro, do qual fala Giddens, como essas relações. Algumas variações nas experiências de TPE são possíveis: nenhum dos envolvidos possui o direito de romper a relação ou apenas a pessoa escravizada não poderá fazê-lo. Segundo informação da Wikipédia citada por luah negra,

²⁰⁰ Disponível em: <<https://www.facebook.com/BdsmVerdadeiro/posts/242828849181047>>.

[e]sse tipo de relação, que nega o direito de desistência somente da[(o)] escrava(o) ou também do dono, é eticamente condenada e na maioria das vezes ilegal, pois todo ser humano tem o direito de escolher com quem conviver e se relacionar, sendo um direito inerente [à] nossa condição de seres humanos. Logo, ao menos o direito da[(o)] escrava(o) e/ou do dono de acabar com a relação deve ser preservado e mantido intocado.²⁰¹

Newton, também adepto do BDSM, explica em um *post* como é a vivência de uma relação “24/7”, desmistificando um pouco a dominação e submissão em tempo integral:

[...] ninguém é submissa 24/7 e nem Dominador 24/7. Há todo um outro lado que deve ser respeitado, entendido e esclarecido n[a] no[s]sa mente. Um casal 24/7 é “casado”, tem sua vida lá fora, suas relações sociais que não somente às do meio, tem obrigações em conjunto e separados, sejam profissionais ou familiares que devem ficar FORA do BDSM. As preocupações, problemas[,] desgastes, são iguai[z]inhos aos demais tipos de relacionamentos que existem dentro de uma sociedade. Saber que ao passar um ano dessa união estável, há todas as implicações jurídicas tbm, quanto aos deveres de uma relação estável, heranças, divisão patrim[on]ial, etc, e que não seja justificativa dizer que é uma relação BDSM. A Lei não reconhece isso.²⁰²

Outro adepto complementa:

É um caminho natural que a relação SM 24/7 vá se tornando baunilha com o passar do tempo, mas isso não necessariamente quer significa[r] que o SM está acabando. Afinal, a essência do SM transcende as sessões. Sessões na verdade são o Fetiche, ter o SM como modo de vida não é Fetiche, ou seja, a submissão é mostrada de diversas outras maneiras, além das simples punições.²⁰³

Pode-se inferir, por conseguinte, que a relação Ds em tempo integral convive com as demandas do mundo “baunilha” e é por ele perpassada, sendo

²⁰¹ Disponível em: <<http://desejosdeliriosecia.blogspot.com.br/2014/07/247-consensual-nao-consensual-tpe-bdsm.html?zx=9f5910af6c8350d3>>.

²⁰² Disponível em: <http://dialogosbdsm.blogspot.com.br/2009/03/amor-no-bdsm_11.html?zx=bb00de61f6cef87f>.

²⁰³ Disponível em: <<http://ownersm.blogspot.com.br/2009/10/247.html>>.

apreendida pelos casais como algo natural. Parece-me que a questão dos limites, tão cara aos praticantes de BDSM, permanece aqui. Giddens acentua a necessidade de definição dos limites pessoais para a constituição de um relacionamento saudável, já que os limites estabelecem o que pertence a quem, de um ponto de vista psicológico, o que neutraliza os efeitos da identificação projetiva. Richard Sennett faz uma leitura interessante acerca do mito de Narciso diferente dos males do amor próprio. Para ele, o mito revela os perigos da projeção, entendida como uma reação ao mundo como se ele pudesse ser apreendido por meio de imagens do eu:

O mito de Narciso tem um duplo sentido: a sua autoabsorção evita que tenha conhecimento a respeito daquilo que ele é e daquilo que ele não é; esta absorção também destrói a pessoa que está engajada nessa situação. Narciso, ao se ver espelhado na superfície da água, esquece que a água é uma outra coisa, que está fora dele próprio, e desse modo se torna cego a seus perigos (SENNETT, 1999, p. 395).

Assim, o estabelecimento de limites claros é importante para o aprofundamento da intimidade tanto no amor confluyente quanto no “amor BDSM”. Afinal, intimidade não significa ser absorvido pelo outro, mas sim conhecer as características do outro e disponibilizar as suas próprias. Como salienta o autor, a abertura para o outro exige o estabelecimento de limites pessoais, porque é um processo comunicativo. O equilíbrio entre abertura, vulnerabilidade e confiança em uma relação determina se os limites se tornaram ou não divergências, obstruindo a comunicação. Essa correlação pressupõe um equilíbrio de poder para o qual é fundamental a crescente autonomia das mulheres, bem como a emergência da sexualidade plástica. Todavia, o que dizer então de relações que cultivam exatamente a hierarquia de poder? Onde, paradoxalmente, o limite é, por vezes, a ausência de limite? Quando se fala em jogos pontuais de Ds, cenas Ds, a hierarquia de poder é mero erotismo, pura fantasia, pode revelar a contradição social: se, por um lado, a sociedade dos direitos prega tão acirradamente a igualdade, por outro, na *práxis*, a realidade social é profundamente marcada por inúmeras desigualdades. Mas e quando o que está em jogo é a tentativa de viver o jogo continuamente? De fazer do jogo um estilo de vida? Nesse caso, a relação que começa próxima às máximas do

relacionamento confluyente se aproxima da tradicional relação concebida pelo casamento.

Entre os relatos de escravos vivendo relações “24/7”, encontrei um grupo de adeptos da filosofia da Supremacia Feminina ou Femina Suprema. Essa filosofia defende a supremacia da mulher sobre os homens justificada pelo fato de que a mulher é a única capaz de gerar vida. Por essa capacidade, aproxima-se do simbolismo da Mãe Natureza e encerra em si um conjunto de qualidades que tradicionalmente está associado ao gênero feminino, tais como intuição e criatividade. Curioso notar as velhas dicotomias que se formam a partir dessa crença – mulher/natureza, homem/cultura – e que agora se revestem de uma nova roupagem, já que o paradigma historicamente vigente levou a humanidade a se esmerar em controlar o corpo da mulher, entre outras razões, por aproximá-lo com o que se convencionou chamar de natureza, conforme sinaliza Sherry B. Ortner (1979). Para a Supremacia Feminina, entretanto, essa característica a faz superior aos homens, tal como a figura da Mãe, que, ao invés de legitimar sua exclusão social, a empodera. Lins (2014) recorda que vestígios paleolíticos de estatuetas femininas, bem como pinturas e objetos localizados em mais de sessenta cavernas desse período, apontam para uma forma de religião em que o feminino era central. Segundo a autora, tratam-se de manifestações do culto a uma deusa-mãe como fonte regeneradora de todas as formas de vida, o que não quer dizer que na pré-história os grupos sociais eram matriarcais, como se supôs inicialmente. Novas descobertas apontam para uma organização social igualitária. Segundo Lins (2014, p. 26), **“(a) pesar da linhagem ter sido traçada por parte da mãe e as mulheres representarem papéis predominantes na religião e em todos os aspectos da vida, não há sinais de que a posição do homem fosse de subordinação”**. O surgimento do patriarcado no Ocidente deu-se a partir de um lento processo que tem início, ainda conforme a autora, com a democracia ateniense no século V a.C. Parece, então, que a supremacia feminina reedita alguns valores contidos nessa religiosidade paleolítica.

Sete pilares compõem a filosofia da Supremacia Feminina, a saber: confiança, coragem, cumplicidade, amor, lealdade, obediência e respeito. Em geral, considerando os blogs pesquisados, tais vivências acontecem dentro do

matrimônio. Chama a atenção um dos pilares da Supremacia – a confiança. Giddens sinaliza que, em um relacionamento puro, a confiança não possui apoios externos, desenvolvendo-se a partir da experiência da intimidade. Confiar expressa a fé no outro, na sua capacidade de agir com integridade e na capacidade da relação resistir a possíveis traumas futuros. Por ser pautada na intimidade, não é uma questão meramente de boa-fé, pois a intimidade requer a revelação de emoções e ações, que normalmente não se apresentam ao escrutínio público. É essa revelação do oculto um dos principais indicadores psicológicos da intimidade, capaz de sinalizar o grau de confiança de um em relação ao outro, atuando também como uma espécie de álibi para a reciprocidade. Com isso, pode-se afirmar que confiar em alguém implica renunciar ao controle de suas atividades e mesmo à imposição de certas ações próprias de um modelo particular que não lhe pertence. Em outro momento, Giddens relaciona a intimidade com o estabelecimento de direitos e deveres entre os envolvidos. Segundo ele, a **“intimidade não deve ser compreendida como uma descrição interacional, mas como um aglomerado de prerrogativas e de responsabilidades que definem os planejamentos da atividade prática”** (GIDDENS, 1993, p. 208).

O adepto chamado e_A de São Paulo, ao apontar a dificuldade de se viver uma relação “24/7” em conformidade com os pilares da supremacia feminina, lança um desafio e reafirma o lugar de sua liberdade: poder vivenciar a fantasia de submissão total à mulher de sua vida.

Parece fácil e me tornaria frágil, entretanto, para os que assim avaliam, minha sugestão é: tente! É uma árdua tarefa e apenas homens fortes conseguem tal desprendimento, principalmente quem possui cargos ou posições respeitadas. O jogo é esse, no dia a dia, tudo é normal, mas no íntimo dos jogadores há segredos e cumplicidades. Para mim é um ato de entrega e confiança, pois toda minha vida está depositada nas mãos de minha DONA. Meu corpo e alma não mais me pertencem, nem minhas horas ou dias, não tenho talão de cheques e presto contas de todos os meus atos. A minha liberdade é poder externar toda a minha fantasia de me deixar conduzir pela MULHER da minha vida e me transformar em seu mais humilde serviçal, poder sentir seu perfume e energia, poder beijar suas mãos e reverenciá-la, poder me prostrar aos seus pés e adorá-la.²⁰⁴ [grifos meus]

²⁰⁴ Disponível em: <<http://supremaciafeminina.com.br/ea.pdf>>.

O escravo sini revela que sua submissão vem da consciência da superioridade feminina. Reconhece que apenas sob o comando das mulheres o mundo pode ser um lugar melhor e alerta para o fato de que o amor não é incondicional, a despeito do que comumente se acredita.

Neste escrito, pelo menos para mim, está contido não o sentimento de mera subserviência, mas da verdadeira aceitação e consciência de que o comando feminino é fundamental para a tranquilidade e a paz que almejamos. O prazer em servir a esposa ou companheira vem, em primeiro lugar, dessa constatação. Tendo isso em mente, o 24 por 7 funciona de verdade. O homem sempre lançou mão da força física para subjugar a mulher e isso representa somente uma coisa: medo! Sempre tivemos medo da superioridade feminina[,] mas, agora, chegou o momento de aceitarmos humildemente essa condição. A mulher, desde pequena, prepara-se para a vida. O homem é aquele eterno moleque que só muda os brinquedos, com o passar dos anos. Particularmente aprecio a parte “teatral” desse modo de vida 24/7, mas é preciso que haja profundo respeito e verdadeira admiração pela companheira de sua vida. Sem esse respeito e admiração, não é possível a existência do amor porque este não é incondicional.²⁰⁵ [grifos meus]

O submisso zp sintetiza em sua fala alguns elementos importantes no entendimento da Dominação Feminina:

- a) reitera a liberdade de se viver plenamente suas fantasias em detrimento das determinações preestabelecidas pela sociedade, liberdade esta também referenciada constantemente por submissas:

A busca da felicidade é a procura de se viver dentro do princípio da realidade interna de cada um. É dentro dessa verdade íntima, que[,] encarada com coragem e determinação, permite estarmos livres no arbítrio de direcionarmos nossa própria existência. Essa liberdade interior sintetiza a existência da relação totalmente centrada na Dominação Feminina enquanto estilo de vida.²⁰⁶

- b) explica o que está no cerne da Dominação Feminina:

Dominação Feminina é a relação em que o Poder – físico, psicológico e espiritual – é inerente à Mulher (em razão de Sua Essência Superior – sensibilidade, intuição, poder de criação, entendimento com a natureza, e demais atributos Femininos).²⁰⁷

- c) esclarece como se desenvolve um relacionamento “24/7”:

²⁰⁵ Disponível em: <<http://supremaciafeminina.com.br/sini.pdf>>.

²⁰⁶ Disponível em: <<http://supremaciafeminina.com.br/zp.pdf>>.

²⁰⁷ Disponível em: <<http://supremaciafeminina.com.br/zp.pdf>>.

No processo evolutivo dos adeptos desse estilo de vida, especialmente de casais que têm um sólido “background” de respeito e consideração mútuos (o que proporciona diálogo honesto e aberto), a Dominação Feminina parte das “cenas” esporádicas para práticas regulares, evoluindo até que o papel dominante da relação passe a ser naturalmente exercido pela Mulher na vida cotidiana do casal, consubstanciada no respeito, na obediência, na coragem, na lealdade, na confiança, na cumplicidade, todos elementos essenciais do amor. Esse é um processo contínuo e dinâmico, em constante busca de melhoria da relação e da própria natureza da Superioridade Feminina e da entrega masculina, onde os eventos e, principalmente, os sentimentos e as sensações são captadas e discutidas, com o sentido maior de promover, sempre e sempre, a melhoria da própria relação em si, onde a felicidade e o prazer possam ser cada vez mais aprofundados.²⁰⁸

d) denuncia a ruptura com os tradicionais paradigmas:

Trata-se de uma opção consciente de aprender e desenvolver como estilo de vida [na relação 24/7], valores que são divergentes dos paradigmas vigentes em nossa sociedade. Essa ruptura de paradigmas segue um norte dado por valores ditos femininos, que podem ser sintetizados no conceito “Femina Suprema”. O “poder que está acima de tudo”, dentro do humano, é o Feminino, são os valores femininos. É a entrega do homem e seu ancestral poder cultural, ao poder de acolhimento, orientação, direção, que tem como sentido os valores femininos. A agressividade, a competição, a ânsia pelo poder passam a ter menor valor que a cooperação, a solidariedade, a generosidade, a ética nos relacionamentos.²⁰⁹

E conclui que **“24/7 é a vivência de novos paradigmas no cotidiano de um casal que se respeita, se admira e, fundamentalmente, se ama. A assunção de ambos os parceiros a seus papéis-vida resulta infalivelmente na felicidade do casal”**.²¹⁰

A fantasia Ds tem seu ápice, independente dos papéis desempenhados, na relação “24/7”, portanto. Como revela o praticante servo: **“Tenho plena e inequívoca certeza [de] que a relação 24[/]7 é o maior sonho de qualquer homem h[é]tero que evidentemente comungue com o mundo SM.”**²¹¹ No entanto, não são todos os praticantes que desejam embrenhar-se pelos caminhos de uma submissão em tempo integral. Max é um deles. Quando entrevistado pelo blogue *Pergunte a uma mulher* acerca do peso que o BDSM tem em sua vida, ele afirmou:

²⁰⁸ Idem.

²⁰⁹ Idem.

²¹⁰ Idem.

²¹¹ Disponível em: <<http://rainhafragil.wordpress.com/2008/08/13/para-os-fas-da-helga/>>.

[...] não gostaria de viver isso 24 horas por dia, todos os dias. Pra mim, o BDSM tem que ser uma coisa à parte, fora da minha vida normal, tem que ser um segredinho. Agora, eu adoraria me apaixonar perdidamente por uma mulher (e ela por mim) que gostasse de inversão de pap[é]is... seria o paraíso... nós dois nos comendo a toda hora...²¹²

5.2

Amor romântico, amor na contemporaneidade e amor BDSM: algumas aproximações possíveis

Conforme Costa (1998), atualmente, acredita-se que o ideal de igualdade jurídico-política possa ser transposto, sem maiores problemas, para as relações afetivas. O que dizer, então, do ideal moderno de reciprocidade igualitária diante de relações Ds? De que trocas é possível falar quando a um cabe apenas pretender atender aos desejos do outro? Refletir sobre essas questões da forma como estão colocadas pode conduzir a uma visão simplista das relações em questão. As possíveis trocas na relação Ds precisam considerar a sua motivação original, ou seja, o prazer sexual obtido por meio de jogos que erotizam o poder, a hierarquia. As trocas acontecem, portanto, no campo do sexual; essa é a ênfase da relação. No entanto, não param por aí, como pode ser inferido ao longo deste trabalho. A comunicação aberta, a possibilidade de expressar e vivenciar fantasias sexuais sem censura, livremente, o respeito e o cuidado pós-sessão são alguns exemplos de trocas que transcendem as trocas sexuais.

Percebe-se, nas falas apresentadas neste capítulo, uma forte rejeição dos BDSMistas ao que no amor romântico é considerado negativo – ciúmes, desejo de eternidade, sentimento de posse, exclusividade afetiva e sexual, por exemplo. Mas e o que o amor representa de positivo? Respondendo a essa questão, Costa apresenta uma lista de sentimentos “positivos” associados ao amor romântico, quando afirma:

A meu ver, é extremamente difícil imaginar outros modos de autorrealização pessoal numa cultura em que o amor romântico se tornou sinônimo de praticamente tudo que entendemos por felicidade individual: êxtase físico-emocional socialmente aceito e recomendado, segurança afetiva, parceria confiável, consideração pelo outro, disponibilidade para a ajuda mútua, solidariedade sem limites, partilha de ideais sentimentais fortemente aprovados e admirados, como a constituição da família e a educação dos filhos, enfim,

²¹² Disponível em: <<http://www.pergunteaumamulher.com/2014/06/entrevista-com-um-praticante-de-bdsm-bondage-disciplina-dominacao-submissao-sadismo-e-masoquismo.html>>.

satisfação sexual acompanhada de solicitude, ternura, carinho e compreensão (COSTA, 1998, p. 101, grifo meu).

Obviamente, no BDSM, vive-se uma sexualidade pouco convencional, e não encontrei *posts* que tratassem de filhos ou família, mas alguns dos sentimentos listados por Costa como típicos do amor romântico, e grifados por mim, estão presentes no código amoroso BDSM, inclusive quando consideram os requisitos ideais para dominadores e para submissos apontados no capítulo anterior. O amor BDSM, portanto, dialoga com o amor romântico, procurando afastar-se do que os nativos identificam como sentimentos negativos. Talvez não seja por acaso que nos blogues de submissas seja perceptível, logo de início, certa aura romântica.

A busca por uma intimidade relacional e a necessidade de sentido intenso na vida e na relação com o outro marcam o ideal amoroso ainda em voga, tanto quanto marcam a idealização das relações Ds. Para Lipovetsky (2007), o ideal do amor aparece, por um lado, como desestabilizador-intensificador do desejo e, por outro, como um agente de autolimitação e de regulação das pulsões. Esses dois aspectos estão interligados. Entre as pessoas submissas, que acreditam na possibilidade de vivência do amor nas relações Ds, percebe-se a primeira função do amor em ação, enquanto a segunda função do amor aparece amalgamada ao próprio ideal de submissão, que exige o controle de si e a regulação das pulsões, conforme os desejos e desígnios de quem domina. As relações “24/7” denunciam que, tanto para dominadores quanto para submissos, os desejos de gozo do sentido não deixaram para segundo plano o ideal de ser sujeito para o outro, de ser único. Lipovetsky aponta que o hedonismo moderno provocou menos o culto a um erotismo extremo e mais o crescimento de demandas por respeito, reconhecimento e atenção. Assim,

[s]e esta análise é justa, é provável que as circunstâncias impessoais do sexo não ultrapassem muito, no futuro, o estágio de fenômenos marginais ou periféricos. Em tempo de individualismo narcísico, afirma-se com novo vigor a exigência de qualidade nas relações íntimas, o que requer proximidade comunicacional ao mesmo tempo que reconhecimento e valorização subjetiva. Não um processo de dissolução do Eu nas confusões libidinais anônimas, mas, ao contrário, sua afirmação cada vez mais exigente em relação ao outro (LIPOVETSKY, 2007, p. 248, grifo meu).

Afinal, reiterando as palavras de Lipovetsky:

A satisfação que se tira da vida sexual não é apenas função do número de orgasmos: está ligada ao desejo do outro, aos laços de cumplicidade, ao charme da sedução, à intensidade dos sentimentos experimentados pelo outro (LIPOVETSKY, 2007, p. 304).

Ainda que dê grande ênfase ao erotismo e se organize a partir de determinadas práticas sexuais, as relações Ds, particularmente “24/7”, refletem precisamente o que Lipovetsky sinaliza como transcendente às relações meramente sexuais, ou seja, a afetividade, a cumplicidade, o ser alguém especial para o outro. O controle exercido pelo dominador sobre a submissa e a submissão dessa a esse controle são a confirmação de amor e compromisso existente entre ambos, constituindo-se nesse ponto – do exercício do controle – no avesso do relacionamento puro ou confluyente proposto por Giddens.

A seguir, apresenta-se uma tabela comparativa em que algumas características de cada amor abordado nesta pesquisa são elencadas. Creio que a tabela colabora com uma melhor sistematização de algumas das aproximações e tensões que envolvem as diferentes tipologias abordadas.

TABELA 2: Tipologias do amor

Categoria de análise	Amor romântico	Amor confluyente (GIDDENS, 1993)	Amor BDSM
Exclusividade sexual	Exclusividade sexual (GIDDENS, 1993).	Exclusividade sexual apenas se isto for acordado entre os parceiros.	Ressignificada, pois é definida em mão única: apenas a pessoa submissa se relacionará com um único dono.
Lugar do prazer sexual	Moderação sexual (o amor sublime deve predominar sobre o ardor sexual) (GIDDENS, 1993).	Prazer sexual recíproco; cultivo de habilidades sexuais; sexualidade é negociada como parte do relacionamento.	Busca primordial pelo prazer sexual. Aproxima-se do amor confluyente nos elementos citados.
Tipo de vínculo	Pressupõe um vínculo duradouro – “para sempre” – com o outro – “único” (GIDDENS, 1993).	Contingente. Primazia do “relacionamento especial” sobre a “pessoa especial”.	É também contingente. Aproxima-se do amor confluyente.
Relação de poder entre os envolvidos	Qualidade igualitária intrínseca à ideia de que um relacionamento pode derivar muito mais do envolvimento emocional de duas pessoas do que de critérios sociais externos (GIDDENS, 1993). Amar é viver em prol do outro sem limites (COSTA, 1998).	Requer igualdade sexual e emocional – igualdade na doação e no recebimento emocionais.	Dialoga com o amor confluyente, na medida em que prevê igualdade sexual e emocional, todavia, ressignifica o ideal de dedicação incondicional ao outro propalado pelo amor romântico, atrelando-o ao prazer erótico. Ou seja, no jogo erótico, o submisso dedica-se “incondicionalmente” ao seu dominador, dentro dos limites negociados.
Orientação sexual	Orientado sobretudo pelo casal heterossexual (GIDDENS, 1993).	Sexualidade negociada. Hétero/homoafetivo.	Hétero/homoafetivo. Aproximação com o amor confluyente.
Relação do eu com o outro	Projeção do eu sobre o outro (GIDDENS, 1993).	Abertura de um em relação ao outro.	Diálogo aberto; transparência, aproximando-se do amor confluyente.
Tipos de contrato	Contrato do “felizes para sempre”.	Contrato móvel, aberto à negociação dos direitos e deveres (intimidade democrática). Definição de limites claros.	Contrato móvel, negociado consensualmente, com definição clara dos limites. Aproximação com o amor confluyente.

Outros elementos do amor confluyente que poderiam se somar a essa tabela, com os quais o amor BDSM converge, são: a comunicação livre e aberta entre os envolvidos para dar conhecimento das peculiaridades de si para o outro; autoidentidade negociada a partir da autoexploração e do desenvolvimento da intimidade com o outro; e a própria sexualidade plástica, ou seja, aquela livre do imperativo da reprodução. Logo, o quadro delineado permitir perceber pontos de convergência e ressignificação entre os diferentes tipos de amor abordados, o que parece indicar que o amor BDSM se insere entre os pilares da subjetividade contemporânea, a despeito do estigma que recai sobre o grupo, e negocia elementos tanto do amor confluyente quanto do amor romântico.

No capítulo seguinte, delineiam-se algumas considerações acerca do universo BDSM e o amor, que finalizam esta investigação.

Considerações finais

A subcultura BDSM organiza-se em torno de práticas sexuais consideradas parafilias pela Psiquiatria, conforme o Manual de Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais. Sua última revisão foi publicada em 2013. Nessa, a despeito da sugestão de despatologização do sadomasoquismo e do fetichismo pelo grupo de pesquisadores responsável pela revisão das parafilias, decidiu-se por mantê-las no compêndio.

Esta investigação se desenvolveu a partir da hipótese de que o BDSM desarruma certas convenções sociais, com as quais dialoga, como a matriz heteronormativa e os papéis de gênero, denunciando seu caráter contingencial. Supôs-se que, nesse processo, acabasse por ocorrer o esgarçamento das fronteiras do que é considerado sexualmente normal, bem como a resignificação de alguns elementos, particularmente o amor, foco desta pesquisa.

Entendendo transgressão como expressão que perturba a norma, tal qual definida por Bataille (2013), de fato, a prática BDSM, no limite, parece ser contestatória, como salienta Gregori (2015). Ao longo desta pesquisa, foi possível identificar alguns aspectos presentes no universo BDSM analisado (tanto a partir da observação de campo, quanto da análise bibliográfica), que desarrumam certas convenções sociais, que foram reapropriadas por esse universo:

- 1) conforme Zilli (2007), o paradigma da doença é questionado a partir da apropriação dos mesmos princípios científicos (de danos à vida social do indivíduo, por exemplo), que podem enquadrá-la como tal;
- 2) recusa à sexualidade convencionalmente afirmada como normal, como assinala Leite Júnior (2006), associada à ênfase em um “sexo, por vezes, sem sexo”, ou seja, a relação sexual sem necessariamente ocorrer a penetração do pênis no corpo do outro. Os adeptos do BDSM desconstroem a prática sexual como exclusivamente genital e o lugar biológico do sexo, centrado nos órgãos genitais (FOUCAULT, 2004).

Da perspectiva de Beatriz Preciado (2011a), o sexo é uma tecnologia de dominação heterossexual. Isso porque o sexo, tal como está dado, reduz o corpo a zonas erógenas em função de uma distribuição assimétrica do poder entre os gêneros. A masculinidade e a feminilidade foram produzidas e os corpos fragmentados, a fim de se identificar a natureza e a anatomia da diferença sexual, para a qual se estabeleceram valores distintos. Tomando por base a interpretação de Preciado, pode-se inferir o forte potencial transgressor que a prática BDSM impõe a essas convenções de gênero;

- 3) ao erotizar o poder, revela, por meio de seus jogos, diversos traumas sociais relacionados ao exercício do poder de uns sobre outros, como o sexismo, o autoritarismo, a escravidão (MCCLINTOCK, 1993);
- 4) a desigualdade de poder vigente na hierarquia de gênero parece ser um dos mais poderosos “gatilhos”, conforme definição de Zilli (2007), para obtenção de prazer sexual, haja vista ser um dos elementos centrais da transgressão BDSM. Segundo Gregori (2014b), a partir de uma posição sempre relacional, dominador e submisso parodiam as assimetrias de poder entre os gêneros e a própria dicotomia que relaciona o papel sexual “ativo” ao homem e o “passivo” à mulher: seja acentuando ao máximo possível o poder do homem sobre a mulher, dando à paródia um efeito caricatural, o que causa a sensação de inapropriado, seja, ao contrário, concedendo à mulher o poder tradicionalmente masculino;
- 5) os jogos entre parceiros tanto heterossexuais, quanto homossexuais têm curso no meio BDSM, ainda que pouco material tenha sido obtido a respeito do homoerotismo nesse espaço. Essas experiências negam a existência de uma lei “natural”, que determina que homens só podem se relacionar sexualmente com mulheres e vice-versa, denunciando o caráter contingente dessa lei, construída por convenções sociais (BUTLER, 2008b); e
- 6) a clássica exclusividade sexual, conforme esta investigação, também é questionada ao se definir que nesse universo cabe apenas à pessoa submissa mantê-la.

Verificou-se por meio deste trabalho que os tipos ideais de dominação e submissão são formulados pelo meio a partir da crença em uma essência dominadora ou submissa, sendo reconhecida, por vezes, como uma orientação sexual. Tais modelos ideais são amplamente difundidos pelo grupo e se percebe um consenso em torno dos direitos e deveres próprios a cada posição. Não se verificou nessa tipologia um recorte de gênero, exceto no que diz respeito às fantasias envolvidas. As reencenações do poder envolviam, de acordo com o gênero dos participantes, fantasias bastante específicas: uma das principais fantasias do par homem dominador e mulher submissa é a da mulher “puta”, não no sentido de “mulher pública”, pois a submissa pertence a um único dominador, mas de mulher que gosta de sexo e o experimenta intensamente. Ser “puta”, no contexto BDSM, parece relacionar-se com a expressão popular “puta na cama, dama na sociedade” e representa para as mulheres a possibilidade de experimentarem sua sexualidade de forma plena, livre de tabus e preconceitos. Por isso, algumas submissas, que se dizem feministas, defendem que não há conflito entre sua posição no BDSM e o feminismo, uma vez que, no meio BDSM, podem exercer livremente sua autonomia, seja na vivência intensa de sua sexualidade, seja no respeito ao seu poder de decisão: o “não” é “não”; é respeitado. Vale ressaltar que alguns adeptos defendem que é a pessoa submissa que detém o poder de definir os limites da prática. Tal qual Séverin, no romance erótico de Sacher-Masoch, a quem, como submisso, cabe seduzir e formar a mulher que ele deseja como dominadora, os submissos BDSM também possuem agência em suas relações, estabelecendo consensualmente com seus potenciais dominadores a forma como desejam ser submetidos. No par mulher dominadora e homem submisso, há fantasias como a do corneamento, da castidade e da inversão de papéis. Tais fantasias, como teatro da humilhação, tiram do homem sua virilidade “baunilha”. O “corno baunilha” é aquele que não é homem suficiente para manter sua mulher sob controle (FONSECA, 2000). O “corno BDSM” é aquele que, mesmo dando tudo o que sua dominadora requer, permitindo ser usado por ela, a vê com outros e se submete aos seus desejos, pois, afinal, tudo o que deseja é vê-la satisfeita. O “casto baunilha” também tem sua virilidade questionada pela sociedade. A quantidade de relações sexuais tem primazia sobre a qualidade da relação, sinalizando que, quanto mais relações, mais viril é um

homem (popularmente chamado de “pegador”). A castidade no BDSM é parte do treinamento do submisso; serve para torná-lo mais dócil e submetido aos caprichos de sua dominadora. Na inversão de papéis, é a mulher dominadora que penetra o ânus do homem submisso. Essa fantasia tem implicações simbólicas muito expressivas, uma vez que apenas os “machos” penetram o outro, seja ele homem ou mulher. É certo que relações homoafetivas igualitárias vêm sendo construídas, distante, portanto, desse paradigma, conforme sinaliza Fry (1982). No entanto, tal crença ainda tem seu lugar no imaginário machista. Assim, na fantasia de inversão de papéis, a penetração, em alguma medida, feminiza eroticamente o homem, ao mesmo tempo em que empodera a mulher dominadora, donde se pode concluir que a submissão parece ser pensada como uma categoria feminina (assim como a noção de “crescimento” e o amor são categorias mais recorrentes no discurso da submissão), enquanto a dominação, como categoria masculina, está atrelada ao talento/habilidade e ao autocontrole. Tanto no papel de dominadores quanto no de submissos, notou-se vigorar entre os homens BDSM um novo imperativo sexual, como já denunciou Lipovetsky (2007), em que a virilidade masculina é forçada a considerar o desejo feminino.

Tanto entre homens submissos, quanto entre mulheres dominadoras ou submissas, são comuns relatos que apontam para a liberdade obtida no BDSM de se viver plenamente suas fantasias em detrimento das determinações preestabelecidas pela sociedade. Uma liberdade atrelada à possibilidade de se arbitrar a própria vida, de ser autêntico e, conseqüentemente, feliz. Nas palavras de um adepto: “A busca da felicidade é a procura de se viver dentro do princípio da realidade interna de cada um”, o que é propiciado pelo BDSM no que tange às fantasias sexuais. Como bem pontua Bataille, o erotismo revela nuances do “avesso de uma fachada”, ou seja, traz à tona elementos de que normalmente se tem vergonha. Dessa perspectiva, pode-se especular que o erotismo BDSM, a partir da análise das fantasias envolvidas, tem por avesso, entre outros elementos, o amor libertino da “escrava” e o amor casto do submisso.

O BDSM, como subcultura, pode ser pensado a partir de duas perspectivas diferentes, que, no entanto, se complementam. As diversas ressignificações produzidas pelo BDSM parecem confluir para o que Preciado chamou de uma

nova sociedade contrassexual, que se dedicará a desconstruir sistematicamente a naturalização das práticas sexuais e do sistema de gênero, bem como proclamará a equivalência – e não a igualdade – de todos os corpos-sujeitos comprometidos com a busca do conhecimento acerca do prazer.

Soma-se a essa perspectiva a de Duarte (1999), que reconhece, na combinação do dispositivo da sensibilidade, terreno profícuo para o surgimento de novos comportamentos sexuais, entre os quais se pode incluir o BDSM. Esses novos comportamentos, tal como já acontece no BDSM, decorrem da incitação à sensibilidade em um sentido amplo, um estilo de vida que privilegia o novo em detrimento ao “tradicional”, o acelerado desenvolvimento de tecnologias voltadas para o corpo (dos brinquedos sexuais a técnicas de amarração do corpo, por exemplo), o que inclui a otimização do uso do corpo (o sexo que transcende os órgãos genitais; os limites físicos e psíquicos, que precisam ser paulatinamente superados para o crescimento dos submissos). Encontra-se, ainda, confluência com outros paradigmas da hipermodernidade, como a busca pelo máximo desenvolvimento da potencialidade de cada um, por meio do autoconhecimento e do autodesenvolvimento, o que, conseqüentemente, acarreta o progresso da humanidade; o uso da razão na experimentação do mundo atrelada à exacerbação da sensorialidade.

Tal como se intuiu inicialmente, o amor BDSM, sob alguns aspectos, aproxima-se do amor confluyente; todavia, sob outros aspectos, ressignifica elementos do amor romântico. Longe, portanto, de estar descolado do contexto social contemporâneo, o “amor BDSM” revela um amor em tensão, entre o clássico amor romântico e outro amor, que Giddens denominou de confluyente.

O amor é um assunto recorrente e polêmico no meio. Há um grupo que defende que não deve existir amor entre os parceiros, uma vez que tal sentimento atrapalharia o bom andamento, ora dos jogos (o dominador pode restringir a prática de certas torturas em sua submissa), ora das relações (a submissa pode ter dificuldades em aceitar que o dominador não lhe pertence, por exemplo). Esse grupo, no entanto, não foi localizado na pesquisa de campo. Ele surge a partir da fala daqueles que defendem o amor. Ser contra o amor no BDSM parece ser,

portanto, uma categoria acusatória. Entre os favoráveis ao amor, percebem-se duas vertentes.

A primeira compõe-se por dominadores e submissas que acreditam que o amor representa um grande desafio para os envolvidos, porque ele traz em si elementos que se opõem diretamente ao ideário BDSM, tais como ciúme, insegurança, desejo de posse; sentimentos esses próprios, segundo os adeptos, do universo “baunilha” – logo, totalmente rejeitados pelo grupo. Não se pode esquecer que o BDSM se organiza como um universo à parte, um universo intensamente excitante e estimulante, bem diferente do que chamam de universo “baunilha”. A separação entre um e outro é forjada por rituais, liturgias que institucionalizam as práticas BDSM como tal. Um adepto chegou a afirmar que, se os “tapas” acontecerem fora desse cerimonial, eles nada mais são que pancadaria. É o cerimonial que chancela o “tapa” como elemento erótico. Nesse grupo, encontram-se alguns dominadores e muitas pessoas submissas. Entre as submissas, é comum condicionar a submissão à existência prévia do amor pelo dominador.

A segunda vertente é defendida por pessoas submissas que acreditam que o amor ao dominador é, ao contrário do primeiro grupo, uma extensão do amor que sentem pela própria submissão. Ou seja, amam tanto se submeter que, conseqüentemente, acabam por amar também os seus dominadores. Como uma adepta afirmou: **“o amor submisso advém da própria submissão e não da pessoa que empunha o chicote.”**

Em um meio altamente erotizado como o BDSM, que diz prescindir do amor por ser essencialmente erótico, verificou-se, paradoxalmente, uma preocupação em definir os contornos de um amor possível, o que parece ressoar as palavras de Lipovetsky (2007, p. 247): **“nas sociedades hiperindividualistas, os desejos de gozo dos sentidos, por mais onipresentes que sejam, não fizeram de modo algum passar ao segundo plano o ideal de ser sujeito para o outro, de ser uma pessoa insubstituível, única.”**

Tanto Lipovetsky quanto Giddens percebem mudanças importantes na forma como o amor é imaginado e vivido atualmente. Há convergência entre os pensadores no que tange às transformações sinalizadas. No entanto, a visão de Lipovetsky é um tanto sombria. Ele percebe que não se trata de uma sexualidade monádica vencedora, mas de um modelo calcado na intersubjetividade, na integração com a alteridade desejante do outro, ainda que esteja em via de ser estruturada pela lógica do que chamou de turboconsumismo, que, em última análise, pode ser traduzido, por exemplo, pelo próprio “zapping dos corações”, ou seja, a efemeridade das relações amorosas, o que acarreta uma alternância recorrente entre estados de felicidade e de tristeza, de exaltação e de prostração. Por outro lado, Giddens compreende a ascensão do imperativo da democracia sexual, que particularmente beneficia as mulheres, embora não somente a elas, historicamente reprimidas sexualmente pelo paradigma das mulheres respeitáveis e das não respeitáveis.

Entre o amor tal qual caracterizado por Lipovetsky e, particularmente, por Giddens e o “amor BDSM”, há uma significativa confluência, demonstrando o quanto o BDSM, apesar de se colocar como um universo à parte do mundo “baunilha”, na verdade, encontra-se no interior mesmo da subjetividade contemporânea, não se constituindo, portanto, na excrescência que o estigma social insiste em imputar ao grupo.

Alguns aspectos da tipologia do “amor BDSM”, embora próximos a valores do amor confluyente, possuem dinâmicas fortemente atreladas à forma como o BDSM se constitui. Logo, a exclusividade sexual, por exemplo, requisito do amor romântico, encontra-se no amor confluyente vinculado a um acordo prévio entre os parceiros, sendo, no BDSM, prerrogativa do dominador apenas. Se, no amor confluyente, o controle de um sobre o outro foi abolido, no BDSM, ele é condição *sine qua non* para a existência da própria relação Ds. Infere-se, em vista disso, que, por mais próximo que o “amor BDSM” esteja do amor confluyente, ele possui certas nuances, sutilezas, que o especificam, talvez porque enfim ele se coloque como um universo à parte do mundo da vida cotidiana.

As relações BDSM não só erotizam o poder, como são em si, porque eróticas, marcadas pelo domínio da violência, conforme defende Bataille. Para o autor, o erotismo viola o ser constituído na descontinuidade para levá-lo à continuidade, e por isso é sempre o mais violento dos atos. Na obra de Bataille, pautada por dicotomias como homem/mulher, masculino/feminino, é a parte feminina que se dissolve como ser constituído para preparar a fusão dos dois seres (masculino e feminino), a fim de que ambos cheguem juntos ao mesmo ponto de dissolução. Uma dissolução que promove a continuidade entre eles. Não surpreende que alguns nativos do BDSM relatem uma simbiose (a capacidade de falar pelo outro, haja vista o tanto que se conhece dele) entre os parceiros. Aparentemente, diria-se que é a parte submissa que se dissolve no BDSM. No entanto, dominador e submisso devem ser apreendidos sempre de forma relacional, um forma o outro em um ciclo contínuo, sendo, no fundo, difícil dizer quem domina e quem se submete. O peso do chicote liga a mão que o empunha ao corpo que o recebe. Essa, sim, parece ser uma das dimensões veladas do jogo, contida nas entrelinhas, tal como Séverin forma sua Vênus das Peles para que essa, por sua vez, o submeta. Nesse sentido, a possibilidade de continuidade que Bataille prevê no erotismo e a simbiose revelada por BDSMistas são traduções próximas para um mesmo fenômeno de arrebatamento do ser de sua profunda solidão.

Nesse universo, ninguém duvida que as motivações sejam de ordem erótica, mas, ao contrário, muitos se perguntam se seria possível chamar essas relações de relações amorosas. No bojo desse erotismo, o “amor BDSM” encontra seu lugar, revelando o desejo de ser alguém para o outro. Bebendo, em grande medida, de um imaginário que reformula o amor romântico, denunciando seu caráter datado, o “amor BDSM”, por sua vez, ressignifica alguns elementos “novos”, tecendo-os delicadamente a partir de seu próprio imaginário.

Glossário

BDSMistas – adeptos do BDSM.

Bottom – aquele(a) que se submete no jogo erótico.

Cena – comumente utilizada para referir-se a uma atividade ou jogo específico do BDSM; também pode significar comunidade.

Chuva de prata – relaciona-se a práticas sexuais que envolvem a erotização de suor, cuspe ou líquidos sexuais (esperma e gozo feminino).

Domme – sinônimo de mulher dominadora.

Dominatrix – mulher profissional que exerce o papel de dominação e recebe um tributo por isso.

FemDom – do inglês, Female Domination, ou Fêmea dominante.

Fist fuck – penetração com o punho no ânus ou na vagina.

LezDom – do esloveno, origem não confirmada, ²¹³ lezbijka dominacija; ou, do inglês, Lesbian Domination. Em português, é traduzido por Lésbica Dominante ou Dominação Lésbica.

Money slave – fantasia em que o submisso é explorado financeiramente e/ou sustenta uma dominadora.

Munch – reunião informal promovida por praticantes do BDSM, que geralmente ocorre em bares ou restaurantes, para conhecer pessoas novas, inclusive as “curiosas”, interessadas em informações.

ProDom – homem profissional que exerce o papel de dominação e recebe um tributo por isso.

ProDomme – o mesmo que Dominatrix.

Relação “24/7” – relação de dominação e submissão que se desenvolve durante as 24 horas do dia e em todos os dias da semana.

Safeword ou code word – palavra ou gesto de segurança.

²¹³ Conforme o blogue: <<http://www.pensamentoindecete.com/2012/02/bdsm-femdom-lezdom-dominacao-feminina.html?zx=b561f6a6143a84>>.

Shibari – técnica oriental de amarração do corpo que prima pela beleza artística. Além disso, os “nós” costumam ser feitos próximos a regiões erógenas específicas.

Sissy-maid – práticas em que o homem assume a aparência, vestimentas, maquiagem e atividades ou personagens femininos.

Spanking – prática de palmadas ou chicotadas em algumas partes do corpo.

Subspace – estado psicológico alterado semelhante a um transe hipnótico, no qual, conforme a adepta Lady Eve²⁶, a pessoa submissa consegue se separar mentalmente do ambiente físico, enquanto processa a experiência vivida.²¹⁴

Switchers – praticantes de BDSM que ora assumem a posição de dominação, ora a de submissão, em momentos diferentes, com os mesmos parceiros ou não.

Top – aquele(a) que detém o poder no jogo erótico.

214 Disponível em: <<http://feticheclub.com.br/sub-space-sub-trop-e-sub-burnout-por-ladyeve26/>>.

Referências bibliográficas

ABREU, Maira. Dicionário crítico do feminismo. **Cadernos Pagu**, n. 36, p. 405-415, jan.-jun. 2011. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/cpa/n36/n36a17.pdf>>. Acesso em: 15 mar. 2014.

ADELMAN, Miriam. **No caminho da igualdade?** Relações de gênero e poder no casamento. [s.d.] Disponível em: <biblioteca.clacso.edu.ar/ar/libros/anpocs/adelman.rtf>. Acesso em: 4 out. 2014.

_____. Para além dos discursos: o poder da afetividade. **Cadernos Pagu**, n. 23, p. 389-397, jul.-dez. 2004. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-83332004000200013&script=sci_arttext>. Acesso em: 5 abr. 2014.

_____. Por amor ou por dinheiro? Emoções, discursos, mercados. **Revista Contemporânea**, n. 2, p. 117-138, jul.-dez. 2011. Disponível em: <<http://www.contemporanea.ufscar.br/index.php/contemporanea/article/view/43>>. Acesso em: 30 jul. 2014.

ALMEIDA, Marlise Míriam de Matos. Masculinidades: uma discussão conceitual preliminar. In: PUPPIN, Andréa Brandão; MURARO, Rose Marie (Org.). **Mulher, gênero e sociedade**. Rio de Janeiro: Relume-Dumará/Faperj, 2001.

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. **Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders** (Third Edition). Washington: Library of Congress, 1980. Disponível em: <<http://www.terapiacognitiva.eu/dwl/dsm5/DSM-III.pdf>>. Acesso em: 20 jun. 2015.

_____. **Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais: DSM-4**. 4. ed. 1994. Disponível em: <http://www.psiquiatriageral.com.br/dsm4/sub_index.htm>. Acesso em: 20 jun. 2015.

_____. **Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais: DSM-5**. 5. ed. Porto Alegre: Artmed, 2014.

ARÁN, Márcia; PEIXOTO JÚNIOR, C. A. Subversões do desejo: sobre gênero e subjetividade em Judith Butler. **Cadernos Pagu**, n. 28, p. 129-147, jan.-jun. 2007. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/cpa/n28/07.pdf>>. Acesso em: 17 ago. 2009.

AYRES, Raquel. Prazer sem limite: homem e mulher; dono(a) e escravo(a); um pouco sobre o universo do BDSM, onde a dor física e psicológica é parte do jogo. **Revista Viver Brasil**, n. 43, 8 a 13 set. 2010. Disponível em:

<<http://www.revistaviverbrasil.com.br/impresao/materia/51/sexo/prazer-sem-limite/>>. Acesso em: 11 dez. 2013.

BATAILLE, Georges. **O erotismo**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013.

BAUMAN, Zygmunt. **Amor líquido**. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.

BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo: a experiência vivida**. v. 2. São Paulo: Divisão Europeia do Livro, 1970. Disponível em: <<http://brasil.indymedia.org/media/2008/01//409680.pdf>>. Acesso em: 18 nov. 2013.

BECKER, Howard S. **Outsiders: estudos de sociologia do desvio**. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

BERNSTEIN, Elizabeth. Buying and Selling the “Girlfriend Experience”: The Social and Subjective Contours of Market Intimacy. In: PADILLA, Mark B. et al. **Love and Globalization: Transformations of Intimacy in the Contemporary World**. Tennessee: Vanderbilt University Press, 2007.

BEZERRA JR., Benilton. A psiquiatria e a gestão tecnológica do bem-estar. In: FREIRE FILHO, João. **Ser feliz hoje: reflexões sobre o imperativo da felicidade**. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2010.

BOZON, Michel. **Sociologia da sexualidade**. Rio de Janeiro: FGV, 2004.

BROME, Gloria G.; BROME, William D.; JACOBS, Jon. **Different Loving: The World of Sexual Dominance & Submission**. Nova York: Villard, 1993.

BRAZ, Camilo Albuquerque de. Nem toda nudez será castigada: sexo, fetiche e s/m entre homens em São Paulo. **Ponto Urbe – Revista do Núcleo de Antropologia Urbana da USP**, ano 1, versão 1.0, 2007.

BRITTES, Rogério. **Bondage, dominação e sadomasoquismo: esboço de uma teoria etnográfica na rede BDSM**. Monografia apresentada à Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. Minas Gerais: Universidade Federal de Minas Gerais, 2006.

BUTLER, Judith. Against Proper Objects. **Differences: A Journal of Feminist Cultural Studies**, v. 6, p. 1-26, Summer-Fall 1994. Disponível em: <<http://www.egs.edu/faculty/judith-butler/articles/against-proper-objects/>>. Acesso em: 15 jan. 2015.

_____. **Undoing Gender**. Nova York: Routledge, 2004.

_____. **Cuerpos que importan: sobre los limites materiales y discursivos del “sexo”**. Buenos Aires: Paidós, 2008a.

_____. **Problemas de gênero** – feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008b.

CALIFIA, Pat. A personal view of the history of the lesbian S/M community and movement in San Francisco. In: SAMOIS. **Coming to power**. Boston: Alyson Publications, 1987.

CAMARGO, Michelle Alcântara. “Manifeste-se, faça um zine!”: uma etnografia sobre “zines de papel” feministas produzidos por minas do rock (São Paulo, 1996-2007). **Cadernos Pagu**, n. 36, p. 155-186, jan.-jun. 2011. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/cpa/n36/n36a7.pdf>>. Acesso em: 10 mai. 2014.

CARDOSO, Daniel. **Pluralidades eróticas**. Disponível em: <http://www.consensual.org.pt/joomla/index.php?option=com_content&view=article&id=33:generalista&catid=15:textos-de-autor&Itemid=187>. Acesso em: 13 mai. 2013.

CARRARA, Sérgio. Só os viris e discretos serão amados? **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 19 jun. 2005. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/mais/inde19062005.htm>> Acesso em: 2 mar. 2007.

_____. Políticas e direitos sexuais no Brasil contemporâneo. **Bagoas: Revista de Estudos Gays**, v. 4, p. 131-149, 2010.

_____; VIANNA, Adriana.. Os direitos sexuais e reprodutivos no Brasil a partir da “Constituição Cidadã”. In: OLIVEN, R. G. et al. **A Constituição de 1988 na vida brasileira**. São Paulo: Aderaldo e Rothschild, 2008. p. 334-359.

CARVALHO, Alix de. Colectando com Margaret Mead pelo Pacífico Sul. **Episteme**, Porto Alegre, n. 20, suplemento especial, p. 81-91, jan./jun. 2005.

CASTRO, Carol. Cinquenta tons de rosa. **Revista Super Interessante**. São Paulo: Editora Abril, jan. 2013.

CHODOROW, Nancy. **The Power of Feelings: Personal Meaning in Psychoanalysis, Gender, and Culture**. New Haven: Yale University Press, 2001.

COSTA, Ana Alice Alcântara. O movimento feminista no Brasil: dinâmicas de uma intervenção política. **Labrys, Estudos Feministas**, jan./jul. 2005.

COSTA, J. F. **Sem fraude, nem favor: estudos sobre o amor romântico**. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

_____. Amor. **Folha de S. Paulo**, Caderno Mais!, 31 dez. 2000. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/mais/fs3112200003.htm>>. Acesso em: 4 abr. 2015.

DA MATTA, Roberto. **Carnavais, malandros e heróis**: para uma sociologia do dilema brasileiro. Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 1990.

_____. **A casa e a rua**: espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil. Rio de Janeiro: Ed. Rocco, 1997.

DELEUZE, Gilles. **Sacher-Masoch**: o frio e o cruel. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

DÍAZ-BENÍTEZ, Maria Elvira. Sexo com animais como prática extrema no pornô bizarro. **Cadernos Pagu**, n. 38, p. 241-279, jan.-jun. 2012. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-83332012000100009&script=sci_abstract&tlng=pt>. Acesso em: 18 nov. 2013.

_____; FÍGARI, Carlos Eduardo (Org.). Prazeres dissidentes. Coleção: **Sexualidade, gênero e sociedade**. Rio de Janeiro: Editora Garamond, 2009.

DIP, Andrea. Prazer e castigo. **Revista Status**, 5 out. 2011. Disponível em: <<http://www.revistastatus.com.br/2011/10/05/prazer-e-castigo>>. Acesso em: 18 nov. 2013.

DOUGLAS, Mary. **Pureza e perigo**. São Paulo: Perspectiva, 1966.

DUARTE, Luiz Fernando Dias. O império dos sentidos: sensibilidade, sensualidade e sexualidade na cultura ocidental moderna. In: HEILBORN, Maria Luiza (Org.). **Sexualidade**: o olhar das ciências sociais. Rio de Janeiro: Zahar, 1999.

_____. A sexualidade nas ciências sociais: leitura crítica das convenções. In: PISCITELLI, Adriana; GREGORI, Maria Filomena; CARRARA, Sérgio (Org.). **Sexualidades e saberes, convenções e fronteiras**. Rio de Janeiro: Garamond, 2004.

_____. Aonde caminha a moralidade? **Cadernos Pagu**, n. 41, p. 19-27, jul.-dez. 2013. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-83332013000200003&lng=pt&tlng=pt>. Acesso em: 15 nov. 2014.

DUQUE, Tiago. Sexualidade, gênero e abjeção: uma reflexão sobre direitos humanos e LGBT no Brasil. In: **I Seminário Nacional Sociologia e Política**. Curitiba: UFPR, 2009. Disponível em: <<http://www.humanas.ufpr.br/site/evento/SociologiaPolitica/GTs-ONLINE/GT1/EixoIII/sexualidade-generoTiagoDuque.pdf>>. Acesso em: 22 jan. 2014.

ELIAS, Norbert. **O processo civilizador**. v. 2: Formação do Estado e civilização. Rio de Janeiro: Zahar, 1993.

_____. **O processo civilizador**. v. 1: Uma história dos costumes. Rio de Janeiro: Zahar, 1994.

ENGELS, Friedrich. **A origem da família, da propriedade privada e do Estado.** Disponível em: <dhnet.org.br/.../hdh_engels_origem_propriedade_privada_estado.pdf>. Acesso em: 5 jan. 2015.

FACCHINI, Regina. **Sopa de letrinhas?** Movimento homossexual e produção de identidades coletivas nos anos 90. Rio de Janeiro: Garamond, 2005.

_____. **Entre umas e outras:** mulheres, (homo)sexualidades e diferenças na cidade de São Paulo. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Unicamp, Campinas, 2008.

_____. **Comunidades imaginadas:** uma reflexão a partir de mulheres que têm relações erótico-afetivas com mulheres no “meio BDSM”. In: GAT 7: Sociabilidades, práticas sexuais dissidentes e marcadores de diferença do VIII ENUDS. Unicamp, Campinas, 8 a 12 out. 2010.

_____. **Comunidades imaginadas:** um olhar sobre comunidades políticas a partir de mulheres que se relacionam com mulheres no meio BDSM. Revista Pensata, v. 1, n. 2, jun.2012. Disponível em: <<http://www2.unifesp.br/revistas/pensata/wp-content/uploads/2012/06/REVISTA-PENSATA-V1N2-JUNHO-DE-2012.pdf>>. Acesso em: 30 mai. 2015.

_____. “Praticamos SM, repudiamos agressão”: classificações, redes e organização comunitária em torno do BDSM no contexto brasileiro. **Sexualidad, Salud y Sociedad – Revista Latinoamericana**, n. 14, ago. 2013. Disponível em: <<http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/SexualidadSaludySociedad/article/view/6982>>. Acesso em: 25 jan. 2014.

_____; FERREIRA, C. B. C. Medicalização, sexualidade e gênero: sujeitos e agenciamentos. **Sexualidad, Salud y Sociedad**, Rio de Janeiro, p. 164-171, 2013. Disponível em: <<http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/SexualidadSaludySociedad/article/view/6981>>. Acesso em: 14 mar. 2014.

FACCHINI, Regina; MACHADO, Sarah Rossetti. Do sadomasoquismo erótico ao BDSM: discursos de legitimação, direitos sexuais e convenções sociais sobre gênero e sexualidade no contexto brasileiro pós-redemocratização. In: **Seminário Internacional Fazendo Gênero 10**, Florianópolis, 2013. Disponível em: <http://www.fazendogenero.ufsc.br/10/resources/anais/20/1386613668_ARQUIVO_ReginaFacchini.pdf>. Acesso em: 7 abr. 2014.

FACIOLI, Lara. **Quem tem medo da periguete?** Disponível em: <<http://www.ufscar.br/cis/2013/02/quem-tem-medo-da-periguete/>>. Acesso em: 18 mar. 2014.

FONSECA, Cláudia. **Família, fofoca e honra**. Etnografia das relações de gênero e violência em grupos populares. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2000.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Graal, 1979.

_____. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. Petrópolis: Vozes, 1987.

_____. **História da sexualidade: o uso dos prazeres**. Rio de Janeiro: Graal, 2003.

_____. Michel Foucault, uma entrevista: sexo, poder e a política da identidade. **VERVE: Revista Semestral do NU-SOL** (Núcleo de Sociabilidade Libertária), São Paulo, n. 5, p. 260-277, mai. 2004. Disponível em: <<http://revistas.pucsp.br/index.php/verve/article/viewFile/4995/3537>>. Acesso em: 10 dez. 2013.

_____. **História da sexualidade: a vontade de saber**. Rio de Janeiro: Graal, 2010.

FRAGOSO, Suely; RECUERO, Raquel; AMARAL, Adriana. **Métodos de pesquisa para internet**. Porto Alegre: Sulina, 2013.

FREIRE, Isabel. Retrato de um sadomasoquista. **Revista Notícias Sábado**, 17 abr. 2008.

FREITAS, Fátima Regina Almeida de. Sobre dominação / submissão e sadomasoquismo na margem. In: **Grupo de trabalho 18: Corpos, sexualidades, identidades dissidentes: que direitos, quais desejos**. 27ª Reunião Brasileira de Antropologia. Belém, 1º a 4 ago. 2010a. Disponível em: <http://www.abant.org.br/conteudo/ANAIS/CD_Virtual_27_RBA/arquivos/grupos_trabalho/gt18/fraf.pdf>. Acesso em: 30 mai. 2014.

_____. Sub, Domme ou Switcher? Etnografando práticas sexuais que envolvem prazer, dor e poder em contextos consensuais. In: **I Seminário de pesquisa da Faculdade de Ciências Sociais**, Goiânia, 2010b.

_____. **Bondage, dominação / submissão e sadomasoquismo: uma etnografia sobre práticas eróticas que envolvem prazer e poder em contextos consensuais**. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2012. Disponível em: <http://www.sertao.ufg.br/up/16/o/Disserta%C3%A7%C3%A3o_F%C3%A1tima_Freitas.pdf>. Acesso em: 25 mai. 2014.

FRITSCHER, Jack. **The catacombs: fistfucking in a handball palace**. Jul. 1978. Disponível em: <<http://www.jackfritscher.com/PDF/Drummer/Catacombs%2003.pdf>>. Acesso em: 2 jul. 2014.

FRY, Peter. **Para inglês ver: identidade e política na cultura brasileira**. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.

_____; MACRAE, Edward. **O que é homossexualidade**. São Paulo: Brasiliense, 1985.

GAGNON, John H. **Uma interpretação do desejo: ensaios sobre o estudo da sexualidade**. Rio de Janeiro: Garamond, 2006.

GALLINA, Justina Franchi. (Por) Quê corpo importa? Uma alteridade Queer no cinema independente norte-americano. In: **Fazendo Gênero 7**, 2006, Florianópolis. Anais Fazendo Gênero 7 – ST16 – Sexualidades, corporalidades e transgêneros: narrativas fora da ordem, 2006. p. 3-4. Disponível em: <http://www.fazendogenero.ufsc.br/7/artigos/J/Justina_Franchi_Gallina_16.pdf>. Acesso em: 29 dez. 2013.

GENNEP, Arnold van. **Os ritos de passagem: estudo sistemático dos ritos da porta e da soleira, da hospitalidade, da adoção, gravidez e parto, nascimento, infância, puberdade, iniciação, ordenação, coroação, noivado, casamento, funerais, estações etc**. Petrópolis: Vozes, 2011.

GIACOMINI, Sônia Maria. **A alma da festa: família, etnicidade e projetos num clube social da Zona Norte do Rio de Janeiro – o Renascença Clube**. Rio de Janeiro: Iuperj, 2006.

GIDDENS, Anthony. **A transformação da intimidade: sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas**. São Paulo: Editora Unesp, 1993.

_____. **Modernidade e identidade**. Rio de Janeiro: Zahar, 2002.

GOFFMAN, Erving. **Ritual de interação: ensaios sobre o comportamento face a face**. Petrópolis: Vozes, 2011.

_____. **A representação do eu na vida cotidiana**. Petrópolis: Vozes, 2013.

GONÇALVES, Eliane; PINTO, Joana Plaza. Reflexões e problemas da “transmissão” intergeracional no feminismo brasileiro. **Cadernos Pagu**, n. 36, p. 25-46, jan.-jun. 2011. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/cpa/n36/n36a3.pdf>>. Acesso em: 27 mar. 2014.

GONÇALVES, José Reginaldo. Autenticidade, memória e ideologias nacionais: o problema dos patrimônios culturais. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 2, p. 264-275, 1988. Disponível em: <<http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/2163>>. Acesso em: 2 jul. 2015.

GONÇALVES, Márcio Souza. Amores virtuais. **Revista Logos**, ano 6, n. 10, 1º semestre 1999.

_____. Novas tecnologias de comunicação: discussões paradigmáticas. In: **XXVI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**. Belo Horizonte, 2 a 6 set. 2003. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2003/www/pdf/2003_NP08_goncalves_marcio.pdf>. Acesso em: 17 jun. 2015.

GREGORI, Maria Filomena. Relações de violência e erotismo. **Cadernos Pagu**, n. 20, p. 87-120, 2003. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/cpa/n20/n20a03.pdf>>. Acesso em: 10 nov. 2013.

_____. Prazer e perigo: notas sobre feminismo, sex-shops e S/M. In: PISCITELLI, Adriana; GREGORI, Maria Filomena; CARRARA, Sérgio (Org.). **Sexualidade e saberes: convenções e fronteiras**. Rio de Janeiro: Garamond, 2004.

_____. Limites da sexualidade: violência, gênero e erotismo. **Revista de Antropologia**, São Paulo, USP, v. 51, n. 2, 2008. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/ra/article/view/27290>>. Acesso em: 5 nov. 2013.

_____. Práticas eróticas e limites da sexualidade: contribuições de estudos recentes. **Cadernos Pagu**, n. 42, p. 47-74, jan.-jun. 2014a. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/ra/article/download/27290/29062>>. Acesso em: 2 jan. 2015.

_____. **SM**. 2014b. [Mimeo].

_____. Prazeres perigosos: contrato, consentimento e a erotização de corpos em cenários sadomasoquistas. **Revista Etnográfica**, v. 19, n. 2, 2015. Disponível em: <<http://cria.org.pt/site/revista-etnografica.html>>. Acesso em: 2 jul. 2015.

_____; DÍAZ-BENÍTEZ, Maria Elvira. Apresentação. **Cadernos Pagu**, n. 38, p. 7-12, jan.-jun. 2012. Disponível em: <<http://pt.scribd.com/doc/134696909/Cadernos-Pagu-No-38-2012-Dossie-Pornos>>. Acesso em: 28 nov. 2013.

GROZS, Elizabeth. Corpos reconfigurados. **Cadernos Pagu**, n. 14, p. 45-86, 2000.

HARAWAY, Donna; KUNZRU, Hari; TADEU, Tomaz (Org.). **Antropologia do ciborgue: as vertigens do pós-humano**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.

ILLOUZ, Eva. **O amor nos tempos do capitalismo**. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

JAMES, E. L. **Cinquenta tons de cinza**. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2012a.

_____. **Cinquenta tons mais escuros**. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2012b.

_____. **Cinquenta tons de liberdade**. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2012c.

KRISTEVA, Julia. **Poderes de la perversión**. Disponível em: <<http://pt.scribd.com/doc/252361084/Kristeva-Poderes-de-La-Perversion#scribd>>. Acesso em: 15 jan. 2015.

KULICK, Don. Pornô. **Cadernos Pagu**, n. 38, jan./jun. 2012. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-83332012000100008&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt>. Acesso em: 18 nov. 2013.

KUNZRU, Hari. “Você é um ciborgue”. Um encontro com Donna Haraway. In: HARAWAY, Donna; KUNZRU, Hari; TADEU, Tomaz (Org.). **Antropologia do ciborgue: as vertigens do pós-humano**. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

LANTERI-LAURA, Georges. **Leitura das perversões: história de sua apropriação médica**. Rio de Janeiro: Zahar, 1994.

LE BRETON, David. **A sociologia do corpo**. Petrópolis: Editora Vozes, 2010.

_____. **Antropologia da dor**. São Paulo: Editora Fap-Unifesp, 2013.

LEITE JÚNIOR, J. **Elementos para uma história do conceito de sadomasoquismo**. Relatório final da bolsa de Iniciação Científica PIBIC-CNPq do Projeto “Repercussões de Sade”. São Paulo: PUC, 2000a.

_____. **A cultura S&M**. Trabalho de conclusão do curso de Ciências Sociais. São Paulo: PUC, 2000b.

_____. **Das maravilhas e prodígios sexuais: a pornografia “bizarra” como entretenimento**. São Paulo: Annablume, 2006.

_____. Liturgia da dor. **Revista Sexos**, São Paulo, n. 4, dez. 2008.

_____. A pornografia contemporânea e a estética do grotesco. **Revista (In)visível**, edição zero, set. 2011. Disponível em: <<http://pt.scribd.com/doc/130883923/Revista-Invisivel-Zero-2011>>. Acesso em: 25 abr. 2014.

_____. Transitar para onde? Monstruosidade, (des)patologização, (in)segurança social e identidades transgêneras. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 20, n. 2, p. 559-568, mai.-ago. 2012. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ref/v20n2/v20n2a16.pdf>>. Acesso em: 30 abr. 2014.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: Ed. 34, 1999.

LINDEN, Robin Ruth. **Against Sadomasochism: A Radical Feminist Analysis**. East Palo Alto: Frog in the Well, 1983.

LINS, Regina Navarro. **A cama na varanda: arejando nossas ideias a respeito de amor e sexo**. Rio de Janeiro: BestSeller, 2014.

LIPOVETSKY, Gilles. **A felicidade paradoxal**: ensaio sobre a sociedade de hiperconsumo. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

LISPECTOR, Clarice. **Aprendizagem ou o Livro dos Prazeres**. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

LORBER, Judith. “Night to his Day”: The Social Construction of Gender. In: **Paradoxes of gender**. New Haven: Yale University Press, 1994. p. 13-36.

MARQUES, Vera Lúcia. **Da espetacularização à agenda política: uma leitura política do Movimento LGBT**. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008. Disponível em: <http://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/Busca_etds.php?strSecao=resultado&nrSeq=12442@1>. Acesso em: 18 jan. 2014.

MARX, Karl. **O capital**. Coimbra: Centelha – Promoção do Livro, SARL, 1974. Disponível em: <<http://www.marxists.org/portugues/marx/1867/ocapital-v1/index.htm>>. Acesso em: 11. set. 2014.

MATOS-SILVA, Mariana Santiago de. **“Teclando” com os mortos**: um estudo sobre o uso do Orkut por pessoas em luto. Tese (Doutorado em Psicologia) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2011. Disponível em: <http://www2.dbd.puc-rio.br/pergamum/tesesabertas/0710425_11_pretextual.pdf>. Acesso em: 17 jun. 2015.

MCCLINTOCK, Anne. Maid to Order: Commercial Fetishism and Gender Power. In: GIBSON, Pamela Church; GIBSON, Roma (Org.). **Dirty Looks**: Woman, Pornography, Power. Londres: British Film Institute, 1993. p. 87-116. Disponível em: <http://www.english.wisc.edu/amclintock/writing/Maid_article.pdf>. Acesso em: 30 dez. 2014.

_____. Couro imperial: raça, travestismo e o culto da domesticidade. **Cadernos Pagu**, n. 20, p. 7-85, 2003. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/cpa/n20/n20a02.pdf>>. Acesso em: 10 out. 2013.

MEAD, Margaret. **Sexo e temperamento**. São Paulo: Perspectiva, 2009.

MELO, Marília Loschi de. **A dor no corpo**: identidade, gênero e sociabilidade em festas BDSM no Rio de Janeiro. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2010.

MINER, Horace. Ritos corporais entre os naciema. In: ROONEY, A. K.; VORE, P. L. de (Org.). **You and the Others** – Readings in Introductory Anthropology. Cambridge: Erlich, 1976.

MISKOLCI, Richard. A teoria Queer e a sociologia: o desafio de uma analítica da normalização. **Sociologias**, Porto Alegre, ano 11, n. 21, jan./jun. 2009. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/soc/n21/08.pdf>>. Acesso em: 25 nov. 2013.

_____; PELÚCIO, Larissa (Org.). **Discursos fora de ordem: sexualidades, saberes e direitos**. São Paulo: Annablume, 2012.

_____; SIMÕES, Júlio Assis. Apresentação do dossiê: sexualidades disparatadas. **Cadernos Pagu**, n. 28, 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-83332007000100002&script=sci_arttext>. Acesso em: 1º dez. 2013.

MISSE, Michel. **O estigma do passivo sexual: um símbolo de estigma no discurso cotidiano**. Rio de Janeiro: Achiamé, 1979.

MONTEIRO, V.; AUGUSTA, N. **Dor no corpo e prazer na alma: a construção do significado e da identidade no BDSM**. 2012. Trabalho apresentado no VII Congresso Português de Sociologia, Porto, 2012.

MORAES, Eliane Robert. O efeito obsceno. **Cadernos Pagu**, n. 20, p. 121-130, 2003. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/cpa/n20/n20a04.pdf>>. Acesso em: 23 jun. 2014.

_____. **Lições de Sade: ensaios sobre a imaginação libertina**. São Paulo: Iluminuras, 2011.

NUNES, João Arriscado. Erving Goffman, a análise de quadros e a sociologia da vida quotidiana. **Revista Crítica de Ciências Sociais**, n. 37, jun. 1993. Disponível em: <<http://www.ces.uc.pt/publicacoes/rccs/artigos/37/Joao%20Arriscado%20Nunes%20-%20Erving%20Goffman,%20a%20Análise%20de%20Quadros%20e%20a%20Sociologia%20da%20Vida%20Quotidiana.pdf>>. Acesso em: 2 jul. 2015.

ORTNER, Sherry B. Está a mulher para o homem assim como a natureza para a cultura? In: ROSALDO, Michelle Zimbalist; LAMPHERE, Louise. **A mulher, a cultura e a sociedade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

PADILLA, Mark B. et al. **Love and Globalization: Transformations of Intimacy in the Contemporary World**. Tennessee: Vanderbilt University Press, 2007.

PARREIRAS, Carolina. Altporn, corpos, categorias e cliques: notas etnográficas sobre pornografia online. **Cadernos Pagu**, n. 38, jan./jun. 2012. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S0104-83332012000100007>>. Acesso em: 18 nov. 2013.

PISCITELLI, Adriana. **Re-criando a (categoria) mulher?** Campinas: IFCH/Unicamp, 2001.

_____; GREGORI, Maria Filomena; CARRARA, Sérgio. **Sexualidades e saberes: convenções e fronteiras**. Rio de Janeiro: Garamond, 2004.

PLUMMER, Kenneth. **Intimate Citizenship: Private Decisions and Public Dialogues**. Seattle: University of Washington Press, 2003.

_____. Foreword: Permanence and Change: Sexual Conduct Thirty Years On. In: GAGNON, John H.; SIMON, William. **Sexual Conduct: The Social Sources of Human Sexuality**. Washington: Library of Congress, 2009. Disponível em: <https://books.google.com.br/books?id=rycoaGg5H_IC&pg=PR14&lpg=PR14&dq=rela%C3%A7%C3%A3o+entre+gagnon+e+goffman&source=bl&ots=wIl7zrhcwF&sig=FFmhl5nBaK8YjGYKeQz3QZKZC0k&hl=pt-BR&sa=X&ei=aDKVVbSuHsv1-QG0rILgDg&ved=0CCUQ6AEwAQ#v=onepage&q=rela%C3%A7%C3%A3o%20entre%20gagnon%20e%20goffman&f=true>. Acesso em: 2 jul. 15.

POLICARPO, Verónica Mafalda Nunes de Melo. **Indivíduo e sexualidade: a construção social da experiência sexual**. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Universidade de Lisboa, Lisboa, 2011.

PRECIADO, Beatriz. **Manifesto contrasexual**. Barcelona: Editorial Anagrama, 2011a.

_____. Multidões Queer: notas para uma política dos “anormais”. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 19, n. 1, jan.-abr. 2011b. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-026X2011000100002&script=sci_arttext>. Acesso em: 25 jun. 2014.

PRINS, Baukje; MEIJER, Irene Costera. Como os corpos se tornam matéria: entrevista com Judith Butler. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 10, n. 1, jan. 2002. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ref/v10n1/11634.pdf>>. Acesso em: 19 abr. 2013.

RÉAGE, Pauline. **História de Ó**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2005.

REIERSOL, Odd; SKEID, Svein. **The ICD 11 Revision: Scientific and Political Support for the Revise F65 Reform**. Second Report to the World Health Organization. Oslo: World Health Organization, 2011. Disponível em: <<http://www.revisef65.org/supportWHO.html>>. Acesso em: 23 ago. 2014.

REZENDE, Claudia Barcellos. **Mágoas de amizade: um ensaio em antropologia das emoções**. *Revista Mana*, v. 8, n. 2, p. 69-89, 2002.

RODRIGUES, Carla. Butler e a desconstrução do gênero. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 13, n. 1, jan.-abr. 2005. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-026X2005000100012&script=sci_arttext>. Acesso em: 18 mai. 2013.

ROSA, Fernando Manuel André. **A construção da visibilidade LGBT: uma análise crítica do discurso jornalístico**. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Instituto Universitário de Lisboa, Lisboa, 2010. Disponível em: <http://bibliobase.sermais.pt:8008/BiblioNET/upload/PDF2/01087_A_Constru%C3%A7ao_da_visibilidade_LGBT_-_Uma_an%C3%A1lise_do_discurso_.pdf>. Acesso em: 18 nov. 2013.

RUBIN, Gayle. *The Traffic in Women: Notes on the “Political Economy” of Sex*. In: REITER, R. **Toward an Anthropology of Women**. Nova York: Monthly Review Press, 1975. p. 157-210.

_____. *Thinking Sex: Notes for a Radical Theory of Politics of Sexuality*. In: VANCE, Carol (Org.). **Pleasure and Danger: Exploring Female Sexuality**. Nova York: Routledge, 1984.

_____. **Pensando o sexo: notas para uma teoria radical das políticas da sexualidade**. 1984. Disponível em: <<http://www.miriamgrossi.cfh.prof.ufsc.br/pdf/gaylerubin.pdf>>. Acesso em: 18 nov. 2013.

_____. *The Leather Menace: Comments on Politics and S/M*. In: SAMOIS. **Coming to Power**. Boston: Alyson Publications, 1987.

_____; BUTLER, Judith. *Tráfico sexual – entrevista*. **Cadernos Pagu**, n. 21, p. 157-209, 2003. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-83332003000200008>. Acesso em: 15 abr. 2013.

RUSSO, Jane Araujo. *Do desvio ao transtorno: a medicalização da sexualidade na nosografia psiquiátrica contemporânea*. In: PISCITELLI, Adriana; GREGORI, Maria Filomena; CARRARA, Sérgio (Org.). **Sexualidades e saberes, convenções e fronteiras**. Rio de Janeiro: Garamond, 2004.

_____. *A terceira onda sexológica: medicina sexual e farmacologização da sexualidade*. **Revista Latinoamericana Sexualidad, Salud y Sociedad**, n. 14, p. 172-194, ago 2013. Disponível em: <<http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/SexualidadSaludySociedad/article/view/6863>>. Acesso em: 14 mar. 2014.

SACHER-MASOCH, Leopold von. **A Vênus das peles**. São Paulo: Hedra, 2008.

SADE, Marquês de. **Justine ou As desgraças da virtude**. [s.l.]: Entrelivros Cultural, [s.d.].

_____. **O corno de si mesmo & outras historietas**. Porto Alegre: L&PM, 2013a.

_____. **Os 120 dias de Sodoma ou A escola da libertinagem**. São Paulo: Iluminuras, 2013b.

SAMOIS. **Coming to Power: Writings and Graphics on Lesbian S/M**. Boston: Alyson Publications, Inc., 1987.

SANTOS, Ana Cristina. De objecto a sujeito? Olhares mediáticos sobre o ativismo LGBT português. **Revista Media e Jornalismo**, v. 8, n. 2, p. 69-82, 2009. Disponível em: <http://www.cimj.org/images/stories/docs_cimj/15artigo5.pdf>. Acesso em: 18 nov. 2013.

SANTOS, Raíra Bohrer dos. Prazeres vividos no ciberespaço: uma etnografia sobre BDSM no Second Life. In: **GT17: Deseos que confrontan: antropologia y sexualidades**. X Reunión de Antropología del Mercosur, Córdoba, jul. 2013.

SCOTT, Joan Wallach. Prefácio a Gender and Politics of History. **Cadernos Pagu**, n. 3, 1994. Disponível em: <<http://www.pagu.unicamp.br/sites/www.pagu.unicamp.br/files/pagu03.02.pdf>>. Acesso em: 23 mar. 2013.

_____. Gênero: uma categoria útil para análise histórica. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 71-99, jul./dez. 1995. Disponível em: <<http://www.direito.mppr.mp.br/arquivos/File/SCOTTJoanGenero.pdf>>. Acesso em: 17 mar. 2013.

SEDGWICK, Eve Kosofsky. A epistemologia do armário. **Cadernos Pagu**, n. 28, 2007. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/cpa/n28/03.pdf>>. Acesso em: 28 jan. 2014.

SENNETT, Richard. **O declínio do homem público: as tiranias da intimidade**. Trad. Lygia Araújo Watanabe. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

SILVA, Marcelle Jacinto da. **Linguagem, experiências e convenções de gênero e sexualidade no BDSM**. Monografia apresentada no Curso de Ciências Sociais da Universidade Federal do Ceará, 2012. Disponível em: <http://www.cienciasociais.ufc.br/monografias/2012_Marcelle_Silva.pdf>. Acesso em: 16 out. 2013.

SILVA, Weslei Lopes da. **Representações e vivências do corpo feminino em interações sexuais no ciberespaço**. Trabalho apresentado no 36º Encontro Anual da Anpocs. Águas de Lindoia, 2012. Disponível em: <http://www.anpocs.org/portal/index.php?option=com_docman&task=doc_view&gid=8231&Itemid=76>. Acesso em: 17 jun. 2015.

SONTAG, Susan. **Sob o signo de Saturno**. São Paulo: L&PM Editores, 1986.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. **Pode o subalterno falar?** Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

STALLYBRASS, Peter; WHITE, Allon. **The Politics & Poetics of Transgression**. Nova York: Cornell University Press, 1986.

STEELE, Valerie. **Fetichê**: moda, sexo & poder. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

STENDHAL. **Do amor**. Porto Alegre: L&PM, 2011.

TURNER, Victor. **Floresta de símbolos**: aspectos do ritual Ndembu. Niterói: EdUFF, 2005.

VANCE, Carol. **Pleasure and Danger**: Exploring Female Sexuality. Londres: Routledge & Kegan Paul, 1985.

VINCENT, Andrew. **Ideologias políticas modernas**. Rio de Janeiro: Zahar, 1992.

WEBER, Max. Rejeições religiosas do mundo e suas direções. In: **Ensaio de sociologia**. Rio de Janeiro: LTC – Livros Técnicos e Científicos Editora S.A., 1982.

WEISS, Margot. **Techniques of Pleasure**: BDSM and the Circuits of Sexuality. Londres: Duke University Press, 2011.

ZANETTI, Julia Paiva. Jovens feministas do Rio de Janeiro: trajetórias, pautas e relações intergeracionais. **Cadernos Pagu**, n. 36, p. 47-75, jan.-jun. 2011. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/cpa/n36/n36a4.pdf>>. Acesso em: 21 jun. 2014.

ZILLI, Bruno DallaCort. **A Perversão domesticada** – estudo do discurso de legitimação do BDSM na internet e seu diálogo com a psiquiatria. 95f. Dissertação (Mestrado em Saúde Coletiva) – Instituto de Medicina Social, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2007.

_____. **O consentimento no discurso de legitimação do BDSM**: sentimentos ou livre-arbítrio? Trabalho apresentado na 26ª Reunião Brasileira de Antropologia. Porto Seguro, 2008. Disponível em: <http://www.abant.org.br/conteudo/ANAIS/CD_Virtual_26_RBA/grupos_de_trabalho/trabalhos/GT%2019/Bruno_Zilli_GT19_ABA_2008.pdf>. Acesso em: 10 nov. 2013.

_____. BDSM de A a Z: a despatologização através do consentimento nos “manuais” da internet. DÍAZ-BENÍTEZ, Maria Elvira; FÍGARI, Carlos Eduardo (Org.). **Prazeres dissidentes**. Coleção: Sexualidade, gênero e sociedade. Rio de Janeiro: Editora Garamond, 2009a.

_____. BDSM e consentimento na internet. In: **VIII Reunión de Antropología del Mercosur (RAM) “Diversidad y poder em América Latina”**. Buenos Aires, 29 set. a 2 out. 2009b.

Filmografia

100 escovadas antes de dormir. Direção de Luca Guadagnino. Sony Pictures, 2005. (100 min.).

A BELA da tarde. Direção de Luis Buñel. Spectra Filmes, 1967. (101 min.).

A PROFESSORA de piano / La pianiste. Direção de Michael Haneke. Movie Star, 2001. (130 min.). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=mXV_u73vRMI>.

ALGOLAGNIA: a doc about BDSM Scene in Brazil/RJ. Argumento, direção e produção de Túlio Bambino. Produção associada de Sílvia Dualy. Rio de Janeiro: Distribuição de Túlio Bambino, Henrique Santana e José Viana Filho, 2006. 29h30min., sonoro e legendado. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=wT1PtjfJzkQ>>. Acesso em: 2 set. 2014.

CLUBE do Fetiche / Preaching to the perverted. Direção de Stuart Urban. 1997.

CONTOS proibidos do Marquês de Sade. Direção de Philip Kaufman. Fox Filmes, 2000. (124 min.).

DISTÚRBIOS do prazer. Direção de Johan Renck. Paramount, 2008. (97 min.).

EMMANUELLE. Direção de Just Jaeckin. 1974. (105 min).

MATA-ME de prazer / Killing me softly. Direção de Chen Kaige. Playarte Home Video, 2002. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=YhoOwQ1AOSQ>>.

SALÓ ou os 120 dias de Sodoma. Direção de Pier Paolo Pasolini. 1975. (116 min.).

SECRETÁRIA / Secretary. Direção de Steven Shainberg. Imagem Filmes, 2002. (104 min.).

SHORTBUS. Direção de John Cameron Mitchell. Process Productions / Q Television, 2006. (101 min).

SM-rechter. Direção de Erik Lamens, 2009. (90 min.)

UM MÉTODO perigoso. Direção de David Cronenberg. Imagem Filmes, 2011. (99 min.).

Blogues e sites visitados

<<http://www.pensamentoindecente.com>>. Acesso em: 3 nov. 2013.
 <<http://consensual.org.pt/>>. Acesso em: 7 nov. 2013.
 <<http://estilobdsm.wordpress.com/fetichismo/>>. Acesso em: 7 nov. 2013.
 <<http://mestredonorte.blogspot.com.br/>>. Acesso em: 7 nov. 2013.
 <<http://sitedocarcereiro.wordpress.com/>>. Acesso em: 7 nov. 2013.
 <<http://pt.wikipedia.org/wiki/BDSM>>. Acesso em: 18 nov. 2013.
 <<http://www.gladiusbdsm.com/>>. Acesso em: 18 nov. 2013.
 <<http://masonauta.blogspot.com.br/>>. Acesso em: 20 nov. 2013.
 <<http://outcampaign.org/>>. Acesso em: 20 nov. 2013.
 <<http://ateuedai.wordpress.com/>>. Acesso em: 20 nov. 2013.
 <<https://atea.org.br/>>. Acesso em: 20 nov. 2013.
 <<http://www.senhorverdugo.com/>>. Acesso em: 21 nov. 2013.
 <<http://castelodamaga.blogspot.com.br/>>. Acesso em: 21 nov. 2013.
 <<http://www.dsm5.org/>>. Acesso em: 23 nov. 2013.
 <<http://escrevalolaescreva.blogspot.com.br/>>. Acesso em: 23 nov. 2013.
 <<https://www.facebook.com/>>. Acesso em: 25 nov. 2013.
 <<http://www.medicinanet.com.br/>>. Acesso em: 25 nov. 2013.
 <<http://www.dicionarioinformal.com.br/>>. Acesso em: 25 nov. 2013.
 <<http://pt.wikipedia.org/>>. Acesso em: 25 nov. 2013.
 <<http://www.bolsademulher.com/>>. Acesso em: 30 nov. 2013.
 <<http://virtualpsy.locaweb.com.br/>>. Acesso em: 30 nov. 2013.
 <<http://www.dsm5.org/>>. Acesso em: 30 nov. 2013.
 <<http://castelodamaga.blogspot.com.br/>>. Acesso em: 30 nov. 2013.
 <<http://www.desejooculto.com.br/>>. Acesso em: 31 nov. 2013.
 <<http://www.amasmorra.com/>>. Acesso em: 31 nov. 2013.
 <<http://carcereiro.site88.net/>>. Acesso em: 5 mai. 2013.
 <<http://desejosenhosdesubmissao.blogspot.com>>>. Acesso em: 4 nov. 2013.
 <<http://submissoreal.blogspot.com.br/>>. Acesso em: 4 nov. 2013.
 <<http://cordasenos.blogspot.com.br/>>. Acesso em: 4 nov. 2013.
 <<http://desejosdeliriosecia.blogspot.com.br/>>. Acesso em: 5 nov. 2013.
 <<http://doreifobofilica.blogspot.com.br/>>. Acesso em: 5 nov. 2013.
 <<http://ayslaa.blogspot.com.br/>>. Acesso em: 5 nov. 2013.
 <<http://pandoradomme.blogspot.com.br/>>. Acesso em: 17 nov. 2013.
 <<http://fragilreino.blogspot.com.br/>>. Acesso em: 17 nov. 2013.
 <<https://rainhafragil.wordpress.com/>>. Acesso em: 17 nov. 2013.
 <<http://www.oocities.org/>>. Acesso em: 18 nov. 2013.
 <<http://sm-semmisterio.blogspot.com/>>. Acesso em: 18 nov. 2013.
 <<http://bdsmasadomaso.com/>>. Acesso em: 18 nov. 2013.
 <<http://www.maniaca.net/>>. Acesso em: 6 nov. 2013.
 <<https://plus.google.com/>>. Acesso em: 6 nov. 2013.
 <<https://br.answer.yahoo.com/>>. Acesso em: 8 nov. 2013.
 <<http://cinema.uol.com.br/>>. Acesso em: 02 jun. 2015.
 <<http://g1.globo.com/>>. Acesso em: 02 jun. 2015.
 <<http://cinema.uol.com.br/>>. Acesso em: 02 jun. 2015.
 <<http://www.diario24horas.com.br/>>. Acesso em: 02 jun. 2015.
 <<http://g1.globo.com/>>. Acesso em: 02 jun. 2015.
 <<http://veja.abril.com.br/>>. Acesso em: 02 jun. 2015.

<<http://ownersm.blogspot.com.br/>>. Acesso em: 25 nov. 2013.
<<http://disciplinabdsm.blogspot.com.br/>>. Acesso em: 25 nov. 2013.
<<https://inrot.wordpress.com/>>. Acesso em: 14 jun.2015.
<<http://xplastic.xpg.com.br/>>. Acesso em: 14 jun. 2015.
<<http://podolatrando.blogspot.com.br/>>. Acesso em: 14 jun. 2015.
<<http://masmorrars.blogspot.com.br/>>. Acesso em: 14 jun. 2015.
<<https://pt.scribd.com/>>. Acesso em: 15 nov. 2013.
<<http://revistamarieclaire.globo.com/>>. Acesso em: 12 out. 2013.
<<http://devaneiosdeumasubmissa.blogspot.com.br>>. Acesso em: 9 nov. 2013.
<<http://www.mestreka.com>>. Acesso em: 10 out. 2012.
<<http://www.supremaciafeminina.com.br/>>. Acesso em: 9 nov. 2013.
<<http://feticheclub.com.br>>. Acesso em: 9 nov. 2013.
<<http://srajade.blogspot.com.br>>. Acesso em: 4 abr. 2015.
<<http://escravasesubmissas.blogspot.com.br>>. Acesso em: 11 nov. 2013.
<<http://www.pergunteaumamulher.com>>. Acesso em: 11 nov. 2013.
<<http://escravoar.blogspot.com.br>>. Acesso em: 15 dez. 2013.
<<http://www.castelodarainhadecopas.blogspot.com.br>>. Acesso em: 6 abr. 2015.
<<http://subvron.wordpress.com>>. Acesso em: 15 dez. 2013.
<<http://sracastelo.blogspot.com.br>>. Acesso em: 02 dez. 2013.
<<http://casacoltrane.blogspot.com>>. Acesso em: 02 dez. 2013.
<<http://perfumedemorgana.blogspot.com.br>>. Acesso em: 02 dez. 2013.
<<http://mestreseservos.blogspot.com.br>>. Acesso em: 3 dez. 2013.
<<http://dialogosbdsm.blogspot.com.br>>. Acesso em: 3 dez. 2013.
<<http://www.adorocinema.com>>. Acesso em: 3 dez. 2015.
<<http://dominusdraco.com>>. Acesso em: 9 dez. 2013.
<<http://www.priberam.pt>>. Acesso em: 02 jan. 2013.
<<http://virtualpsy.locaweb.com.br>>. Acesso em: 21 jun. 2013.
<<http://kripthadommarc.blogspot.com.br>>. Acesso em: 23 out. 2013.
<<http://houaiss.uol.com.br/>>. Acesso em: 23 abr. 2015.